

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

RAFAEL TERRA DALL' AGNOL

BIOGRAFAR, IMAGINAR, ESCREVER:

Escrita Biográfica e Imaginação Histórica em João Manuel Pereira da Silva (1817-1898)

Porto Alegre

2017

RAFAEL TERRA DALL' AGNOL

BIOGRAFAR, IMAGINAR, ESCREVER:

Escrita Biográfica e Imaginação Histórica em João Manuel Pereira da Silva (1817-1898)

Dissertação de mestrado, elaborada sob orientação do Prof. Dr. Temístocles Cezar e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Porto Alegre

2017

CIP – Catalogação na Publicação

Dall' Agnol, Rafael Terra

Biografar, Imaginar, Escrever: Escrita Biográfica e Imaginação Histórica em João Manuel Pereira da Silva (1817-1898) / Rafael Terra Dall' Agnol. -- 2017.
86 f.

Orientador: Temístocles Américo Correa Cezar.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. História do Brasil. 2. Historiografia Brasileira. 3. Escrita da História. I. Cezar, Temístocles Américo Correa, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa concedida durante o curso de mestrado que possibilitou a realização deste trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPG/História/Ufrgs), por todo o apoio dado durante o mestrado. Da mesma forma, estendo o agradecimento a todos aqueles que foram meus professores durante o curso de graduação em História na Ufrgs.

Aos professores Benito Bisso Schmidt e Fernando Nicolazzi pelas críticas e sugestões que foram apontadas durante minha banca de qualificação. E se não consegui evitar todos os erros mostrados durante aquela manhã de junho, assumo inteira responsabilidade por isso. Aos professores Evandro dos Santos e Mara Cristina de Matos Rodrigues que, assim como Benito Bisso Schmidt, aceitaram o convite para fazer parte da banca examinadora final. Embora não tenha conseguido incorporar todas as suas contribuições, gostaria que soubessem que elas estarão na pauta de minhas futuras reflexões.

Um agradecimento especial ao professor Temístocles Cezar, a quem credito não somente a orientação desta dissertação, mas acima de tudo meu amadurecimento intelectual e uma contribuição inestimável à minha formação acadêmica. Com ele compartilho os possíveis acertos deste trabalho. Os eventuais equívocos devem ser creditados a quem começa a dar seus primeiros passos em direção à sua autonomia reflexiva, não sem muitas hesitações, dúvidas e tropeços.

Sou grato aos amigos e colegas do GT de Teoria da História e Historiografia, que contribuíram muito para a realização deste trabalho. Amplio esse agradecimento, de forma especial, a Antenor Savoldi Junior e Caio Zanin pelas risadas e aflições trocadas sobre os prazos a serem cumpridos durante os dois anos de pesquisa.

Aos meus amigos, agradeço por terem me ajudado a compreender que, embora a vida seja mutação, com aproximações e afastamentos, ela também é sinônimo de convivência. Um agradecimento especial ao amigo William. Por mais que eu não faça a menor ideia de como a gente se conheceu, acredito que, para ambos, todos esses anos de amizade têm valido muito a pena.

Aos meus familiares pelo apoio incondicional e insubstituível, sobretudo por nunca fazerem aquela famosa pergunta sobre “como vai a dissertação”.

RESUMO

Esta dissertação busca estudar a relação entre escrita biográfica e imaginação histórica nas obras de João Manuel Pereira da Silva, especialmente em *Plutarco brasileiro*. As vinte biografias produzidas pelo historiador nesse trabalho constituem a fonte principal desta pesquisa. A partir delas, é possível compreender o pensamento do autor sobre a utilização da capacidade imaginativa no trabalho historiográfico.

Palavras-chave: História do Brasil; Historiografia Brasileira; Escrita da História;

ABSTRACT

This dissertation seeks to study the relationship between biographical writing and historical imagination in the works of João Manuel Pereira da Silva, especially in *Plutarco Brasileiro*. The twenty biographies produced by the historian in this work constitute the main source of this research. From these, it is possible to understand the author's thinking about the use of the imaginative capacity in the historiographic work.

Keywords: History of Brazil; Brazilian Historiography; History Writing;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
PARTE I - ESCRITA BIOGRÁFICA	18
1 Do individual ao público: Pereira da Silva visto por si. Pereira da Silva visto por outros	19
2 <i>Plutarco brasileiro</i>: primeiras aproximações	26
3 Aprender sobre o passado por meio das biografias: entre a pedagogia e a pragmática da história	31
3.1 O indivíduo e a ordem do tempo: contra a fragmentação do discurso.....	31
3.2 História, biografia, literatura	39
3.3 Biografia e discussão historiográfica em Pereira da Silva: o caso Basílio da Gama ..	44
PARTE II - O HISTORIADOR E O ROMANCISTA.....	49
1 História e Imaginação.....	50
2 Entre os limites e as possibilidades da imaginação.....	52
2.1 Pereira da Silva analisa a imaginação histórica em Rocha Pita.....	52
2.2 Imaginação e estilo: do escritor ao historiador	58
2.3 A imaginação no poeta: os “atrevidos e arrojados voos” de Souza Caldas	60
3 Humboldt e a imaginação histórica: aproximações e afastamentos entre o poeta e o historiador	63
4 Ser romancista	70
5 Entre a história e o romance: entre o fato e a ficção	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	82

INTRODUÇÃO

Os dois volumes de *Plutarco brasileiro*¹ são os fios condutores desta dissertação. Publicada em 1847, a obra tem como autor João Manuel Pereira da Silva. Historiador, biógrafo, político e escritor, Pereira da Silva escreve um trabalho em que é possível observar a relação entre escrita biográfica e imaginação histórica. Em um primeiro momento, uma questão, talvez, possa surgir: como temas aparentemente tão díspares poderiam ser tratados em um mesmo nível de abordagem e de forma relacional? Ao analisar, de maneira mais aprofundada, as vinte biografias² produzidas pelo carioca de Iguazu, respostas podem ser esboçadas.

A edição do livro ficou a cargo dos irmãos Laemmert. Eduardo e Henrique, nascidos na Alemanha, foram pioneiros no mercado livreiro e tipográfico brasileiro. No que diz respeito a *Plutarco brasileiro*, havia um formato padrão estendido a todas as biografias escritas por Pereira da Silva. Basicamente, elas eram divididas em duas partes, mesmo que houvesse mais subdivisões. Primeiramente, era feito um relato acerca da vida da personalidade biografada para depois ser analisada, com mais detalhamento, a produção artística do indivíduo.

O que se observa após a leitura da obra, que dividiu opiniões em alguns periódicos da imprensa existentes no Segundo Reinado, ainda que em geral a recepção tenha sido positiva,³ é a existência de muitas menções à palavra *imaginação*, independentemente da origem do biografado e do tipo de contribuição deixada por ele no campo das artes a ser criticado por Pereira da Silva. Em certa medida, este é o cenário que se apresenta: ao lado dessa constatação, tem-se um conjunto de biografias produzidas por um historiador. História, biografia e imaginação são elementos constituintes de um trabalho que no ano de 1858

¹ SILVA, João Manuel Pereira da. *Plutarco Brasileiro*. Rio de Janeiro: Em Casa dos Editores Eduardo e Henrique Laemmert, 1847. 2 v.

² Os biografados por Pereira da Silva são: Jorge Coelho de Albuquerque (1539-1596); Padre José de Anchieta (1533-1597); Antonio Pereira Sousa Caldas (1762-1814); Fr. Francisco de São Carlos (1763-1829); José Basílio da Gama (1741-1795); Thomaz Antonio Gonzaga (1744-1810); Alexandre de Gusmão (1695-1753); Cláudio Manuel da Costa (1729-1789); Antonio José da Silva Coutinho (1705-1739); Gregório de Matos (1636-1695); Fr. José de Santa Rita Durão (1722-1784); Ignacio José de Alvarenga Peixoto (1742-1792); Manuel Ignacio da Silva Alvarenga (1748-1814); Salvador Correia de Sá e Benavides (1602-1688); Sebastião da Rocha Pitta (1660-1738); D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho (1742-1821); José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838); José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo (1753-1830); D. Francisco de Lemos de Faria Pereira (1735-1822) e José da Silva Lisboa (1756-1836).

³ A repercussão da obra em alguns periódicos oitocentistas será analisada mais adiante.

ganharia nova edição sob o nome de *Os varões illustres do Brazil durante os tempos coloniaes*.⁴

Dentro do contexto do Brasil oitocentista, ao lado da história, à biografia também cabia a tarefa de escrever a história da nação. Já no discurso de inauguração do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,⁵ um locus privilegiado para a construção do projeto nacional durante o Império e, de acordo com José Honório Rodrigues,⁶ o marco inicial da historiografia disciplinada do país, há a preocupação com a produção sistemática de biografias. Pela proximidade temporal e pelo contato de Pereira da Silva com o IHGB (Instituto Histórico Geográfico Brasileiro), pode-se inserir seu *Plutarco brasileiro* nesse conjunto mais amplo.

Muitos daqueles que foram retratados e analisados pelo autor de *Memórias de meu tempo*⁷ já tinham sido biografados por outros historiadores, tais como Varnhagen, e o autor não acrescenta nada de novo àquilo que outrora fora produzido. É por meio da narrativa de Pereira da Silva que a obra ganha em importância, menos pela riqueza literária do que pelas polêmicas que suscita. A adoção da fórmula biográfica tinha como pretexto uma preocupação com o leitor. Para ele, a obra também deveria ser agradável ao ser lida e isso passava pelo formato ideal a ser utilizado. Quer dizer, não foi por mero acaso essa escolha.

Pois bem, a fim de melhor compreender a relação entre biografia e história em *Plutarco brasileiro*, autores que trabalham há bastante tempo com a temática nos auxiliam nesse intento – seja por uma reflexão mais geral acerca do tema, seja pela ênfase dada ao caso brasileiro. Basicamente, cito Sabina Loriga, Maria da Glória de Oliveira e Benito Bisso Schmidt. A partir da leitura de seus trabalhos algumas interrogações aparecem.

A vida de um indivíduo pode esclarecer o passado? Qual a importância das biografias como forma de elaboração de experiências pretéritas? Quais relações a escrita biográfica guarda com a histórica? Dada a centralidade que o gênero biográfico assume neste trabalho, é necessária uma breve reflexão sobre seu papel, limitando-se a discussão ao século XIX. Não se trata de historiar todos os debates ocorridos sobre a narrativa de trajetórias individuais, mas de precisar alguns momentos-chave em que as biografias ocuparam posição de destaque, seja

⁴ SILVA, João Manuel Pereira da. **Os varões illustres do Brazil durante os tempos coloniaes**. Pariz: Livraria de A. Franck..., Livraria de Guillaumin..., 1858. 2 v.

⁵ Sobre o IHGB, ver: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. **Historiografia e nação no Brasil: 1838-1857**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

⁶ RODRIGUES, José Honório. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. In: _____. **A pesquisa histórica no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional/MEC, 1978. p. 37-40.

⁷ SILVA, João Manuel Pereira da. **Memórias de meu tempo**. Brasília: Senado Federal, 2003.

em torno das controvérsias suscitadas, seja devido à centralidade assumida no Brasil oitocentista.

O historiador Benito Bisso Schmidt, em *Biografia e regimes de historicidade*, aborda duas questões principais, a saber, a trajetória do gênero biográfico a partir das categorias propostas por François Hartog⁸ e as controvérsias que cercam os estudos biográficos atualmente, além de propor alternativas para superá-las.⁹ Na primeira parte de seu artigo, o historiador busca abordar a trajetória do gênero biográfico a partir da noção de *regimes de historicidade*, formulada pelo historiador francês. Para Schmidt, o século XIX foi caracterizado pela discussão a respeito do papel do indivíduo na história.¹⁰ Tal discussão ocorre no mesmo momento em que se busca constituir a história como uma disciplina científica, caracterizando um regime de historicidade moderno. Contudo, nesse mesmo período, a partir do surgimento das grandes filosofias da história, as biografias vão ocupando uma posição cada vez mais secundária dentro dos domínios da historiografia.

A vida de um indivíduo pode esclarecer o passado? Sim, trata-se de uma pergunta recalcitrante. Em 1863, o historiador Johann Gustav Droysen escreve que, se chamamos *A* o gênio individual, ou seja, tudo o que um homem é, possui e faz, então este *A* é formado por $a + x$, em que *a* possui tudo aquilo que advém das circunstâncias externas, de seu país, de seu povo, de sua época, etc., e o *x* representa a sua contribuição pessoal, a obra de sua livre vontade.¹¹ Ora, o que interessa aqui é este *x*. Como pensá-lo em um momento no qual a biografia, ou melhor, as ações, as características, os acontecimentos individuais, cedem espaço para modelos históricos explicativos que privilegiam uma visão totalizante e processual da história? Paradoxalmente, o século XIX propiciou um enorme campo de pensamento sobre o pequeno *x*, devido a autores que buscaram resguardar a dimensão individual da história, já que, segundo eles, a biografia possibilitaria também a compreensão do passado. Sabina Loriga, em *Des possibilités d'une histoire biographique*, reflete sobre essas questões.¹² Para a autora, a história biográfica tem como um dos aspectos positivos compreender melhor a relação entre história e biografia. Ainda de acordo com Loriga, sobretudo no XIX, quando o pensamento histórico atinge seu apogeu, há dois momentos-

⁸ HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiência do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

⁹ SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e regimes de historicidade. **Métis – História & Cultura**, v. 2, n. 3, p. 57-72, jan./jun. 2003.

¹⁰ *Ibidem*, p. 61.

¹¹ LORIGA, Sabina. **O pequeno x**: da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 14.

¹² *Idem*, *Des possibilités d'une histoire biographique*. In: CONFERÊNCIA IFCH/UFRGS, 25 set. 2006, Porto Alegre. Texto cedido pela autora. Agradeço ao professor Evandro dos Santos pela disponibilização do texto. As traduções feitas são de minha inteira responsabilidade.

chave que encorajam uma separação entre biografia e história: o impacto da história filosófica e o divórcio entre a história social e a história política.¹³

Em entrevista concedida aos professores Fábio Henrique Lopes e Adriana Barreto de Souza, a historiadora retoma essa ideia e também fala sobre a despersonalização do passado:

A fronteira que separa a história da biografia foi sempre bastante contrastada, e nós podemos encontrar, em todas as épocas, historiadores que esperaram uma separação definitiva entre elas. Mas, na realidade, o fosso entre os dois gêneros se aprofundou, sobretudo, ao longo do século XIX, quando o pensamento histórico atinge seu apogeu. Eu gostaria de sublinhar dois momentos-chave que encorajaram uma separação definitiva. O primeiro remonta ao fim do século XVIII e ao início do século XIX e está ligado, sobretudo, ao sucesso e ao impacto da história filosófica, enquanto que o segundo momento, que foi desencadeado nas últimas décadas do século XIX pelos historiadores, atinge o seio da história e coincide com o divórcio entre a história social e a história política. [...]

Houve, então, uma dupla despersonalização: a do passado e a do historiador, que pode falar como especialista, como perito, nunca como autor. Felizmente, também houve várias resistências a esse processo de despersonalização.¹⁴

Contudo, a perda de espaço da biografia também se deve, se tomarmos as considerações de Reinhart Koselleck,¹⁵ à mudança no conceito de história. No caso brasileiro, a historiadora Maria da Glória de Oliveira, ao estudar a biografia como problema historiográfico, parte de uma questão central: a da dissolução do *topos* da *historia magistra vitae* e sua relação com a produção de biografias escritas pelos letrados do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.¹⁶ Em síntese, a autora se questiona sobre que estatuto “as *vidas de indivíduos ilustres*” teriam para o trabalho do historiador em um momento no qual a história como disciplina buscaria mais a compreensão e explicação dos processos históricos em detrimento do caráter individual acerca do passado. O que se verifica nesse contexto é o questionamento da categoria antiga de herói ou de varão plutarquiano, a partir da ascensão de um novo personagem: o grande homem. Esses aspectos demonstram ser a biografia um gênero em construção no contexto brasileiro do século XIX. Ainda seguindo a argumentação da historiadora, no esforço coletivo que deveria resultar na elaboração da história nacional, os trabalhos biográficos desempenhariam importante papel, mas relacionado a uma função moralizante e pedagógica da história.

¹³Ibidem.

¹⁴ DE SOUZA, Adriana Barreto; LOPES, Fábio Henrique. **Entrevista com Sabina Loriga**: a biografia como problema. 2012. p. 26-37. Disponível em: <<http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/473>>. Acesso em: 3 out. 2018.

¹⁵ KOSELECK, Reinhart. *Historia magistra vitae*. Sobre a dissolução do *topos* na história moderna em movimento. In: _____. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 41-60.

¹⁶ OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Escrever vidas, narrar a história**: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

De fato, no conhecido discurso de inauguração do IHGB, Januário da Cunha Barbosa, secretário perpétuo do Instituto, nas mais de nove páginas publicadas pela *Revista*, em 1839, destina um espaço considerável à reflexão sobre a importância das biografias. A epígrafe do texto pertencente ao historiador Alexandre de Gusmão remete à necessidade de trazer à luz os fatos notáveis da pátria. A referência mais adiante a Cícero também serve como elemento de autoridade não somente para justificar a importância da fundação do IHGB, mas também para estimular seus membros para tão “audaciosa tarefa”:

- Começamos hoje hum trabalho que, sem dúvida, remediará de alguma sorte os nossos descuidos, reparando os erros e enchendo as lacunas, que se encontram na nossa historia. Nós vamos salvar da indigna obscuridade, em que jazião até hoje, muitas memorias da patria, e os nomes de seus melhores filhos; nós vamos assignalar, com a possível exactidão, o assento de suas cidades e villas mais notaveis, a corrente de seus caudalosos rios, a área de seus campos, a direcção de suas serras, e a capacidade de seus innumeraveis portos.¹⁷

Se para o cônego Barbosa as melhores lições que se podem receber são dadas pela história, qual seria a melhor forma de aprendê-las? Na vida dos grandes homens, já que ali “aprende-se a conhecer as applicações da honra, a apreciar a gloria e a affrontar os perigos, que muitas vezes são causas de maior glória”.¹⁸ O exemplo não poderia ser outro do que o livro de Plutarco:

O livro de Plutarco (diz o barão de Morogues) he huma excellente escola do homem, porque offerece em todos os generos os mais nobres exemplos de magnanimidade; ahi se encontra descoberta toda a antiguidade; cada homem celebre ahi apparece com seu genio, com seus talentos, com suas virtudes e com a influencia que exêrcera sobre seu seculo [...]; ahi vidas brilhantes e mortes illustres ensinão a amar a gloria, a apreciar suas causas, a prever os seus resultados, e a acautelarmo-nos daquelles perigos que a seguem como sombras, porque (diz M. Thomaz) os homens que pesão sobre o universo tambem lutão com o seu proprio peso; logo apoz a gloria achão-se frequentemente occultos o desterro, o ferro e o veneno.¹⁹

A escolha do escritor de Queroneia como um bom exemplo a ser seguido permite novamente constatar o aspecto mutável na relação entre biografia e história. Plutarco de Queroneia, em suas *Vidas paralelas*, faz a distinção entre os dois gêneros: “Não escrevemos *História*, mas *Vidas*”, está escrito no prefácio de *Vida de Alexandre*. Porém, dentro do regime de escrita da história no Brasil oitocentista, a biografia funciona como importante modo de elaboração de experiências do passado. Compartilhando objetivos comuns, ambos os gêneros

¹⁷ BARBOSA, Januário da Cunha. Discurso. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, 1839, tomo I, p. 13. Mantive a grafia original dos textos de época.

¹⁸ *Ibidem*, p. 14.

¹⁹ *Ibidem*, loc. cit.

não podem ser considerados como puros ou inalteráveis. Como ressalta Cezar, a biografia dos grandes homens como portadora de *exempla* é um projeto de ordem historiográfica. Ou seja, “não se trata de uma posição irrefletida, mas de um sinônimo aproximado do movimento da história. O mundo se transforma graça aos grandes homens”.²⁰ Conclui-se com isso que o projeto biográfico proposto por Barbosa possuía uma verdadeira pertinência histórica. Pode-se considerar Pereira da Silva e seu *Plutarco brasileiro* continuadores desse projeto.

É, pois, dentro desse leque de reflexões sobre as biografias, bem com suas relações com a história, que se insere a noção de imaginação. As constantes menções que Pereira da Silva faz à palavra, que serão mostradas no desenvolvimento desta dissertação, permitem também compreender, ainda que lateralmente, o próprio pensamento do escritor sobre esse tema. É aí que se observa um cuidado maior, quando a análise feita pelo autor de *Plutarco brasileiro* se refere aos historiadores. Embora a imaginação histórica aja naqueles que têm como matéria-prima de seu ofício a preocupação com tempos pretéritos, existem ressalvas quanta ao seu uso. Na medida em que escreve sobre seus biografados, sobremaneira quando comenta a produção artística deles, o historiador-biógrafo constrói quadros, retratos de uma época, objetivando tornar o passado legível. Essa busca está bastante próxima do sentido atribuído à palavra *imaginação* no Brasil oitocentista “Potência com que a alma representa na fantasia algum objeto: imaginação viva, potência de conceber, ou perceber e representar os objetos bem, e vivamente”.²¹ As palavras *fantasia* e *imaginação* aparecem juntas no dicionário de Antonio de Moraes, como se pode perceber. A relação entre ambas possui uma história específica que remonta à Antiguidade.²² Embora seja uma importante questão a compreensão dos motivos da sobreposição de uma pela outra, não é o foco aqui adentrar essa particularidade, porém chama atenção o fato de que ambas as palavras aparecem em *Plutarco brasileiro*.²³ Elas estão presentes até mesmo em uma mesma construção frasal.²⁴ Contudo, a

²⁰ CEZAR, Temístocles. Lições sobre a escrita da história: as primeiras escolhas do IHGB. A historiografia brasileira entre os antigos e os modernos. In: DAS NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira; GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal; GONÇALVES, Marcia de Almeida; GONTIJO, Rebeca (Orgs.). **Estudos de historiografia brasileira**. Rio de Janeiro: FGV, 2011. p. 108.

²¹ SILVA, Antonio de Moraes. **Dicionário da língua portuguesa composto pelo padre Rafael Buteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva**. Disponível em: <www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00299210>. Acesso em: 3 out. 2018.

²² LIMA, Luiz Costa. O imaginário e a imaginação. In: LIMA, Luiz Costa. **O controle do imaginário & a afirmação do romance: Dom Quixote, As relações perigosas, Moll Flanders, Tristram Shandy**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 110-155.

²³ Sobre esse ponto ver: BERNARDES, Joana Duarte. **Para além da imaginação histórica: memória, morte, phantasia**. 2014. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra.

²⁴ A título de exemplo: “[...] podemos firmar opinião dos meritos do poeta, admirar sua brilhante **imaginação**, e sua doirada **phantasia** [...]”. SILVA, João Manuel Pereira da. **História da fundação do Império brasileiro**. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1864-1868. v. 1, p. 251. Grifo meu.

imaginação nem sempre aparece da mesma forma entre os biografados pelo autor. O fato é que imaginação viva requer uma atitude ativa daquele que imagina. Quando se refere a um poeta e o elogia por sua capacidade imaginativa, o historiador a relaciona com a capacidade de criação artística. Ali, na poesia, quanto mais livre for sua possibilidade de *fantasiar*, melhor, não há quase limitações para a utilização do recurso. Já no que tange ao historiador, algumas ressalvas se fazem presentes, conforme dito anteriormente. Ela, a imaginação, precisava estar subordinada a critérios estabelecidos no século XIX, tais como a objetividade histórica, o uso de fontes no trabalho do historiador, o racionalismo histórico, etc. Seria possível dizer que a imaginação histórica deveria ser uma imaginação disciplinada? Talvez. Não obstante, acima de tudo, encontra-se o cuidado para não falsear o passado criando algo que não encontra respaldo em provas documentais, na verificação empírica, nas fontes, por exemplo. A dificuldade de tornar o irreal real ou de transformar o ausente em presente, em um passado presentificado, está no desafio e na atitude a tomar quando o historiador se depara com as lacunas de um texto histórico. Como preenchê-las?

De duas maneiras, dentre outras, é possível responder a esse questionamento. Haverá aqueles que advogarão a intrínseca relação da história com a poesia; do historiador com o poeta. Ciência e Arte, eles dirão. Ou seja, a história pode ser ciência e arte simultaneamente. Muito diferentemente do poeta, no entanto, ela precisa estar subordinada à experiência e à investigação da realidade. Em 1821, W. von Humboldt propõe, em uma conferência intitulada *Sobre a tarefa do historiador*, a utilização da imaginação para a consolidação da autonomia e da criatividade daquele que encontra a fonte principal do seu trabalho no passado.²⁵ Em Leopold von Ranke, observam-se ecos do que dissera o autor de *Sobre a variedade da estrutura das línguas humanas*. Conhecido injustamente (pois o termo é empregado em forma de crítica negativa) como o “pai da história científica”, a historiografia de Ranke primava pela objetividade, é verdade, mas nunca recusou a parte significativa da criação no trabalho do historiador. Consequentemente, revelar, contar o que no passado se passou exigia um trabalho de crítica das fontes, juntamente com a interpretação dos fatos pelo historiador, mas – e não menos importante – com o auxílio da imaginação e da criatividade para preencher as lacunas do texto histórico.²⁶ Por outro lado, Fustel de Coulanges adotou como postura metodológica a

²⁵ HUMBOLDT, Wilhelm von. Sobre a tarefa do historiador. In: MARTINS, Estevão de Rezende. **A história pensada**: teoria e método na historiografia europeia do século XIX. São Paulo: Contexto, 2010.

²⁶ RANKE, Leopold von. O conceito de história universal. In: MARTINS, Estevão de Rezende. **A história pensada**: teoria e método na historiografia europeia do século XIX. São Paulo: Contexto, 2010. p.202-216.

exclusão da imaginação e da subjetividade dos domínios da história. A história é única e exclusivamente uma ciência de acordo com seu pensamento.²⁷

Ciência ou Arte? Hayden White, em *O fardo da história*, escreve sobre o emprego, por parte de muitos historiadores, de uma tática fabiana contra críticos que se situam em campos afins do trabalho intelectual.²⁸ A tática, descrita por White, consiste na reivindicação da posse de um plano médio entre ciência e arte. De acordo com ele, isso permitiu, durante muito tempo, a afirmação de que somente na história haveria uma síntese harmoniosa entre a criatividade artística e o rigor científico. Com isso, o historiador também seria responsável por reunir dois modos distintos de compreensão do mundo. Vejamos, de forma mais pormenorizada, o que White entende por essa tática fabiana:

[...] A tática funciona mais ou menos desta maneira: quando os cientistas sociais lhe criticam a amenidade do método, a imperfeição do sistema de metáforas ou a ambiguidade das pressuposições sociológicas e psicológicas, o historiador responde que a história jamais reivindicou o status de ciência pura, que ela depende tanto de métodos intuitivos quanto analíticos e que os juízos históricos não deveriam, portanto, ser avaliados a partir de modelos críticos que só podem ser aplicados com propriedade às disciplinas matemáticas e experimentais. Tudo isso sugere que a história é um tipo de arte. Porém, quando os literatos lhe criticam a incapacidade de sondar as camadas mais sombrias da consciência humana e a relutância em utilizar modos contemporâneos de representação literária, o historiador volta à concepção de que a história é, afinal de contas, uma *semiciência*, de que os dados históricos não se prestam à “livre” manipulação artística e de que a forma de suas narrativas não é uma questão de escolha, mas exigida pela natureza da própria matéria histórica.²⁹

Um dos principais problemas dessa postura, além das críticas que a ela foram dirigidas, é o fato dela se apoiar em concepções antigas de ciência e de arte, localizadas em meados do século XIX. Durante esse período, discussões e reflexões sobre essa temática são importantes momentos para a compreensão do que hoje entendemos por conhecimento histórico, assim como quais seriam seus limites e suas possibilidades. Embora haja ainda essa busca de ocupação de estatuto epistemológico médio entre ciência e arte, se concordarmos com as colocações de Hayden White, advinda do século XIX, pode-se observar também, no momento em que a disciplina histórica tenta se firmar enquanto ciência com critérios e métodos próprios, uma fuga de qualquer aproximação com formas mais literárias de concepção do conhecimento. A imaginação histórica entra nesse conjunto de possibilidades e questionamentos quanto ao lugar atribuído à história justamente pela gama de opções que

²⁷ COLANGES, Fustel de. Aula inaugural do curso de história da faculdade de Estrasburgo (1862). In: MALERBA, Jurandir. **Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 317-318.

²⁸ WHITE, Hayden. O fardo da história. In: _____. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo: Edusp, 1994. p. 39-64.

²⁹ *Ibidem*, p. 39.

levanta ao historiador, no que tange à proximidade com a atividade artística e, por conseguinte, com o poeta, e pelos riscos que ela traz, paradoxalmente pelo mesmo motivo em que ela é vista como uma qualidade daquele responsável por trazer os acontecimentos do passado ao público do presente.

Este trabalho insere-se na linha de pesquisa de Teoria da História e Historiografia. Não obstante, como escrever sobre outro historiador? Após ter entrado em contato com a obra de Pereira da Silva, apresento um trabalho tendo ela como fonte principal. Isso me é propiciado através da historiografia. Antigamente o estudo sobre a escrita da história primava pela “realização e confecção de exaustivas listagens de autores e suas obras, supondo que um conjunto de informações biográficas adicionadas a este catálogo explicaria a obra, sua emergência e as questões abordadas”. Ou, “autores e obras eram remetidos a um contexto compreendido como locus de explicação e inteligibilidade das obras históricas”.³⁰ Não obstante, os trabalhos atuais buscam a realização de um procedimento diferente: escolhe-se um autor e uma obra não como um fim em si, mas por propiciar pontos de reflexão destacados dos contextos, dos debates, das tensões e conflitos em que o texto emerge.

Os trabalhos sobre *Plutarco brasileiro* e Pereira da Silva dentro de uma história da historiografia são bastante escassos. Por mais que se verifique um acréscimo considerável de trabalhos sobre a escrita da história no Brasil do século XIX, uma análise, de forma mais detalhada, sobre a escrita biográfica em Pereira da Silva constitui um fator relevante para a elaboração desta pesquisa por propiciar um diálogo com outros trabalhos dentro da história da historiografia, a partir de um autor ainda não muito estudado.

Dentre os trabalhos encontrados sobre *Plutarco brasileiro*, destaca-se o de Maria da Glória de Oliveira que, em *Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*, faz um estudo sobre a obra em um subtópico intitulado *Apologias a Plutarco*.³¹ Para a autora, a sua indagação principal nessa parte de seu trabalho se refere ao alcance e ao sentido do cânone antigo para a elaboração da história nacional.³² A pertinência da questão reside justamente no fato de que tanto Januário da Cunha Barbosa, primeiro-secretário do IHGB, quanto Pereira da Silva fazem menção a Plutarco, que foi um

³⁰ HARTOG, François. **O século XIX e a história**: o caso Fustel de Colanges. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. p. 13.

³¹ OLIVEIRA, 2011, p. 51-67.

³² Ibidem, p. 53.

filósofo e biógrafo grego autor de *Vidas paralelas* e *Moralia*.³³ Não obstante, não se verifica uma análise aprofundada de *Plutarco brasileiro*. Na verdade, a referência à obra não passa de poucas páginas, nas quais a autora busca responder a questão acima exposta. Outro trabalho encontrado é o artigo de Temístocles Cezar, intitulado *Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX*,³⁴ em que o autor busca analisar a relação entre história e biografia a partir de Pereira da Silva e Sébastien Auguste Sisson. Por mais que Temístocles Cezar mencione *Plutarco brasileiro*, sua análise recai sobre *Os varões illustres do Brasil durante os tempos colônias*, a partir do estudo da biografia de Rocha Pita. Na segunda parte de seu trabalho, o autor concentra-se na obra *Galeria de brasileiros illustres (contemporâneos)*, de Sisson. Por fim, dentro da escrita da história, encontra-se o trabalho de Armelle Enders *João Pereira da Silva, Francisco Adolfo Varnhagen et les malheurs de l'histoire moderne du Brésil*.³⁵ Como o próprio título sugere, Armelle detém-se nos dois historiadores que se dedicaram a escrever a história do Brasil independente sob o Império. Sua análise central é demonstrar o problema da legitimidade da história contemporânea, sobretudo quando havia referências nem sempre positivas acerca de D. Pedro I e de seus erros políticos. Sendo assim, este trabalho de pesquisa justifica-se como uma possibilidade de contribuição para ampliar a pesquisa historiográfica do Brasil oitocentista, a partir da relação entre história e biografia, bem como pela inserção da noção de imaginação histórica presente no trabalho de Pereira da Silva como um recurso cognitivo eficaz para a apreensão do conhecimento histórico.

Esta dissertação está dividida em duas partes. Na primeira delas concentro-me em *Plutarco brasileiro* e seu autor. Isto é, busco fornecer informações biográficas acerca de Pereira da Silva, assim como objetivo mostrar as polêmicas suscitadas quando da publicação do primeiro volume do livro de 1847, para depois analisá-lo de forma mais pormenorizada. Já na segunda parte deste trabalho, detenho-me no conceito de imaginação histórica presente nos trabalhos de João Manuel Pereira da Silva, além de tecer considerações sobre a relação entre ser historiador e romancista.

³³ Sobre Plutarco ver: SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. A biografia antiga: o caso de Plutarco. **Métis – História & Cultura**, v. 2, n. 3, p. 23-34, jan./jun. 2003.

³⁴ CEZAR, Temístocles. Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX. **Métis – História & Cultura**, v. 2, n. 3, jan./jun., 2003, p. 73-94.

³⁵ ENDERS, Armelle. João Pereira da Silva, Francisco Adolfo Varnhagen et l'histoire moderne du Brésil. **Revista de História (RH)**, edição especial, p. 115-129, 1. sem. 2010.

PARTE I
ESCRITA BIOGRÁFICA

1 DO INDIVIDUAL AO PÚBLICO: PEREIRA DA SILVA VISTO POR SI. PEREIRA DA SILVA VISTO POR OUTROS

“Tive sempre gosto pela história.”³⁶ Essa frase, encontrada na introdução de *História da Fundação do império brasileiro*, poderia, quem sabe, servir de lápide para o brasileiro Pereira da Silva. Não se trata de uma ilusão biográfica. Na verdade, ela apenas reforça que a extensa produção desse historiador poderia ser um indicativo do seu gosto e da sua disposição para a escrita da história.³⁷ Carioca de Iguazu, filho dos comerciantes portugueses Miguel Joaquim Pereira da Silva e Joaquina Rosa de Jesus e Silva, o historiador viveu por oitenta anos, tendo nascido em 1817 e falecido, na França, em 1898.³⁸ Ao lado da sua predileção pelas letras, Pereira da Silva teve muitas ocupações na vida política do Império brasileiro que o impediam de dedicar-se única e exclusivamente à sua paixão, embora sempre que podia reencontrava o prazer na leitura e escrita históricas, sobretudo “quando vinha o descanso, recuperavão o seu lugar as ocupações litterarias; sorria a Musa amiga e consoladora, attrahindo-me com suas meiguices e enfeitando-me com seus encantos”.³⁹

As ocupações políticas do historiador foram muitas. Sempre ao lado do Partido Conservador, foi um parlamentar destacado, tendo sido deputado provincial e senador, além de conselheiro titular do Império. A título de exemplo, das dezessete legislaturas do Segundo Reinado, Pereira da Silva apenas não se fez presente em seis.⁴⁰ Pode ter sido a sua grande amargura na vida pública a não nomeação como ministro. Jamais saberemos. Advogado, político, biógrafo, as facetas desse carioca de Iguazu são inúmeras, algo bem característico de boa parte dos letrados da época.

Ainda na introdução do livro, que tinha como temática a fundação do Brasil Império, começando por 1808 e finalizando com o reconhecimento formal da independência por Portugal, já no ano de 1825, Pereira da Silva busca dar provas da fidedignidade do seu trabalho com um método histórico aparentemente rigoroso em que não são poupadas a pesquisa, a reflexão e a meditação, tudo em busca da depuração da verdade. Talvez ele já estivesse pressentido as críticas que acabariam por vir. O aspecto importante é que na introdução

³⁶ SILVA, 1864-1868, p. 4.

³⁷ As obras de Pereira da Silva abrangem um campo variado de estilos desde o romance, a crônica e as antologias até seus trabalhos propriamente de história, dos quais cabem ressaltar: *História da fundação do império brasileiro*, em sete volumes, escrito entre 1864 e 1868; *Segundo período do Reinado de D. Pedro I no Brasil: narrativa histórica*, de 1871; e *História do Brasil de 1831 a 1840*, de 1879.

³⁸ Idem, 2003.

³⁹ Idem, 1864-1868, p. 5.

⁴⁰ Idem, 2003, p. 13.

de poucas páginas de uma obra de sete volumes, observa-se o escritor preocupado em assumir para o seu trabalho características vinculadas à história como disciplina científica:

Desde que me resolvi a pôr mãos nesta composição, não me poupei a fadigas para conseguir maiores esclarecimentos. **Pesquisei, estudei, meditei**, e comparei impressos e manuscritos, tradições orais e papéis de estado. **Esforcei-me por tirar a limpo a verdade**, separando-a do que pudesse obscurece-la. Com o andar dos tempos e o encontro de novos subsídios, haverá de certo que modificar e depurar ainda nesta historia. Na actualidade porém, **julgo que a devo publicar como a senti, compreendi e imaginei**. É pelo menos um trabalho consciencioso, e como tal atrevo-me a dar-lhe publicidade.⁴¹

A obra de grande fôlego produzida por Pereira da Silva, apesar de seu esforço por deixá-la o mais próximo possível da verdade, não estaria isenta de erros. Muitas coisas ainda poderiam ser trazidas, como informações e documentos, que poderiam invalidar algumas afirmações contidas em *História da fundação do império brasileiro*. Por isso, a noção do trabalho como algo incompleto. O tempo seria um aliado. A partir dele e de novos subsídios, como escreve o autor, a história seria aperfeiçoada. Enquanto isso não acontecia, era necessária a sua publicação. Na verdade, a sua própria publicitação auxiliaria no seu melhoramento.

De que maneira, poder-se-ia questionar o autor, seria essa história? Será que somente haveria espaço para a vida de grandes personalidades? Quem sabe, nas mais de mil páginas, apenas estariam presentes as narrativas cujos momentos são marcados por grandes tomadas de decisões, não havendo espaço para a irrelevância do cotidiano? Não é o que parece. A busca estava “[...] por apanhar ao vivo a physionomia e condição do povo, e apreciar em seus justos termos a organização das classes diferentes que formavão o todo da associação que residia tanto na metropole como na colonia”.⁴² E, por fim, o historiador avisa:

Explicando com franqueza as minhas ideias, e chamando a atenção de quem ler para as dificuldades que necessariamente me haviam de encontrar no correr da empreza a que me propuz, resta-me esperar tranquillo a sua aprovação para este novo escripto, tentado e realizado com a melhor boa fé, e inspirado apenas pela ambição de concorrer com uma pedra para a construcção do edificio da história do Brasil e de Portugal [...].⁴³

Na apresentação de alguém, para se tornar menos incompleta, também cabe espaço para que outras pessoas venham a falar ou a escrever, agora não mais na primeira pessoa, e sim na terceira. Nesse sentido, algumas discordâncias podem ser verificadas. No ano de 1880,

⁴¹ Idem, 1864-1868, p 4-5. Grifo meu.

⁴² Ibidem, p. 5-6.

⁴³ Ibidem, p. 8.

surge *Pantheon fluminense: esboços biográficos*,⁴⁴ obra de Prezalindo Lery Santos. Seguindo uma das tônicas do XIX, isto é, a composição de dicionários biobibliográficos, nesse trabalho o autor retrata algumas personalidades nascidas no Rio de Janeiro. E dentre elas, encontra-se espaço para João Manuel Pereira da Silva. Santos reconhece a destacada biografia do historiador enquanto político e até mesmo sua capacidade oratória, mas sem deixar escapar uma pequena crítica a “certa exageração de pensamento”. Contudo, parece consenso, segundo o autor, ser nas tribunas de conferência o lugar em que Pereira da Silva mais se distingue. Após os elogios, chega-se ao momento em que o autor discorre sobre as suas obras. A crítica é severa e recai sobre a falta de critério, frieza e imparcialidade, justamente aspectos que Pereira da Silva considerava ter atingido, conforme observado nas citações acima:

Como historiador o Sr. Pereira da Silva tem um grande defeito, o maior de todos, a falta de critério com que escreve, aceitando como verdadeiros e cobrindo-os com a auctoridade do seu prestigio litterario factos que não se acham comprovados, emuitos dos quaes foram invenção das praças publicas em momento de agitações. Não póde o historiador aceitar levemente as falsas opiniões creadas pelas opposições em seu plano de desmoralisar o objecto dos seus ataques. É isto cousa que todos os dias observamos, e que sempre se dá e se repete, em todos os paizes e em todos os tempos.⁴⁵

A seguir, ele escreve:

Principalmente como historiador do primeiro reinado, não soube o Sr. conselheiro Pereira da Silva guardar, ainda agora no fim de tantos annos, a imparcialidade e a frieza de historiador diante de acontecimentos que se passaram em uma epocha de effervescencia politica, em que as paixões tudo cegavam. Recolhendo os boatos das ruas e conventiculos, colligindo as noticias adrede inventadas e preparadas pelos exaltados em seus planos revolucionarios, transmittindo á posteridade a falsa apreciação e os inexactos commentarios a que nenhum acto, por melhor que seja, póde escapar desde que a ma fé quizer adulteral-o, o Sr. conselheiro Pereirada Silva poz o seu bello talento a serviço de uma causa má e torna-se digno da mais severa censura, que não poucas vezes lhe cabe.

E não somente em relação ao Sr. D. Pedro I, em varias occasiões injustamente apreciado nesses trabalhos históricos, como em referencia a muitos personagens que figuraram nos acontecimentos d'aquella epocha, deixou ele de proceder com a devida cautela. Ninguém ignora, por exemplo, as contestações que provocou a sua obra sobre o *Segundo periodo do reinado do Sr. D. Pedro I*.⁴⁶

A longa citação acima é necessária devido às informações que traz. De fato, em 1871, como já descrito na nota 2, *Segundo período do Reinado de D. Pedro I no Brasil: narrativa histórica* é publicado, três anos após o fim de *História da fundação do império brasileiro*.

⁴⁴ SANTOS, Prezalindo Lery. **Pantheon fluminense**. Esboços biographicos. Rio de Janeiro: Tip. G. Leuzinger & Filhos, 1880.

⁴⁵ Ibidem, p. 488.

⁴⁶ Ibidem, p. 488-489.

Escrever sobre esse período requeria alguns cuidados e o tom da crítica (se houvesse) dirigida ao monarca da dinastia de Bragança deveria ser muito moderado para não desagradar seu filho. Com a divulgação da obra, muitas contestações também surgiram. Há uma particularidade que para Pereira da Silva o beneficiaria ao escrever sobre esse período: a distância. Ou seja, ele não estava nem muito longe nem muito perto cronologicamente dos acontecimentos que buscava retratar.

Armelle Enders, em artigo já citado, trabalha o problema da legitimidade da história contemporânea durante a monarquia brasileira, não sem esquecer as implicações políticas disso. Depois da leitura de seu artigo, ficam evidentes as desvantagens e os riscos de se escrever sobre o primeiro reinado, ainda mais quando termos como “Revolução de Abril” aparecem nas referências a 1831. A impugnação à obra feita por Conrado Jacob de Niemeyer reforça isso. No ano de 1872, as mais de duzentas páginas escritas por ele são destinadas a corrigir os erros atribuídos à Pereira da Silva no que se refere ao então comandante das armas e presidente da comissão militar da província do Ceará durante 1824-1828.⁴⁷

Em outro dicionário biobibliográfico, Augusto Blake também escreve sobre Pereira da Silva.⁴⁸ Nessa obra, segundo as informações do autor, é possível saber o número de vendas da primeira edição de *História da Fundação do império brasileiro*, cerca de três mil.⁴⁹ Blake reprisa a crítica já vista no trabalho de Santos, apesar de elogiar a formação política e o apreço do historiador pelo mundo letrado: “E’ uma das pennas mais fecundas que o Brazil tem produzido, adquirindo para seu autor a mais alta e merecida reputação, tanto no paiz, como fora dele”.⁵⁰ Por sua vez, Inocêncio Francisco da Silva, em seu *Diccionario bibliographico portuguez*, faz uma série de reparos sobre as *Notas para a Bibliographia brasileira*.⁵¹ Mantendo um tom respeitoso, suas repreensões e correções relacionam-se a aspectos semelhantes àqueles apontados por Prezalindo Lery Santos:

Longe de mim a idéa de pretender nem remotamente offuscàr a valia e mérito da obra, que sou o primeiro a reconhecer, e que já conta em seu abono tantos e tão abalisados testemunhos. Todavia, a justa veneração que por diversos títulos consagro ao sr. dr. Pereira da Silva, não me impedirá de dizer, que muito desejaria

⁴⁷ NIEMEYER, Conrado Jacob de. **Impugnação à obra do Exm. Sr. Conselheiro João Manoel Pereira da Silva**: Segundo periodo do reinado de D. Pedro I no Brazil: narrativa historica - 1871, na parte relativa ao commandante das armas e presidente da Commissão Militar da provincia do Ceará de 1824-1828. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/182929>>. Acesso em: 3 out. 2018.

⁴⁸ BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. **Diccionario bibliographico brasileiro**. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional/Imprensa Nacional, 1883-1902. 7 v.

⁴⁹ Ibidem, p. 482.

⁵⁰ Ibidem, p. 480.

⁵¹ SILVA, Innocencio Francisco da. **Diccionario bibliographico portuguez**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1927. p. 409-412.

que elle tivesse procedido com mais severo escrúpulo na verificação de alguns factos, e datas, que nem sempre estão de acordo com a verdade sabida.⁵²

A crítica mais severa sobre a obra de Pereira da Silva será encontrada décadas mais tarde. Na primeira metade do século XX, mais precisamente em 1916, é publicado o livro *História da literatura brasileira*, de autoria de José Veríssimo.⁵³ Na introdução, datada de 4 de dezembro de 1912, o autor descreve de que maneira pensou e organizou seu livro. Para ele, “a literatura que se escreve no Brasil é já a expressão de um pensamento e sentimento que não se confundem com o português, e em forma que, apesar da comunidade da língua, não é mais inteiramente portuguesa”.⁵⁴ Com isso, a obra divide-se em duas partes: a primeira corresponde ao período colonial e a segunda ao nacional, havendo, entre ambas, um momento de transição ocupado pelos poetas mineiros indo até os primeiros românticos. No primeiro período do desenvolvimento da literatura brasileira, como é possível supor, insere-se tudo aquilo que ainda não havia adquirido outra feição que a meramente portuguesa. Seria uma literatura de desenvolvimento e, conseqüentemente, de formação: “pois que desenvolvimento implica formação e vice-versa, é todo o período colonial da nossa literatura, porém, apenas de desenvolvimento em quantidade e extensão, e não de atributos que a diferenciasses”.⁵⁵ Posteriormente, com o romantismo vê-se o surgimento de uma literatura nacionalista e, após a Independência, ainda mais patriótica. Contudo, o que chama atenção, e se relaciona de forma específica com Pereira da Silva, é a forma como José Veríssimo, já na penúltima página de sua introdução, caracteriza o historiador: “Pereira da Silva nenhuma confiança e pouca estima merece como historiador literário. Nunca investigou seriamente cousa alguma e está cheio de erros de fato e de apreciação já no seu tempo indesculpáveis”.⁵⁶

Ora, José Veríssimo diz exatamente o contrário do que foi escrito na *História da Fundação do império brasileiro*. Sua crítica é severa e suas palavras duras – e logo na introdução. A importância de *História da literatura*, dentre aquelas obras destinadas a historiar a literatura brasileira, é inegável. E isso acaba inevitavelmente conduzindo a uma leitura mais detalhada da obra na parte destinada ao historiador carioca.

A breve biografia e a análise do historiador como escritor aparecem no décimo capítulo, intitulado *Os próceres do Romantismo*.⁵⁷ Após Teixeira e Souza e antes de

⁵² Ibidem, p. 409.

⁵³ VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1954.

⁵⁴ Ibidem, p. 7.

⁵⁵ Ibidem, p. 13

⁵⁶ Ibidem, p. 24.

⁵⁷ Ibidem, p. 179-201.

Varnhagen, pode-se dizer que Pereira da Silva ocupa uma posição não muito cômoda, pois está depois do autor de *O filho do pescador*, considerado o primeiro romance escrito no Brasil, e precede aquele que escreveu a primeira história geral do país. O gosto para os estudos históricos desde a infância que Pereira da Silva dizia possuir, e que acabariam por transformá-lo em um dos escritores mais profícuos do século XIX, parece, para José Veríssimo, não ter refletido em uma escrita agradável, já que “é o tipo do amador, do diletante, em letras, escrevendo pelo gosto, acaso pela vaidade de escrever, sem no íntimo se lhe dar muito do que escreve e menos de como escreve”.⁵⁸ A analogia que o crítico faz soa até cômica:

Escrever era para ele um hábito, como que um vício elegante, qual jogar as armas ou montar a cavalo, um desporto agradável e distinto. Não lhe importava nem a têmpera das armas nem a qualidade do animal, o essencial para ele era jogá-las ou montá-lo. Assim a sua obra copiosa e volumosa, importante pelos assuntos, pouco vale pelo fundo e forma. **Historiador, escreveu história com pouco estudo, com quase nenhuma pesquisa, sem crítica nem escrúpulos de investigação demorada e paciente [...].**⁵⁹

Veríssimo, porém, reconhece o esforço do historiador, tendo escrito sistematicamente por tanto tempo. Além disso, há uma particularidade em Pereira da Silva. Ele foi o autor do primeiro romance de ficção histórica no Brasil, chamado *Jerônimo Corte Real*, de 1839. Seguindo os passos de Walter Scott, o livro procura retratar a época em que viveu o poeta português do século dezesseis. Se para o autor de *Plutarco brasileiro* havia a pretensão, nessa obra, de descer da chamada cúpula elevada, isto é, a história dos grandes homens, e ir ao encontro do mais humilde súdito da jovem nação imperial para traçar o perfil do “povo miúdo”, o que implica retratar um quadro fidedigno com a realidade observada e estudada, no que tange ao romance histórico o objetivo nem de perto foi alcançado, de acordo com o autor de *História da literatura brasileira*. “Os seus [romances] realmente não têm valia alguma como quadro das épocas que presumem pintar, nem qualidade de imaginação ou expressão que lhes atenuem seus defeitos”,⁶⁰ decreta José Veríssimo.

Embora o autodeclarado gosto pela história desse carioca de Iguazu o tenha motivado a escrever proficuamente durante sua vida, como foi demonstrado, sua escrita e seus trabalhos não estiveram isentos de contestações, críticas e debates. A sua vida conturbada, por outro lado, também não o ajudava na busca do silêncio necessário para materializar seus pensamentos e suas ideias. Tornar público, em igual medida, o resultado de seus escritos foi

⁵⁸ Ibidem, p. 188.

⁵⁹ Ibidem, loc. cit. Grifo meu.

⁶⁰ Ibidem, p. 180.

um desafio e um risco que Pereira da Silva esteve disposto a correr. Contudo, é inegável o sucesso de Pereira da Silva, pois quem mais, talvez, conseguiria vender em uma primeira tiragem mais de três mil exemplares de um livro de sete volumes sobre o período em que o país deixou de ser colônia e tornou-se metrópole?

O intuito de apresentar o historiador por meio de suas palavras e da de outros críticos não foi o de verificar quem possa vir a ter razão. O objetivo foi tão somente o de demonstrar a importância de alguém ainda muito pouco estudado, nem que seja ao menos pelas polêmicas que suscitou. Tendo conhecido, ainda que de maneira breve, João Manuel Pereira da Silva, agora é necessário partir para o objeto central desta dissertação, isto é, o seu *Plutarco brasileiro*.

2 PLUTARCO BRASILEIRO: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

No ano de 1847, a primeira parte de *Plutarco brasileiro* chega ao conhecimento do público. Com a publicação do primeiro volume, alguns periódicos fazem seus comentários com críticas e elogios. O autor, no final da segunda parte da obra, reserva um espaço para eles. Como Pereira da Silva escreve no epílogo do livro: “Entendemos que será agradável aos leitores ver impressos no segundo volume alguns juízos criticos que escreveram os illustres redactores, que se dignaram de analysar a obra”. As vinte biografias feitas pelo autor abrangem desde poetas, como Claudio Manuel da Costa e Thomás Antônio Gonzaga, e historiadores, como, por exemplo, Alexandre de Gusmão, até religiosos, entre os quais temos José de Anchieta e frei Francisco de S. Carlos.⁶¹ A opção por adotar a forma biográfica aparece logo na introdução: “por lhe parecer que narrando a historia dos homens illustres do seu paiz conjunctamente com as dos grandes successos, que tiveram logar durante suas vidas, mais agradava a seus leitores, e mais folgas lhe dava á sua atençaõ”.⁶² Isto é, havia a preocupação com seu público leitor. A obra deveria também ser agradável quando lida.

Historiador que escreve biografias ou biógrafo sem, no entanto, perder o compromisso com a crítica e a lição históricas? Segundo artigo de 26 de fevereiro de 1847, do periódico *Mercantil*, Pereira da Silva prefere o título de biógrafo, pois “[...] uma collecção de *vidas braileiras illustres*, [...] deve por certo agradar a maior numero de leitores, do que uma historia completa do Brasil, escripta em estylo severo”.⁶³ Além disso, esse conjunto de biografias de ilustres do país, “**ornada com as galas da imaginação e da poesia**”,⁶⁴ também é útil pelas lições que delas podem ser tiradas. É isso o que busca demonstrar o articulista do periódico na continuação de seu texto:

Além d’esta vantagem, que afiança maior vulgarização, uma seleção de biografias dos cidadãos mais notaveis tem seu fim particular e sua utilidade propria. Os grandes acontecimentos porque tem passado uma nação, as açções gloriosas de que justamente se ufana, resumidamente relatados e despidos de uma multidão de circumstancias insignificantes ou acessórias, gravam-se com mais facilidade na memoria: os nobres sentimentos, as virtudes, o valor, o genio, a sciencia, a gloria dos antepassados pintam-se ali como n’um espelho limpido e fiel; nada lhes vem escurecer o nativo esplendor, nada intercepta os seus brilhantes reflexos.⁶⁵

⁶¹ Ver nota 2.

⁶² SILVA, 1847, v. 1, p. vii-viii.

⁶³ Ibidem, v. 2, p. 228-229.

⁶⁴ Ibidem. Grifo meu.

⁶⁵ Ibidem, v. 2, p. 229.

A opção pela biografia, enquanto gênero de escrita, aproxima-se da *historia magistra vitae* na tentativa de delegar à posteridade os feitos dos homens do passado para serem passíveis de imitação no presente, o que caracteriza um espaço de experiência contínuo em que as três ordens de temporalidade – passado, presente e futuro – confundem-se através da exemplaridade, repetição e imitação. Essa parece ser a grande qualidade que a obra de Pereira da Silva, em seu primeiro volume, teria alcançado. Em um momento no qual havia a preocupação com os rumos a serem tomados pela incipiente nação, a ênfase no aspecto pragmático de *Plutarco brasileiro*, a sua utilidade, acaba se sobrepondo a outros fatores, tais como as preocupações com a pesquisa, o estudo, a escrita, etc.; fatores esses que, quando da publicação de *História da fundação do império brasileiro*, seriam realçados pelo próprio autor. Não que esses aspectos estivessem ausentes de uma crítica mais severa, como será visto a seguir, porém era necessário lembrar (talvez seja essa a intenção do articulista) o nobre serviço prestado por Pereira da Silva para o país:

O Plutarco Brasileiro é destinado a ser o mentor da mocidade, o guia da idade madura, o amigo da velhice. A uns oferecerá uma fonte inexgotável de úteis lições; a outros, um assumpto de meditações profundas, a todos um modelo por onde regulem o seu comportamento. A estes servirá de poderoso estímulo; a esses, de consolação, áquelles de castigo. Aos bons cidadãos louvará o terem seguido o exemplo que lhes deixaram os antepassados; aos máos exprobrará o tempo e a honra perdidos no meio dos ruidosos prazeres do mundo, ou dos cálculos do egoísmo. Será o nosso companheiro inseparável de todos os dias e de todas as edades. A mãe o repetirá a seu filho, o mestre o fará decorar por seus alumnos; o varão o lera nas horas vagas; os velhos, sabendo de cór, tomarão gosto em experimentar a memória dos netos.⁶⁶

Contudo, *Plutarco brasileiro* também foi alvo de críticas. A principal delas residia na falta de ordenação cronológica com que o autor compôs sua obra. Além do mais, Pereira da Silva deveria fugir dos riscos de produzir biografias caracterizadas pelos erros aos quais adverte outro crítico:

Hoje, para facilitar os estudos historicos, os escriptores tem-se dedicado ás biographias. [...] O indivíduo de que se escreve está, como diz Dunbar, no centro de um quadro com tal disposição de luz, que podemos conhecer sua marcha, actividade, influencia nos contemporaneos e o espirito de seu seculo. Não é porem assim que se escreve hoje a biographia. O estylo biographico de nossa epocha é vicioso, incapaz de dar conhecimentos politicos e historicos. Uma biographia de hoje é um panegyrico ou uma satyra, conforme as disposições benignas ou desfavoraveis do biographo.⁶⁷

⁶⁶ Ibidem, v. 2, p. 229-230. Grifo meu.

⁶⁷ Ibidem, v. 2, p. 219-220.

Muito diferentemente teria escrito Plutarco a vida dos homens ilustres, tanto romanos quanto gregos:

Não foi assim que Plutarco de Cheronéa escreveu as vidas dos homens illustres gregos e romanos. Os costumes, os factos historicos, a chronologia, as ideias moraes e philosophicas da epocha, a influencia dos homens celebres, tudo isso Plutarco estudou e soube; de sorte que quando lemos uma das suas *Vidas*, parece que nos achamos no seculo que elle descreve, tão vivas são as suas cores e tão perfeito seu trabalho!⁶⁸

Parece evidente que Pereira da Silva, ao escolher o título de seu livro, conhecia os escritos de Plutarco. Talvez, quem sabe, o próprio autor pudesse se pensar como um Plutarco. Contudo, há diferenças consideráveis entre *Plutarco brasileiro* e as *Vidas* do biógrafo de Queroneia.

Como ressalta Hartog, o sucesso de Plutarco não se restringiu somente ao mundo antigo. Em *Plutarque entre les anciens et les modernes*, o historiador faz um movimento de ida e de retorno aos antigos e modernos e analisa o impacto da obra do biógrafo.⁶⁹ Ele tinha como grande objetivo e justificativa para a sua “empresa biográfica” produzir a imitação no leitor. Consequentemente, procedia por meio de um paralelismo, procedimento esse que encontra plena vinculação com o princípio da história como mestra da vida, escreve Hartog.⁷⁰ Se em ambos, tanto para o carioca de Iguazu quanto para o cidadão romano, havia a preocupação em tornar conhecidos os atos dos grandes homens do passado no presente, em Pereira da Silva não há uma distinção clara entre os pequenos e os grandes fatos, além da ausência do paralelo enquanto instrumento heurístico como um princípio de imitação.

De certa forma respondendo ao chamado de Januário da Cunha Barbosa, a referência que Pereira da Silva faz a Plutarco mostra, entre outras coisas, que os modelos de escrita da história no Brasil oitocentista ainda eram bastante dependentes da cultura clássica. Por outro lado, a biografia, enquanto gênero de escrita, estava no Brasil oitocentista em processo de formação. Aqui a afirmação de Porto-Alegre faz-se de extrema pertinência:

O Plutarco Brasileiro é um momento triunfal; é uma obra de longo folego, que ganhará de dia em dia novas perfeições, novos toques de remate com o andar dos annos, com a colheita dos factos, com o engrandecimento do numero, e com a perfeição e a madureza que o tempo estampa em todos os trabalhos historicos. Este livro brindado ás letras do paiz terá longa duração, e augura ao seu auctor uma nomeada duradoura, si elle durante a sua vida o for retocando, e ampliando como convêm: um erro estampado é um veneno que se lança á posteridade; é um ponto

⁶⁸ Idem, v. 2, p. 220.

⁶⁹ HARTOG, François. *Plutarque entre les anciens et les modernes*. In: PLUTARQUE. **Vies parallèles**. Paris: Gallimard, 2001. p. 9-49.

⁷⁰ Ibidem, loc. cit.

falso de projecção no perimetro da historia; e toda a humanidade é desviada da senda da verdade, logo que os idealistas ou historiadores falsificam os acontecimentos.⁷¹

Porto-Alegre aponta para uma outra dimensão que *Plutarco brasileiro* ajudava a reforçar, a ideia de uma obra aberta, que precisava passar por constantes retoques e aperfeiçoamentos para alcançar a verdade. Verdade essa que requer tempo. Para buscá-la era importante a continuação da pesquisa histórica. Crítica apurada e grande lição histórica seriam os dois requisitos encontrados ao longo das vinte biografias escritas por Pereira da Silva:

O Plutarco Brasileiro é um trabalho que honra a seu auctor. Tem os dous essenciais requisitos; *grande lição historica e critica apurada*. O Sr. Pereira da Silva não descreve simplesmente a vida *chronologica*, como diz Schlosser, dos Brasileiros celebres; descreve tambem a vida *intellectual* e os trabalhos litterarios e scientificos; julga-os depois comparando-os com os estrangeiros que se illustrarão em trabalhos correspondentes, e facilita por este modo á nossa mocidade o estudo comparado da litteratura brasileira.⁷²

Quando lidos em conjunto os artigos presentes no epílogo do livro, percebe-se uma ideia de que a recepção, de maneira geral, teria sido muito positiva. As críticas estariam em segundo plano devido à predominância dos elogios destinados ao autor e sua obra. Não obstante, os artigos ali publicados foram selecionados por Pereira da Silva. Não se trata de duvidar da “honestidade intelectual” do historiador. Contudo, é inevitável não pensar sobre quais critérios ele teria utilizado na seleção dos periódicos que se fazem presentes no segundo volume de seu trabalho. Não consta como um dos principais objetivos desta dissertação fazer um levantamento detalhado da repercussão que a obra teve quando divulgada, mas apenas o de tentar demonstrar, nesta parte do trabalho, algumas discussões a respeito da escrita biográfica a partir do que estava sendo levado em consideração pelos articulistas ao se referirem a *Plutarco brasileiro*. Com a repercussão que teve, contudo, uma nova edição foi publicada, não sem antes ser revista e aumentada, em 1858. Com o título de *Os varões illustres do Brazil durante os tempos coloniães*, o autor procurou, sobretudo, corrigir a cronologia da obra, ao estabelecer um plano que começa no século XVI até o XVIII. Nas palavras de Innocencio Silva, tratava-se do “*Plutarco brasileiro* refundido, augmentado e melhorado, por modo que parece um trabalho inteiramente novo”. Seu autor soube ouvir as críticas e “[...] não só dispoz as biographias segundo a ordem chronologica, que faltava na

⁷¹ SILVA, 1858, p. 9.

⁷² Ibidem, p. 220. Grifo meu.

primeira edição, mas aperfeiçoou mais a phrase, cortando pelo demasiado viço do estylo, conseguindo tornal-o mais cerrado, e proprio do genero historico”.⁷³

⁷³ SILVA, 1858-1927, p. 408-409.

3 APRENDER SOBRE O PASSADO POR MEIO DAS BIOGRAFIAS: ENTRE A PEDAGOGIA E A PRAGMÁTICA DA HISTÓRIA

3.1 O indivíduo e a ordem do tempo: contra a fragmentação do discurso

“Era Thomaz Antonio Gonzaga de estatura pequena, cheio de corpo: tinha physionomia clara e espirituosa, animada por dous olhos azues, vivos, e penetrantes [...]”.⁷⁴ É dessa forma que Pereira da Silva inicia a descrição do poeta mineiro conhecido pelo nome arcádico Dirceu. Posteriormente, ele acrescenta: “encantava com sua conversação alegre, jovial, e engraçada; suas maneiras delicadas e polidas attrahiam-lhe todos os corações”.⁷⁵ A aproximação entre leitor e biografado, feita por Pereira da Silva por meio da palavra, é importante na busca da inteligibilidade do passado. Descrever aqui significa fazer ver, se possível, ou auxiliar na montagem de um quadro de época presente na imaginação de quem lê, mas orientado por quem escreve. Em um primeiro momento, visto de uma perspectiva individual – o poeta –, para vinculá-lo a um determinado contexto histórico e social. Além desse aspecto, a forma como Pereira da Silva retrata o biografado estimula a construção de uma empatia entre o leitor e o poeta, algo que será necessário haja vista os acontecimentos em que Gonzaga esteve envolvido.

O que chama atenção, no entanto, é o lugar destinado à descrição do autor de *Cartas chilenas*⁷⁶ – entre o meio e o fim da obra. Normalmente, Pereira da Silva seguia uma sequência em que as primeiras páginas eram destinadas à apresentação do biografado, de forma quase sempre cronológica, para depois de feita a biografia da personalidade escolhida partir para a análise de seu trabalho enquanto homem de letras. Em relação a Tomás Antônio Gonzaga, ele inicia de forma diferente da dos outros relatos. Ele começa pelo acontecimento mais trágico da vida do poeta: o seu envolvimento no que viria a ser conhecido como Inconfidência Mineira. Entre a chegada e a ida de uma fragata portuguesa, muitas coisas acabam sucedendo:

Em 9 de Julho de 1790 recebeu o Conde de Rezende, das mãos de Luiz de Vasconcellos e Souza, o governo do Estado do Brazil: um anno não tinha ainda decorrido, quando uma bella fragata portugueza, de nome GoIphinho, entrou no porto do Rio de Janeiro, trazendo a seu bordo os desembargadores Antônio Gomes Ribeiro, e Antônio Diniz da Cruz e Silva, nomeados pela Rainha D. Maria I, para que, unidos com o chanceller da Relação, Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho, e outros magistrados da escolha do Vice-Rey, julgassem, em alçada

⁷⁴ SILVA, 1847, v. 1, p. 175.

⁷⁵ Ibidem, loc. cit.

⁷⁶ GONZAGA, Tomás Antonio. **Cartas chilenas**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

extraordinária , e summarissimamente, os indiciados no crime de rebelião, que se tentara na capitania de Minas Geraes, segundo que haviam communicado a S. M. o Vice-Rey Luiz de Vasconcellos, e o governador e capitão general de Minas, Visconde de Barbacena.⁷⁷

Algumas páginas adiante:

Mezes depois a mesma bella fragata, que de Lisboa trouxera os dous magistrados, que tinham julgado o processo, regressou á Lisboa levando os condemnados sacerdotes, e mais o doutor Domingos Vidal Barboza, José de Rezende Costa, pai, e filho, e outros degradados, que de lá seguiram para seus destinos de Sanctiago, e Cabo Verde.⁷⁸

O que Pereira da Silva narra entre uma citação e outra são os acontecimentos referentes à Inconfidência Mineira, conforme já dito – desde a viagem feita por Tiradentes para a Europa e os EUA, passando pela montagem do plano da revolta e terminando nas condenações, degredos e morte dos envolvidos. Por ter muito o que relatar, afinal, o movimento de 1789 foi – e continua sendo – de considerável importância na história do país devido às suas mais diversas ressignificações, Pereira da Silva pode correr o risco de perder-se na sua narração em meio ao excesso de informações disponíveis, que se sucedem em meio à descrição dos acontecimentos. Ora, como forma de construir um retrato de época em que a figura do biografado é inserida e ainda objetivando o que dizia o prefácio de *Plutarco brasileiro*, é importante a busca de um elemento capaz de manter certa unidade e coerência à obra. Como encontrar essa ordem? A partir dos percursos individuais. Isto é, são os personagens que organizam a narrativa seja no tempo, seja no espaço.⁷⁹ Vejamos um exemplo.

Quando Pereira da Silva relata os planos dos participantes do movimento de criar na capitania uma república, universidades de estudos, manufaturas, etc., a tentativa de ter o apoio do povo, utilizando como pretexto as notícias espalhadas de que se limitaria o número de escravos a que cada proprietário tinha direito e a cobrança da derrama, logo após surge a figura de Tomás Antônio Gonzaga buscando ordenar esse conjunto de acontecimentos:

Thomaz Antônio Gonzaga recebeu n'este entretanto carta de nomeiação de desembargador para a Relação da cidade da Bahia, e ordem de partir: apressou-se á aconselhar ao intendente, e á junta da fazenda, que exigissem o pagamento dos atrasados conjunctamente com a importância da derrama do anno, de combinação,

⁷⁷ Ibidem, p. 167.

⁷⁸ Ibidem, loc. cit.

⁷⁹ O historiador Evandro dos Santos, em sua dissertação de mestrado, também chama atenção para esse aspecto ao referir-se a Varnhagen. SANTOS, Evandro dos. **Tempos da pesquisa, tempos da escrita**: a biografia em Francisco Adolfo de Varnhagen (1840-1873). 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

como é de supôr, com os revolucionários, a fim de aumentar a odiosidade publica contra o governo, e de validar a noticia espalhada adrede pelos conjurados: verdade é que elle no seu interrogatório negou sempre cumplicidade no crime, e protestou por sua innocencia; assegurando que dera este conselho para o fim de perfeitamente conhecer o governo que era tal cobrança impossível, e por este conhecimento deliberar-se a Rainha á perdoar aos devedores.⁸⁰

Mais do que somente inserir o poeta nos desdobramentos do movimento, algo por si só evidente haja vista a importante participação que Gonzaga teve, parece que os acontecimentos se sucedem, ou em melhores termos, encontram inteligibilidade e sentido por meio do biografado. A história acontece mediante o autor de *Marília de Dirceu*,⁸¹ que, inexoravelmente, não tem controle sobre suas consequências. Com isso, a pergunta referente à fórmula proposta por Droysen aqui é atualizada ao pensarmos no papel do pequeno *x*.⁸² Qual é o seu papel dentro de *Plutarco brasileiro*?

Primeiramente, é necessário acentuar um aspecto importante. Não se trata de qualquer pessoa. Como já notado na análise de trechos do discurso de inauguração do IHGB, feita algumas páginas acima, o projeto biográfico proposto pelo cônego Barbosa tinha verdadeira pertinência histórica, no sentido de que a história ocorria graças à ação do indivíduo, no caso em questão, do chamado “grande homem”. Como argumenta a historiadora Maria da Glória de Oliveira,

[...] as reflexões filosóficas do final do século XVIII, na mesma medida em que contribuem para a constituição da concepção de história como agente e sujeito de si mesma, também colocam em xeque a categoria antiga de herói ou de varão plutarquiano, em nome de um novo personagem: o grande homem.⁸³

Quais seriam, portanto, as características desse ser “excepcional”? Vinculada à cultura das Luzes, essa noção representa o surgimento de uma nova exemplaridade heroica e de uma nova pedagogia heroica. Será mediante as ações do grande que se tornará possível compreender o espírito de uma época. No Brasil oitocentista, embora se encontre menções ao modelo de exemplaridade plutarquiano, cujo exemplo a que se pode referir é o próprio título da fonte principal desta dissertação, a ênfase na noção do grande homem e tudo o que ela representa estará presente:

À luz dos princípios enunciados pelo cônego Cunha Barbosa, o projeto de escrita da história nacional desdobrava-se em múltiplas vias de realização, entre as quais estava a constituição de uma galeria de nomes dignos, a serem memorizados por

⁸⁰ SILVA, 1847, v. 1, p. 170.

⁸¹ GONZAGA, Tomás Antonio. **Marília de Dirceu**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

⁸² LORIGA, 2011, p. 14.

⁸³ OLIVEIRA, 2011, p. 17.

seus grandes feitos em prol da nação. Não obstante a evocação recorrente ao modelo de exemplaridade plutarquiano, a noção-chave implícita na formação do panteão brasileiro será a do grande homem das Luzes, louvado por personificar a excelência do homem letrado, benfeitor da humanidade e sobretudo dotado de virtudes exemplares como servidor do Estado. A publicação regular e *em série* das biografias desses personagens sugere, portanto, que eles encarnam valores coletivos celebrados pela sociedade do Segundo Reinado.⁸⁴

O espaço destinado à dimensão individual dentro de *Plutarco brasileiro*, com isso, extrapola a mera escolha de um formato que o autor decidiu dar à sua obra para agradar aos seus leitores. Tomás Antônio Gonzaga aparece como elemento aglutinador que mantém coesão à narrativa. Junto a isso é possível também aprender sobre o passado, ou seja, a biografia ensina. Em outros termos, biografia e história então se encontram. Longe de ser um caso reservado ao poeta mineiro, quando o historiador escreve sobre José Bonifácio é possível encontrar os mesmos aspectos observados acima.

Nascido em 13 de junho de 1765, Bonifácio teve muitas funções e interesses de estudo. Foi estadista, naturalista e poeta, além de ter tido papel decisivo para a efetivação da Independência do Brasil. Pela sua importância para a história do país, ele ocupa lugar considerável na obra de Pereira da Silva. As mais de quarenta páginas destinadas à sua biografia abrangem resumidamente a vida do patriarca e seu trabalho enquanto um homem de letras. A relação presente entre o particular e o geral, assim como em Tomás Antônio Gonzaga, é representativa da tentativa de Pereira da Silva de não menosprezar, e tampouco sobrevalorizar, um ou outro, mesmo quando ocorre um descompasso entre ambos, conforme pode-se ler abaixo:

Emquanto a Europa estremecia sob o peso dos acontecimentos políticos, que tão cruelmente magoaram os últimos anos do século XVIII; enquanto o mundo como que tomava nova face, já movido pelo estrepito horroroso da revolução franceza — e já espantado com os espectáculos novos e variados, por que passava;—emquanto por toda a parte se não tratava senão de guerra, —José Bonifácio de Andrada e Silva tinha unicamente olhos e pensamento para o estudo das sciencias; —para elle, e—só para elle applicava seus cuidados, e sua ambição!⁸⁵

E logo adiante:

Dez annos durou a peregrinação scientifica de José Bonifácio de Andrada e Silva! E — dez annos dos tempos críticos da Europa!—Dez annos, em que todas as nações se levantavam para lutar; — em que desde o Newa até o Guadalquibir,— desde o Dee

⁸⁴ Ibidem, p. 20-21.

⁸⁵ SILVA, 1847, v. 2, p. 115.

até o golpo de Tarento —tudo eram levas de soldados — retinir de armas,— fogo de combates —, e ribombo de artilharia!⁸⁶

No que diz respeito à sua ação política, ela é vista com algumas ressalvas por Pereira da Silva. Após o fim da sua sossegada vida como naturalista, o patriarca da Independência é inserido no conjunto de acontecimentos que o historiador descreve, que culminaram na ruptura política com Portugal:

Portugal havia aceitado o regimen constitucional, e nomeado côrtes para tratarem dos públicos negócios. EI Rey D. João VI se retirara para Lisboa, deixando no Rio de Janeiro seu filho primogênito o príncipe D. Pedro, na qualidade de regente do Brazil. As côrtes portuguezas, no intuito de subordinar mais fortemente o Brazil a Portugal, ordenaram por decretos de 29 de Setembro de 1821, que ficassem extinctos os tribunaes da chancellaria e do thesouro, a junta do commercio, e varias repartições centraes que EI Rey D. João VI estabelecera no Brazil, quando o elevara em 1815 á calhegoria de Reyno; e por outro decreto de equal dacta que o príncipe D. Pedro regressasse a Portugal.⁸⁷

Diante desse período conturbado, a figura de José Bonifácio é importante, de acordo com o autor, devido à sua liderança e capacidade de articulação.

Foi geral o descontentamento dos Brasileiros, e unisono seu grito de guerra. José Bonifácio de Andrada e Silva se collocou á frente do movimento. Bateu-lhe de rijo o patriótico coração. Desamparou casa e família. A junta provincial se reunio em S. Paulo em 24 de Dezembro de 1821. Foi José Bonifácio de Andrada e Silva o vice-presidente. A' sua voz adheriram todos. Uma representação redigio em nome da junta , dirigida ao príncipe regente , na qual se lhe implorava a graça de suspender sua viagem para a Europa , e de se conservar no Brazil. José Bonifácio de Andrada e Silva veio em pessoa ao Rio de Janeiro trazer ao príncipe regente esta representação. Este primeiro passo encontrou apoio no povo do Rio de Janeiro, e no de Minas Geraes. O príncipe regente acquiesceu aos desejos dos Brasileiros, unio sua causa á causa d'lles, sua gloria á gloria d'elles, e sua historia á historia do Brazil.⁸⁸

Ao longo da biografia, o autor busca vincular à Bonifácio um sentimento patriótico capaz de fundar uma nova nação. Eram momentos decisivos para o destino que se queria para o país. Aos olhos de quem lê a obra, por outro lado, se não havia mais a necessidade de criar um novo país e com ele um sentimento de pertencimento que não existia, tinha-se como tarefa a manutenção da monarquia depois do período conturbado trazido pelas chamadas revoluções liberais da década de quarenta. O que esperaria o leitor da obra com a narração de todos esses fatos? Difícil saber exatamente. No entanto, a biografia, ainda vinculada a uma história que não recusa seu papel de *magistra vitae*, ainda que se observe a perda da força do *topos* já no século XVIII, auxiliaria na demonstração de exemplos e atitudes a seguir e a evitar. Pois bem,

⁸⁶ Ibidem, v. 2, p. 116.

⁸⁷ Ibidem, v. 2, p. 124-125.

⁸⁸ Ibidem, loc. cit.

se o sentimento patriótico demonstrado por José Bonifácio devia ser relembrado e elogiado, seus erros políticos representam um exemplo oposto.

Proclamada a Independência, os primeiros problemas surgem advindos das discussões em torno da nova Constituição. As divisões e os conflitos de opiniões dos diversos “partidos” existentes terminaram por desencadear uma atitude autoritária de D. Pedro I. Ele dissolve a Assembleia Constituinte de 1823, levando à deportação de José Bonifácio. Como resultado, o reconhecimento de erros tanto do imperador quanto do patriarca:

Si José Bonifácio de Andrada e Silva commetteu graves erros—já quando ministro adoptando como seu um partido extremo, e extremo democrático, elle ministro de uma monarquia,—já quando chefe de opposição, e fora do poder, combatendo o governo de modo a diluir-lhe os fundamentos e a tirar-lhe a força moral de que todo o governo carece,—e particularmente um governo que nascia de uma revolução, e que guarda portanto em seu seio vestígios de sua origem desorganizadora;—erros commetteu também D. Pedro I, empregando a arma da violência, que apenas presta força momentânea, e estraga a própria mão que d’ella se serve.⁸⁹

As biografias de Tomás Antônio Gonzaga e José Bonifácio de Andrada e Silva foram selecionadas nesta parte da dissertação porque elas possibilitam vislumbrar algo presente em boa parte das trajetórias de vida inseridas na obra de 1847. A figura do biografado sendo realçada e também, em alguns momentos, criticada, é vista como um elemento constituinte para manter certa unidade à narrativa, mediante a sucessão de descrições dos vários acontecimentos passados. Com isso, em *Plutarco brasileiro* biografia e história partilham a mesma função, já descrita neste trabalho, relacionada à questão nacional. A elas é conferido o papel de narrar a história da nação. Pode-se considerar ser essa uma tônica no período, desde o chamamento feito por Cunha Barbosa, passando pela seção destinada às biografias dentro do IHGB. O que é interessante de observar é que mesmo Pereira da Silva se inserindo nessa linha de autores responsáveis por escrever a história do país e estimular no leitor um apreço pela nação, ele o faz de maneira a suscitar algumas críticas após o lançamento do primeiro volume do livro, conforme observado acima. Outro aspecto, porém, aparece também na obra e diz respeito à retórica da nacionalidade. O retorno à biografia de Gonzaga nos possibilita observar essa questão.

⁸⁹ Ibidem, p. 133.

Conforme destaca Cezar, a retórica da nacionalidade constituía um recurso, um discurso histórico destinado a persuadir os brasileiros de que eles compartilhavam de um passado em comum e, por consequência, também de um presente.⁹⁰ Em seu artigo *A retórica da nacionalidade de Varnhagen e o mundo antigo: o caso da origem dos tupi*, ele acrescenta que a história e a geografia, disciplinas que, no século XIX, passaram por alterações epistemológicas na tentativa de consolidar suas posições como ciência, juntamente com a literatura e, posteriormente, a etnografia,

[...] buscavam não apenas singularizar essa retórica da nacionalidade, ou seja, conter e resistir à dispersão do discurso, mas também procuravam constituir-se como campos de saber que explicassem a existência de uma nação ao longo de tempo formada por 'brasileiros'.⁹¹

Em *Plutarco brasileiro*, no entanto, a retórica da nacionalidade encontra uma diferente modulação nas biografias dos poetas Gonzaga e Basílio da Gama. Isto é, o debate principal não estava na tentativa de persuasão dos brasileiros para esse passado em comum, mas na origem dos biografados. Em Tomás Antônio Gonzaga isso aparece quando surgem dúvidas a respeito da sua origem. Com isso, a comprovação documental se faz pertinente, o que mostra que, mesmo se em uma primeira leitura do trabalho de Pereira da Silva identifique-se a predominância da *historia magistra vitae*, isso não exclui a necessidade da obediência a critérios que começavam a se tornar importantes na escrita da história no século XIX. Pereira da Silva sabe da importância do poeta, pois tanto Portugal quanto Brasil pleiteavam para sua nação o nascimento dele. Cabe ao historiador, escrevendo biografias, resolver o impasse.

Um documento extrahido ultimamente do livro das matriculas da Universidade de Coimbra, de folhas 201, e do anno lectivo de 1763, attesta que Thomaz Antonio Gonzaga, matriculando-se no 1.º de Outubro, se declarára natural do Porto.⁹²

O documento citado fora conseguido pelo Sr. Dr. José Maria do Amaral e encontrava-se no IHGB. A fim de comprovar a veracidade ou não da documentação, o autor relata que, por mais que o poeta tenha passado sua infância na Bahia, a declaração combina perfeitamente com o fato de seu pai ter sido transferido para a cidade do Porto. Coincidindo as datas, a veracidade do documento é atestada. Com isso, surge um aparente problema, pois

⁹⁰ Cf. CEZAR, Temístocles. *L'écriture de l'histoire au Brésil au XIX siècle*. Essai sur une rhétorique de la nationalité. Le cas Varnhagen. 2002. Tese (Doutorado) – EHESS, Paris.

⁹¹ Idem, *A retórica da nacionalidade de Varnhagen e o mundo antigo: o caso da origem dos tupis*. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (Org.). *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006. p. 29-41.

⁹² Ibidem, p. 176.

como estimular a nacionalidade brasileira em gestação com um português nascido no Porto? Não há maiores complicações aqui. Há apenas fortuna:

Que importa pois que um acaso, e puro acaso, o fizesse nascer em Portugal? A sua gloria é gloria do Brazil, porque foi o Brazil terra de seu pai; porque no Brazil viveu Thomaz Antonio Gonzaga sua infância, e quasi toda a sua vida.⁹³

E completa: “e porque pelo Brazil padeceu, e penou quando se ligou com outros Brasileiros anciosos de libertarem sua patria do jugo portuguez, e de a declararem independente”.⁹⁴

Na verdade, como atesta Armelle Enders, a questão da origem daqueles a quem as biografias se destinavam tinha importância sim. Como exemplo, pode-se aludir às trocas de nomenclaturas feitas à seção das biografias dentro da *Revista do IHGB*. Desde “Biografias de brasileiros distintos ou de indivíduos ilustres que serviram no Brasil” até “Biografias de brasileiros distintos ou de pessoas eminentes que serviram no Brasil ou ao Brasil”, os debates se condensavam na problemática de saber, afinal, quem era brasileiro e quem não o era.⁹⁵ Além disso, no ano de 1854 coube a dom Romualdo Antônio de Seixas, então arcebispo da Bahia, a incumbência de provar, a contragosto, que o padre Antônio Viera nascera em Portugal.⁹⁶

Após o fim do processo decorrente do movimento de 1789, não coube a morte ao poeta, mas sim o degredo:

E um brigue de guerra, pelo mesmo tempo, recebeu á seu bordo todos os mais condemnados, entre os quaes se contavam Thomaz Antônio Gonzaga, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, Francisco de Paula Freire de Andrade, e José Alves Maciel, e os foi descarregando pelos presídios, a que eram reservados, como Ambaca, Benguela, Massangano, Cambambe, Pedras de Angoche, Moçambique, Macúia, rios de Senna, Inhambane, e Maximba.

Assim os homens mais reputados, e mais illustres d'aquella época, foram arrancados aos braços de suas famílias, lançados nas masmorras —condemnados, e condemnados seus filhos innocentes — e além do oceano — longe da pátria — aqui e ali dispersos—cada um isolado — ou tragaram sofrimentos atrozes até que lhes chegou o dia venturoso de regressarem ao Brazil,—fortuna que coube apenas a três ou quatro de tantos —ou n'esses pestilentos climas, no meio de insalubres águas, e de terras ressequidas — por entre os negros selvagens e bárbaros — viram acabar

⁹³Ibidem, p. 177.

⁹⁴Ibidem, loc. cit.

⁹⁵ ENDERS, Armelle. **Os vultos da nação: fábrica de heróis e formação dos brasileiros**: Rio de Janeiro: FGV, 2014. p. 175-234.

⁹⁶ Oliveira oferece um mapeamento pormenorizado da discussão em torno da naturalidade do padre Antônio Vieira. Ver: OLIVEIRA, 2011, p. 101-104.

seus dias, sem que á hora derradeira da existência— uma voz amiga os consolasse á cabeceira.⁹⁷

A comparação com o que acontecia na França possibilita ao leitor a ampliação do que acontecia no mundo no que se referia à política:

Admirável contraste formam estas cousas do mundo! No mesmo anno de 1792, enquanto os republicanos de França julgavam, e condemnavam os monarquistas, os monarquistas de Portugal julgavam também, e igualmente condemnavam os republicanos do Brazil; no mesmo anno de 1793, em que subia ao cadafalso o monarcha descendente do glorioso S. Luiz, igual sorte padecia o republicano Joaquim José da Silva Xavier.⁹⁸

Tomás Antônio Gonzaga viveu quinze anos em Moçambique. O degredo tornou seu corpo débil, mas o pensamento ainda alimentava esperanças de salvação. Passando o tempo, contudo, o corpo recuperou suas forças, porém o espírito é que foi vítima de enfermidades: “Quando o corpo reganhou forças, o espirito desamparou-o: nem Marília, nem o Brazil, nem a poesia lhe correram mais a lembrança [...]”.⁹⁹ Em 1808, é enterrado na Bahia. Com sua vida, o leitor pode espelhar-se naquele que lutou para ver seu país de adoção desvencilhar-se do jugo português – nas palavras de Pereira da Silva –, assim como pode aprender sobre os acontecimentos que se deram em Minas Gerais, durante o final do século XVIII. O final triste, talvez, sirva de alerta de que a luta pela formação da nação brasileira é mais importante, quem sabe, do que a própria dimensão individual daquele que dela participa.

3.2 História, biografia, literatura

Alguns anos antes do primeiro volume de *Plutarco brasileiro* ter chegado ao conhecimento do público, um outro trabalho de Pereira da Silva é divulgado e posto à venda. Trata-se de *Parnaso brasileiro* ou *Seleção de poesia dos melhores poetas brasileiros desde o descobrimento do Brasil precedida de uma introdução histórica e biográfica sobre a literatura brasileira*.¹⁰⁰ Essa obra, composta de dois volumes, o primeiro de 1843 e o segundo publicado cinco anos depois, é, como o próprio nome diz, uma coleção feita pelo autor reunindo um conjunto de poesias representativas de um período e de uma época. Havia, por outro lado, um objetivo semelhante à coleção proposta por Januário da Cunha Barbosa, editada entre 1829 e 1831. Ou seja, a coletânea deveria ser útil na medida em que estimulasse

⁹⁷ SILVA, 1847, v. 1, p. 174-175.

⁹⁸ Ibidem, loc. cit.

⁹⁹ Ibidem, v. 1, p. 184.

¹⁰⁰ ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. **O berço do cânone**: textos fundadores da história da literatura brasileira. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998. p. 143-181.

no leitor um gesto imitativo. Conforme as palavras do cônego Barbosa, “empreendi esta coleção das melhores poesias dos nossos poetas, com o fim de tornar ainda mais conhecido no mundo literário o gênio daqueles brasileiros”, para que eles pudessem “servir de modelos, ou de estímulo à nossa briosa mocidade, que já começa a trilhar estrada das belas letras, quase que abandonada nos últimos vinte anos dos nossos acontecimentos políticos”.¹⁰¹

Apesar de algumas críticas,¹⁰² a obra de Pereira da Silva inseria-se dentro da já citada retórica da nacionalidade. A ausência de critérios mais precisos para a escolha de seu panteão, ainda que o autor tenha se preocupado com a ordenação cronológica de sua coleção, poderia ser deixada em segundo plano. Existia uma necessidade mais pragmática presente em *Parnaso brasileiro*. A literatura estava inserida dentro da história da nação. A busca de suas origens no passado corresponderia a um interesse vigente no presente. Quer dizer, mais que mera curiosidade, com o estudo da literatura podia-se demonstrar a existência de um passado ilustrado no país. E isso auxiliaria no aperfeiçoamento de sua escrita no presente. Não é outro o principal objetivo de Pereira da Silva, de acordo com suas palavras:

O Parnaso brasileiro tende a grandes e nobres fins – reabilitar obras já esquecidas – lembrar nomes que ilustraram seu país – dar emulação aos poetas modernos, para realizarem seus voos majestosos, na certeza de que serão ouvidas suas vozes, e aplaudidos seus esforços – chamar enfim o gosto e a atenção dos brasileiros para a literatura de seu país.¹⁰³

Na sua *Introdução histórica e biográfica sobre a literatura brasileira*, o historiador percorre os séculos XVI, XVII e XVIII. Sobre o primeiro, não havia espaço para a formação de uma literatura eminentemente nacional. O início da colonização, os conflitos entre portugueses e indígenas, a catequização dos índios, a defesa do território das ameaças das nações estrangeiras constituíam obstáculos para o seu surgimento. Tinha-se muito trabalho a fazer. Contudo, a poesia foi o primeiro ramo da literatura cultivada pelos chamados povos do Brasil. Apenas alguns indivíduos isolados eram dignos de nota:

[...] durante o século XVI, apenas de algum brasileiro, de algum homem, que respirasse, nascendo, a atmosfera de amor e de delícias deste país novo e encantador,

¹⁰¹ Ibidem, p. 75-88.

¹⁰² Nas palavras do crítico Santiago Nunes Ribeiro, “[...] a obra de que tratamos tem o defeito de não satisfazer em tudo aos desejos dos curiosos. Estranha-se nela a falta de muitas composições tão primorosas como as escolhidas. [...] ela peca pelo defeito oposto àquele que se notou nos cadernos que com título idêntico publicara o Sr. Cônego Januário. Nestes figuram certos versos menos medíocres que não deviam entrar numa obra semelhante; naquela em vão se buscam certas peças de mérito subido, e que devem ter lugar numa seleção perfeita”. RIBEIRO, Santiago Nunes apud ZILBERMAN; MOREIRA, 1998, p 149.

¹⁰³ SILVA, 1998, p. 179.

se contam versos e poesias, pela mor parte latinas, que constituem toda a literatura brasileira do século XVI.¹⁰⁴

Esse seria justamente o problema da literatura dessa época. A mera imitação do que vinha de fora reduzia a capacidade imaginativa do poeta. Para Pereira da Silva, a inspiração deveria vir de dentro do país:

E em vez de desprenderem suas vozes livres como a aragem folgazona do vento, **em vez de largarem os voos a sua imaginação inspirada**, como as cadeias ao prisioneiro, em vez de com o pensamento percorrerem esse mundo novo, todo de ilusões e grandezas, **todo de imagens e fantasias**, esse mundo, que o céu puro, como a pura Virgem, abria olhos do filho do país, os poetas de então como os dos séculos XVII e XVIII, eram meros copistas e imitadores dos vates lusitanos, e celebravam antes os amores cavaleirescos dos galhardos portugueses, seus combates, e suas lidas de guerra, do que as belezas naturais do Brasil, com sua grandeza e majestade, com suas flechas e seus cocares.¹⁰⁵

O século XVI, o da infância, apenas foi um prenúncio do que viria posteriormente. No período subsequente a literatura brasileira começaria a dar seus mais avançados passos. Embora a temática ainda fosse de inspiração predominantemente alheia à jovem colônia, de acordo com a citação acima, a “criança” estava pronta para desenvolver-se. Não obstante, o que chama atenção no decorrer do texto de Pereira da Silva é a constante menção à imaginação e sua relação seja com a natureza exuberante, seja com o poeta que nela se apoia. Vejamos um exemplo. Ao elogiar o que ocorreu no século XVII, o autor compara o Brasil com outros países para demonstrar a nossa qualidade literária. Em forma de pergunta, ele escreve: “Percorrei essas páginas dos estados americanos do Norte, segui essa longa enfiada de história das diversas nações, e achai-me uma, cujos filhos, logo ao princípio, provassem maior aptidão para tudo quanto existe de glorioso **no domínio da imaginação?**”¹⁰⁶ Ainda sobre esse mesmo período, século XVII, na reflexão do autor sobre a poesia feita nessa época, a paisagem, e tudo o que ela contém, inspira o poeta e aquece sua imaginação:

A natureza faz poetas aos brasileiros, inspira-os no berço; as árvores, os pássaros, as cascatas, os rios, as montanhas; esse límpido céu, que, com o manto azul claro, os acoberta, essa atmosfera pura e doce, que lhes sorri desde a infância; esse oceano majestoso, que chora e brinca, geme e folgueia sobre suas arenosas praias, **tudo lhes aquece a imaginação**, lhes eleva o pensamento, lhes aviva o entusiasmo, e lhes abre as asas à inteligência, essa soberba filha do céu, que purifica e diviniza o homem.¹⁰⁷

¹⁰⁴ Ibidem, p. 157.

¹⁰⁵ Ibidem, loc. cit. Grifo meu.

¹⁰⁶ Ibidem, p. 161. Grifo meu.

¹⁰⁷ Ibidem, p. 162. Grifo meu.

A falta de uma cor local que fosse eminentemente brasileira e representativa da nossa nacionalidade também afeta, em boa medida, a literatura do século XVIII. Faltava para nossos escritores, na visão do autor de *Parnaso brasileiro*, a entrega livre à sua imaginação, pois isso somente poderia ser feito na medida em que a temática escolhida para a composição das obras fosse inspirada e surgisse de dentro do país. Para o autor, há um descompasso entre os letrados do período e as mudanças pelas quais o país estava passando, embora já existissem prenúncios de uma literatura nacional. Por um lado, questiona-se Pereira da Silva,

[...] como não exprimiam eles [os poetas e escritores do século XVIII] essa ideia então em embrião, e que começava a compreender o povo do Brasil, como a de sua regeneração política, de sua futura nacionalidade?

Por outro, reconhece-se já nesse momento na literatura do período, “através de seu prisma, a sua nacionalidade, a sua origem, nova e sagrada”.¹⁰⁸ Esses aspectos, não obstante, dificultam o livre imaginar dos escritores nascidos no Brasil, já que estavam condicionados a fatos, acontecimentos, cores e belezas alheias:

A literatura brasileira do século XVIII, seguindo as mesmas pisadas das literaturas dos diversos estados da Europa, máxime da portuguesa, nada tem de nacional, senão o nome de seus escritores, e o acaso de haverem no Brasil nascido. É fado que até este século que ora decorre, havendo o Brasil produzido tantos e tão grandes gênios, a todos ou a quase todos se possa imputar o defeito de imitarem muito os escritores europeus, e de se não entregarem ao **voo livre de sua romanesca imaginação**.¹⁰⁹

Muito embora o foco da obra *Parnaso brasileiro*, assim como o da introdução que precede o livro, seja a situação da nossa literatura ontem e hoje, não se encontra no respectivo livro uma definição, ainda que provisória, sobre a própria literatura. É necessário recuar um pouco no tempo para encontrá-la. Com isso, chega-se ao ano de 1836. Essa data marca a publicação da segunda edição da *Nitheroy, Revista Brasiliense de Ciências, Letras e Artes*, revista fundada em Paris no mesmo ano, e do texto intitulado *Estudos sobre a literatura*, de Pereira da Silva, presente na segunda edição da *Nitheroy*. Não fugindo ao preceituário romântico, o autor vincula as palavras *literatura* e *civilização*, quando afirma que “A litteratura é sempre a expressão da civilização; ambas caminham em paralelo [...] uma não se pode desenvolver sem a outra, ambas se erguem e caem ao mesmo tempo”.¹¹⁰ Conforme destaca Valdei Lopes de Araujo, “as ‘letras’ eram um marcador bastante objetivo do grau de

¹⁰⁸ Ibidem, p. 170-171.

¹⁰⁹ Ibidem, p. 169. Grifo meu.

¹¹⁰ SILVA, João Manuel Pereira da. Estudos sobre a literatura. **Nitheroy: Revista Brasiliense, Sciencias, Letras e Artes**, tomo 1, n. 2, 1836. p. 214.

civilização/perfeição alcançado por um povo”.¹¹¹ Em *A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)*, o historiador tem como tarefa central refletir sobre as diferentes experiências do tempo, e a maneira de lidar com elas, produzidas por intelectuais do mundo luso-brasileiro nas primeiras décadas do século XIX. Com isso, argumenta-se que “se consolidou, ao longo da década de 30, uma decisiva descontinuidade conceitual em resposta às novas formas de experimentar o tempo abertas com o processo de independência”.¹¹²

No terceiro capítulo do livro, Araujo, a partir de texto de autores como Januário da Cunha Barbosa e Gonçalves de Magalhães, demonstra a maneira como se deu o surgimento de um novo conceito de literatura como expressão da nacionalidade. Esse aspecto é importante, pois o trabalho de Pereira da Silva insere-se nessa discussão. Na verdade, segundo o historiador “os *Estudos sobre a literatura* funcionam como uma espécie de explicação didática ao *Ensaio* de Magalhães, esclarecendo aos nacionais que as ideias [...] estavam em sintonia com as novidades do Velho Mundo”.¹¹³

Pois bem, o autor de *Plutarco brasileiro* tenta um esforço maior de reflexão, após uma definição que relaciona a literatura com a expressão da civilização. Já no parágrafo seguinte do *Estudos sobre a literatura*, ele busca explicar melhor e aprimorar a sua definição:

[...] a litteratura é hoje a reunião de tudo o que a imaginação exprime pela linguagem, abraçando todo o imperio em que exerce a intelligencia humana seu poderio; é o resumo dos habitos e grandeza dos povos, e a historia progressiva e circunstanciada do espirito humano com as suas superstiçoens, crenças, e caráter proprio; é a apreciação da influencia dos elementos uns sobre os outros no espirito das diferentes epochas, é a Philosophia, a Historia, a eloquência e a Poesia.¹¹⁴

O conceito é amplo o suficiente para abarcar a totalidade daquilo que é produzido pela inteligência humana. Por outro lado, essa concepção totalizante da literatura não possibilita diferenciar a própria literatura e os gêneros literários entre si. Já no que condiz à relação imaginação/linguagem, nota-se a inspiração buscada em Madame de Stäel, dentro do preceituário romântico.¹¹⁵

Após percorrer a marcha da literatura antiga e moderna e sempre objetivando vinculá-la com as formas de governo, a civilização e a religião, Pereira da Silva chega à última parte

¹¹¹ ARAUJO, Valdei Lopes de. **A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008. p. 108.

¹¹² Ibidem, p. 120.

¹¹³ Ibidem, p. 122.

¹¹⁴ Ibidem, p. 215. Grifo meu.

¹¹⁵ Cf. ARAUJO, 2008, p. 123; OLIVEIRA, 2011, p. 114.

de seu texto e se concentra no que chama de *o estado presente das letras*. Dentre o amplo leque de domínios literários, a primazia é dada para a poesia. Para ele, a centralidade assumida pela poesia requeria do poeta ir além da sua função de compositor de versos e ser também “[...] historiador, plhilosopho, político e artista, e que por tanto as dificuldades, que se lhe antolham, e que todas tem de vencer, para ganhar um nome, merecem todo o nosso respeito, e atenção”.¹¹⁶ De todos os ramos abordados, poesia, eloquência, filosofia e história, Pereira da Silva procurava mostrar a contribuição brasileira, seja para criticar, seja para elogiar. A única exceção diz respeito à história. Quer fosse na sua forma particular, quer fosse na sua maneira universal, o Brasil não tinha ainda uma manifestação representativa desse gênero.

Em suma, a literatura passa a ser entendida como expressão da nacionalidade de uma sociedade e de um país. Ela, na expressão de Valdeci Araujo, funcionará como uma *cápsula do tempo*, que se destinará à posteridade servindo de testemunho do grau de civilização de um povo ou geração. A forma como o autor de *Estudos sobre a literatura* organiza seu texto – a partir de uma única linha, elencando as diferentes modalidades literárias para chegar ao século XIX – deixa em segundo plano uma preocupação que poderia ser meramente descritiva e informativa sobre os escritores e suas obras. Não. Há na literatura uma tarefa mais pragmática e importante para a formação da nacionalidade de um país recém-independente como o Brasil.¹¹⁷

3.3 Biografia e discussão historiográfica em Pereira da Silva: o caso Basílio da Gama

Muitas vezes, no Brasil oitocentista, a biografia constituiu um lócus privilegiado para que debates historiográficos ocorressem. Já foram ressaltados em outro momento os erros cometidos por Pereira da Silva em suas obras históricas. Em relação à sua escrita biográfica ocorre o mesmo. Encontramo-los na biografia sobre Basílio da Gama. O equívoco, chamemos assim, não diz respeito à nacionalidade do autor de *Uruguai*, pois isso é esclarecido logo no primeiro parágrafo. Refere-se à origem paterna do biografado.

¹¹⁶ SILVA, 1836, p. 239.

¹¹⁷ Por isso a advertência do historiador: “O Brasil conta hoje bastantes litteratos profundos, porém elles tem-se tão somente contentado, (com algumas excepçoens) em estudar e saber, e não se têm querido dignar escrever, e d’est’arte esforçar-se em elevar á sua verdadeira essência esta sciencia, alias tão util e proveitosa á todas as classes da sociedade, e que de algum modo está desprezada na nossa Patria, não percebendo nossos compatriotas a influencia que ella tem sobre a política, sciencia do dia, á que hoje no Brasil todo o mundo se dá, sem se importar si o paiz por isso soffre”.Ibidem, p. 217.

Quem fora seu pai? — D'onde procedera? Nem um biographo no-lo diz: ha quem affirme seu pai fallecido pouco tempo depois do seu nascimento, e descender elle de pobres certanejos, companheiros de João de Serqueira Affonso, grande copia dos quaes eram Portuguezes, que procuravam fortuna; assevera-se também que ficara o infeliz infante entregue aos cuidados de sua desgraçada mãe, que nem meios tinha de subsistência para si, quanto mais para crear e educar um filho!¹¹⁸

Pereira da Silva não cita suas fontes sobre esse aspecto, o que possibilita o levantamento de dúvidas sobre a consistência de sua afirmação. O autor, porém, continua sua história.

O que parece certo é, que urn religioso Franciscano, passando casualmente por aquella villa em viagem, que trazia para o Rio de Janeiro, recebêra o infante, e em sua companhia o conduzira; que no Rio de Janeiro fora elle entregue á piedade do brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim, que o fez admittir no grêmio da Companhia de Jesus, á fim de cursar suas aulas, e de se applicar a estudos litterarios.¹¹⁹

Com a publicação do primeiro volume, alguns periódicos da imprensa carioca se manifestaram. Não somente ela. Como adverte Pereira da Silva, no epílogo de *Plutarco brasileiro*:

No fim d'esses artigos um aparece corrigindo erros, que o seu auctor julga encontrar na vida de José Basilio da Gama; fazemo-lo acompanhar da resposta que considerámos dever dirigir-lhe, e que se pode tambem tomar como agradecimento ao publico, pela benovelencia com que acolheu a nossa obra.¹²⁰

É interessante notar a abertura do biógrafo, resultando estar seu trabalho em constante processo de amadurecimento e correção, conforme dissera acima Porto-Alegre.

O debate ocorre na imprensa, acostumada desde muito às polêmicas, mais precisamente nas páginas do *Jornal do Commercio*. No dia 1º de julho de 1847, uma carta é endereçada à sede do jornal. Assinada por *Um seu parente*, não é possível precisar o autor do texto. Logo no primeiro parágrafo, o assunto já é abordado. Por mais que considere *Plutarco brasileiro* um excelente trabalho, o escritor julga-se no dever de corrigi-lo. Não com palavras, e sim com documentos, pois, escreve ele,

[...] tenho de rogar-lhe a publicação no seu *Jornal* dos seguintes documentos, cujos originaes, bem como outros muitos minuciosos e exactos [...], existem em meu poder e serão presentes ao Sr. Pereira da Silva, se por ventura me constar que deseja S. S. dar-se ao trabalho de os ler.¹²¹

¹¹⁸ SILVA, 1847, v. 1, p. 138.

¹¹⁹ Ibidem, loc. cit.

¹²⁰ Ibidem, v. 2, p. 218.

¹²¹ Ibidem, v. 2, p. 241.

Não causa tanta indignação o desconhecimento da origem paterna de Basílio da Gama, mas sim a afirmação de ele ter descendido de sertanejos pobres que buscavam fortuna e ter sido criado por uma mãe que não possuía os meios necessários para tal.

Datado de 1787, o documento escrito pela rainha atesta ser o capitão-mor Manuel da Costa Villas-Boas o pai do poeta, que seria casado com D. Quiteria Ignacia da Gama. Além do mais, também o autor da carta cita os nomes dos avós e bisavós de Basílio da Gama. Como conclusão, o tom empregado torna-se menos enfático e passa a ser conciliatório, deixando claro sua simpatia pelo historiador-biógrafo:

Outros talvez possam devidamente apreciar se foi o Sr. Pereira da Silva quiçá mais feliz a respeito das demais biographias que se contém na sua obra; pela minha parte, só me resta rogar a S. S., com que muito sympathiso, e de cujos talentos faço mui subido conceito, que não attribua a publicação d'estas linhas a qualquer outro motivo que não um tributo que julgou dever á memoria de José Basílio da Gama.¹²²

Um dia após a publicação da carta no *Jornal do Commercio*, Pereira da Silva envia sua resposta. Depois de louvar o procedimento do correspondente, o autor começa a escrever em sua defesa. Ele tem razão ao afirmar que a discórdia é relativa somente a um período da biografia do poeta, e também está certo quando utiliza como argumento de autoridade Varnhagen para reforçar sua resposta. O historiador e diplomata brasileiro teria escrito um parágrafo, em um de seus trabalhos, relativo ao poeta, próximo do que Pereira da Silva afirmara em sua obra. A semelhança seria sobre o desconhecimento da origem paterna do poeta e da pobreza de sua mãe, embora Varnhagen não relate nada sobre a descendência sertaneja de Basílio da Gama. O ponto principal da defesa, porém, é a evocação do trabalho empreendido como historiador, mesmo que as lacunas tenham permanecido.

Folhee para escrever o—PLUTARCO BRAZILEIRO—bastantes livros antigos e modernos, e copia mesmo de manuscriptos. Colhi o que havian'elles. Não vi tudo o que existe impresso ou não impresso. Necessariamente me faltaram materiaes, e a prova encontro nos documentos manuscriptos a que se refere seu correspondente, e que inteiramente desconheço. Ficar-lhe-hei summamente agradecido se se dignar de m'os confiar, porque, a haverem erros ou inexactidões, procurarei emenda-los na nova edição que está reservada ao — PLUTARCO —, visto que tão bem foi recebido pelo publico, que poucos exemplares restam do seu primeiro volume.¹²³

O trabalho de pesquisa empreendido para a conclusão de *Plutarco brasileiro* não é definitivo. Há limites com os quais Pereira da Silva se depara. Ele os reconhece. A obra está

¹²²Ibidem, v. 2, p. 244.

¹²³Ibidem, v. 2, p. 246.

aberta e sujeita a modificações quando necessário. A tarefa proposta pelo cônego Barbosa, no discurso de inauguração do IHGB, precisa de tempo e constantes retoques.

Continuando a sua defesa, o outro argumento sustentado pelo historiador-biógrafo para não merecer “desapiedada censura” é buscado por meio da comparação com o cenário francês, inglês e alemão. Lá, onde abundam documentos impressos e tudo se pode saber sobre os homens grandiosos, segundo o autor, erros e inexatidões também ocorrem. Thiers, Ebert, Clarke, Schelegel não estiveram isentos de equívocos, então no Brasil, cujo trabalho é redobrado para semelhante tarefa e “onde há falta quasi absoluta de materiaes acerca da historia e da litteratura, dada mesmo a hypothese de uma ou outra inexactidão no — PLUTARCO— e que se pôde corrigir, não ha muita razão na sua censura rigorosa”.¹²⁴ A defesa finaliza com a aceitação dos documentos que o correspondente dizia possuir, pois o objetivo era um só: servir ao país. Pereira da Silva recebeu os documentos. A prova de que os leitores dispõem refere-se ao texto acrescido quando da reedição da obra sob o nome de *Os varões illustres do Brazil durante os tempos coloniães*. Entre o parágrafo que pergunta sobre a origem paterna do poeta e o que relata a sua estadia no colégio dos jesuítas encontra-se o que dá conta, por meio dos documentos adquiridos, da verdadeira origem de José Basílio da Gama. *Plutarco brasileiro*, obra que nesta dissertação pode ser classificada como uma história biográfica, tem o duplo desafio de ser ao mesmo tempo biografia, pois descreve a vida de personalidades que foram importantes para o país, e história, já que, a partir delas, os acontecimentos sucedem-se. Tanto uma quanto outra deveriam passar por critérios relacionados à busca por veracidade, como se pode observar no trecho do discurso feito em 1842, de autoria de José Fernandes Feliciano Pinheiro, visconde de São Leopoldo, durante a quarta sessão pública de aniversário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em que ele mostra a preocupação com a fidedignidade dos relatos biográficos:

Nosso Instituto, esmerilhando documentos, por incuria ou malicia escondidos, para coordenar o História do Brasil, depois afinados, como os metaes preciosos, no crisol da critica severa, e de receberem o cunho da autencidade; traçando a biographia dos compatriotas famigerados, para não confundir com o diamante o crystal rocha, e de modo lapidal-o que brilhe, afim de n’esses exemplares espelharem-se os vindouros; aponta ao mesmo alvo, que é o timbre de uma das mais illustra das Academias da Europa, em quanto reputa – vãa a gloria que não leva em fito o util— por esta traça tende para o aperfeiçoamento dos costumes e da civilisação, e o signal característico do progresso manifesta-se antes pela conscienciosa observancia das virtudes sociaes, do que pelas artes e talentos.¹²⁵

¹²⁴Ibidem, v. 2, p. 247.

¹²⁵ PINHEIRO, 1842, p. 2-3.

Assim como a autenticidade necessária para coordenar a história precisava passar por uma crítica severa, a biografia precisava ser traçada com exatidão. Duplo desafio, como já assinalado, para Pereira da Silva com seu *Plutarco brasileiro*. Ele escreve vidas e narra a história. Mesmo correspondendo a modalidades discursivas distintas, o “regime de veracidade” se impõe a ambas e, nessa intrincada relação entre biografia e história no Brasil oitocentista, pode-se concordar com Maria da Glória de Oliveira quando afirma que “a aposta biográfica dos nossos letrados adequou-se às injunções da disciplina histórica tal como esta foi concebida e praticada no Brasil do século XIX”.¹²⁶

É entre uma obra biográfica e histórica que *Plutarco brasileiros* e encontra. Pereira da Silva oscila entre ser biógrafo e historiador, vai de um lado ao outro, de uma extremidade à outra na execução de seu trabalho. A partir disso, ele reforça a existência do que convém chamar aqui de uma ideia de história que encontra na escrita de uma vida a melhor maneira para se materializar. Ele parte do indivíduo, o princípio orientador e ordenador da sua narrativa, e termina por pintar quadros de épocas pretéritas.

¹²⁶ OLIVEIRA, 2011, p. 82.

PARTE II

O HISTORIADOR E O ROMANCISTA

1 HISTÓRIA E IMAGINAÇÃO

O que queremos dizer quando pronunciamos a palavra *história*? A polissemia da palavra possibilita ir além do mero estudo do passado. Pode-se identificar, pelo menos, quatro usos correntes ao longo do tempo. Vejamos. De início, é possível defini-la como sendo “o conjunto (mesmo desconhecido) da existência humana no tempo, ainda que não se saiba quando começou ou quando há de terminar”. O chamado “curso da história” reside aí. Em um segundo sentido, ela “diz respeito à memória consciente daqueles agentes e daquelas ações que qualificam a identidade pessoal e social dos integrantes de uma dada comunidade”. Encarada como registro do agir humano no tempo, ela restringe-se a sociedades particulares. A seguir, a chamada ciência da história ou história científica. Aqui ela é entendida “enquanto conhecimento controlável e demonstrável”. Por fim, no quarto sentido *história* designa “as narrativas (de todos os tipos) com que se relata o agir passado dos homens no tempo”.¹²⁷ Não se trata de significados estanques e lineares, pois os caminhos percorridos pelos mais variados historiadores e suas relações com o conhecimento histórico são caracterizados por dúvidas, hesitações, frustrações, até a consolidação desses diversos sentidos que o termo abarca.

Pois bem, quando se faz referência ao século XIX, apogeu do conhecimento e da reflexão histórica, ela é entendida como ciência e disciplina científica. Próximas do terceiro sentido acima descrito, expressões como “base empírica”, “crítica documental”, “imparcialidade”, etc., passaram a fazer parte da agenda dos historiadores.

História como ciência, cujos resultados historiográficos são expressos em narrativas que encerram argumentos demonstrativos articuladores da base empírica da pesquisa e da interpretação do historiador em seu contexto. A historiografia, assim, encerra em si as características de ser empiricamente pertinente, argumentativamente plausível e demonstrativamente convincente.¹²⁸

Das diversas “escolas” e correntes historiográficas que surgem no XIX, apesar das inúmeras diferenças que as afastam, elas concordam e pensam a história como investigação. Vinculada a esse aspecto está a busca de um método passível de ser seguido, com base em princípios racionais. A providência divina não possui mais todas as respostas. A razão, dentro desse contexto, parece ser o único guia capaz de conduzir os historiadores.

Se esse foi o século da história, é possível concordar com François Dosse sobre os motivos disso. Por um lado, é nesse momento, como já relatado acima, que se observa o

¹²⁷ MARTINS, Estevão de Rezende. Introdução. In: _____. **A história pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 8.

¹²⁸ Ibidem, p. 10.

nascimento da história como disciplina. Com isso, sobretudo na Europa, há a profissionalização da prática histórica com um programa de ensino, regras metodológicas e cada vez mais o afastamento – até a ruptura – com a literatura.^{129,130} Por outro lado, coube ao historiador “enunciar o tempo laicizado, de narrar o *telos*, de afirmar a direção para a qual se dirige a humanidade”,¹³¹ sendo um profeta do futuro. Por certo é que essa nova configuração da história é tributária, em parte, da filosofia das Luzes do século anterior, ou seja,

[...] ao questionar as condições de possibilidade da História, a filosofia das Luzes confere, no mesmo movimento, dignidade a este campo, tornando-o objeto de uma reflexão sistemática e passível de um conhecimento racional.^{132,133}

Em um século, obviamente, muitas coisas mudam. Em outras palavras, se durante as primeiras décadas do oitocentos a historiografia desse período estabelece relações complexas com a erudição, a filosofia e a literatura, quando da virada do século existirá a necessidade cada vez maior de uma verdadeira especialização e profissionalização, o que propiciará, não por acaso, a emergência da escola metódica.¹³⁴ Disso conclui-se que

[...] as pretensões “cientificistas” se multiplicam e convidam a romper com a dupla tradição das letras e da filosofia que condena a historiografia à instabilidade e a reduz a ser somente um conhecimento de fraco embasamento científico e, portanto, contestável.¹³⁵

O “longo século XIX”, objeto de tantos estudos na história da historiografia brasileira, recentemente, trouxe-nos muitos pioneiros na aventura da prática histórica de modo refletido.¹³⁶

O historiador e o romancista é o título geral desta parte da dissertação. A ideia básica é a de mapear a forma como Pereira da Silva vislumbrava a imaginação em seus trabalhos históricos e em seus escritos mais literários. Isso será feito mediante a análise de algumas biografias produzidas pelo historiador, bem como de seus romances históricos.

¹²⁹ DOSSE, François. História e historiadores no século XIX. In: MALERBA, Jurandir. **Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 15.

¹³⁰ Evidentemente, isso não ocorreu de forma pacífica e linear.

¹³¹ Ibidem, loc. cit.

¹³² GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Entre as Luzes e o Romantismo: as tensões da escrita da história no Brasil oitocentista. In: _____ (Org.). **Estudos sobre a escrita da história**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006. p. 68.

¹³³ Ainda segundo o autor: “Longe de pensarmos um século XVIII não histórico por oposição a um século XIX histórico, iremos pensá-los como expressando duas preocupações distintas com relação ao interesse pela História”. (Ibidem, p. 69.)

¹³⁴ Cf. DOSSE, 2010, p. 21.

¹³⁵ Ibidem, p. 22.

¹³⁶ MALERBA, Jurandir. Prefácio. In: _____. **Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 7.

2 ENTRE OS LIMITES E AS POSSIBILIDADES DA IMAGINAÇÃO

2.1 Pereira da Silva analisa a imaginação histórica em Rocha Pita

A terceira biografia do segundo volume de *Plutarco brasileiro* é destinada a Sebastião da Rocha Pita. Seguindo o padrão geral da obra, a primeira parte da biografia trata da descrição da vida do biografado. Após afirmar que o futuro historiador nasceu no ano de 1660, na Bahia, Pereira da Silva parece relutar sobre a filiação de Pita. Nesse sentido, ele se utiliza de duas fontes ou, pode-se dizer, argumentos de autoridade. O primeiro deles é de Januário da Cunha Barbosa, que relata como sendo o pai do biografado o desembargador João da Rocha Pitta. No segundo, pertencente ao abade Diogo Barboza Machado, os progenitores daquele que viria a escrever *História da América Portuguesa* (1730) são João Velho Gondim e D. Brites da Rocha Pitta. A vida de Sebastião da Rocha Pita não difere da daqueles que possuíam uma condição econômica privilegiada no Brasil colonial. Após ter estudado com os jesuítas, segue para Coimbra com o objetivo de diplomar-se nos estudos superiores, no caso, bacharel em cânones. Após o retorno à colônia, casa-se, assume cargo público, recolhe-se em uma fazenda, enfim, sua vida foi caracterizada por ser “regular — amena — e plácida, como o lago tranquilo, cujas águas se não movem ao sopro da viração”.¹³⁷

Qual o motivo que levaria Pereira da Silva a biografar Rocha Pita que não fosse a escrita de *História da América Portuguesa*? “Deliberou-se porém a escrever uma historia do Brazil. E foi um glorioso pensamento, que teve, e uma boa fortuna para o seu paiz”.¹³⁸ Rocha Pita, de acordo com o autor de *Plutarco brasileiro*, não somente facilitou o trabalho daqueles que antes dele tinham que se deparar com um conjunto de obras esparsas que não bastavam para a composição de uma verdadeira história, como também produziu algo útil ao seu país. Tal empreendimento consistiu em uma árdua tarefa: “Pouco menos da metade da sua vida foi empregada na grande e importante missão com que se inspirou, e que felizmente conseguiu finalizar, no anno de 1728”.¹³⁹ Após a conclusão do trabalho, Sebastião da Rocha Pita retorna à sua vida “regular, amena e plácida” até seu falecimento em 1738.

A partir dessa biografia, é possível também compreender a maneira como Pereira da Silva pensava o ofício histórico, pois para escrever sobre um historiador é, em alguma medida, necessário também escrever sobre a história. Pereira da Silva distingue duas escolas

¹³⁷ SILVA, 1847, v. 2, p. 63. Diferentemente do que ocorrera no mundo, pois uma época, lembra-nos Pereira da Silva, em que se assistiu, entre outras coisas, às guerras de sucessão à coroa espanhola, ao fim dos conflitos entre portugueses e holandeses na colônia, à expansão para o interior para as regiões de Minas Gerais.

¹³⁸ Ibidem, v. 2, p. 66.

¹³⁹ Ibidem, v. 2, p. 68.

de historiadores. A primeira conta com historiadores como Heródoto, D. Bouquet, D. Mabillon, Fernão Lopes. Ela tem como missão, segundo o historiador-biógrafo, “[...] o narrar os acontecimentos, o pintar os costumes, e o descrever as physionomias, sem que ousem aventurar a menor observação, a analyse a mais ligeira, o mais leve juízo”, pois para ela a história

[...] é a descrição dos diversos dramas, e das peripécias diferentes, que tem apparecido; é o desenho dos caracteres, e o desenvolvimento da marcha das acções humanas, guardando o historiador a mais absoluta neutralidade, e a imparcialidade a mais escrupulosa.¹⁴⁰

No que concerne à segunda escola, que se desdobra em outras duas vertentes (religiosa e cética), ela procura pesquisar e relatar “os grandes acontecimentos do mundo, apresentandó-os como efeitos de um fatalismo, cuja marcha é inevitável”, nisso consistindo uma separação entre o dogma da moral e a ação humana, na qual o homem vê-se sem domínio, nem influência perante os acontecimentos, já que “as cousas tem um curso regular, seguem-no precipitadamente; os homens são apenas instrumentos d’elle; sua missão está de antemão marcada, e tem de ser necessariamente cumprida”.¹⁴¹ Contudo, ambas possuem erros que fazem o autor considerar outra escola histórica a verdadeira, tendo como base justamente a verdade, o que exigirá qualidades morais e intelectuais em alto grau:

A verdadeira e única escola histórica não é nem a descriptiva nem a fatalista. A verdadeira e única escola histórica é a de Tácito e de Thucydides; é a de Gibbon e a de Niebuhr; é a de Machiavelli e de Muller; é a de Plutarco e a de Thierry; é a de Polybio e de Lingard.

A verdadeira e única escola histórica exige qualidades moraes, e qualidades intellectuaes em grau eminente. O amor da verdade, e só da verdade, deve caracterisar o historiador; para consegui-la, torna-se necessário um zelo de exactidão, um escrúpulo de paciência a toda a prova; os túmulos, os monumentos, os epitaphios, tudo lhe serve; decifrará com o mesmo cuidado os velhos e estragados archivos, os torturados documentos, e os livros limpos e aceiados; procurará a verdade no meio do pó dos manuscritos, e a custa de vigílias e dobrados trabalhos; e conseguida a verdade, necessita de todo o sangue frio de seu juizo, para distribuir justiça, e analysar com imparcialidade.¹⁴²

Para alcançar a verdade, faz-se mister que o historiador possua uma formação ampla, uma instrução universal. Segundo Pereira da Silva, a exigência ultrapassaria àquela exigida por Cícero para o seu *Orador*. É como, talvez, se o historiador-biógrafo deixasse implícito o fato de que a tarefa do historiador, além de árdua, é também destinada a poucos que consigam

¹⁴⁰Ibidem, v. 2, p. 70.

¹⁴¹Ibidem, v. 2, p. 71.

¹⁴²Ibidem, v. 2, p. 73.

preencher os critérios necessários para praticá-la. Além de exposição do acontecimento, o historiador, pela história, também deve julgar e moralizar:

Examinada e conhecida a verdade dos acontecimentos, ouvida a voz dos séculos passados, - a voz própria e verdadeira, — cumpre ao historiador ainda narrar e descrever, e de par com a narração e a descrição, julgar e moralisar. A historia é uma missão nobre e elevada, que aperfeiçoa a inteligência, purifica o espirito, esclarece a consciência, e adorna o coração. A descrição e a moralisação, a pintura e o juízo, a narração e o raciocínio, são elementos indispensáveis para traçar-se o grande quadro dos acontecimentos humanos, indagarlhes as causas, descobrir-lhes os resultados, ligar a vida do indivíduo á vida da sociedade, reunir o homem á espécie, e formar assim essa grande lição, para que foi instituída a historia.¹⁴³

Descrever. Moralizar. Pintar. Narrar. Esses verbos deixam clara a função do historiador. A história não vem ao seu encontro, por assim dizer, em breves momentos iluminados de mentes privilegiadas. Não. Ela requer busca constante, pesquisa intensa, crítica documental, trabalho em busca da verdade. A história ainda ensina, mas observa-se a preocupação em tratá-la como ciência. Pintar? Assim como em Januário da Cunha Barbosa, a metáfora da pintura retorna em Pereira da Silva. O historiador é um pintor. Ele retrata épocas passadas e torna o ausente presente, em uma presentificação do que já passou. Busca trazer a sua *couleur locale*,¹⁴⁴ auxiliado pela “verdade e compreensão, justiça e inteligência, sabedoria e imaginação”, já que “tudo lhe é mister para dar vida á sua historia, alma á sua narração, interesse á sua obra, parecida physionomia ás épocas que descreve, e próprias vestes aos acontecimentos que narra”.¹⁴⁵ De acordo com Pereira da Silva, o historiador também imagina. De que jeito? Por meio da crítica que ele faz da *América da História Portuguesa* pode-se construir uma resposta plausível.

Após enaltecer o trabalho empreendido pelo biografado para a finalização de sua obra – seja a indagação minuciosa, seja o ardente desejo de querer saber para obter a verdade –, há uma crítica que Pereira da Silva faz. Curiosamente, é a mesma crítica que irão fazer contra ele em *História da fundação do Império*, a saber, que Rocha Pita deu “como verdadeiros alguns factos, que qualquer minucioso exame, ou investigador raciocínio teria declarado falsos, e

¹⁴³Ibidem, v. 2, p. 74.

¹⁴⁴ “*Couleur locale*, em peinture, est la couleur propre à chaque objet, indépendamment de la distribution particulière de la lumière et des ombres.” HOVENKAM apud BANN, Stephen. **The clothing of clio: a study of the representation of history in nineteenth-century Britain and France.** Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 27. Sobre o assunto ver: CARDOSO, Eduardo Wright. **Cor local e a escrita da história no século XIX: o uso da retórica pictórica na historiografia nacional.** 2012. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Departamento de História, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana.

¹⁴⁵ SILVA, 1847, v. 2, p. 75.

mesmo inverosímeis”.¹⁴⁶ Não obstante, logo a seguir afirma o autor que outros historiadores também incorreram no mesmo erro, por exemplo, Tito Lívio, Guilherme Robertson e João de Barros. Eis o erro que eles não evitaram: a imaginação. No caso aqui, a imaginação alheia: “Sebastião da Rocha Pitta, como aquelles escriptores, é arrastado pela imaginação: acceita as legendas religiosas dos missionários, e as legendas poéticas do povo, como acontecimentos reaes; ou não ousou rebatte-las, ou acreditou-as; peccou por qualquer dos modos”.¹⁴⁷ Em uma primeira leitura, o problema residiria na imaginação de terceiros que teriam prejudicado o historiador a alcançar a verdade, mas este também é culpado por não tê-la evitado. Essa, poder-se-ia dizer, *imaginação poética*¹⁴⁸ só é um problema por não estar subsidiada pela pesquisa histórica. Isto é, a imaginação em si não é um malefício, apenas o é quando o trabalho crítico do historiador está ausente. O próprio Rocha Pita possuía um requisito necessário – a capacidade imaginativa: “era dotado ainda de imaginação brilhante, e de variada phantasia, para reunir o agradável ao necessário, o bello ao útil”.¹⁴⁹

Assim como o historiador necessita do exercício de sua capacidade imaginativa, embora evitando ser arrastado por imaginações alheias, no caso do cronista isso não é diferente. Na biografia de José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo, Pereira da Silva propõe formas corretas para a escrita de uma boa crônica. Nascido em 1763, na cidade de Rio de Janeiro, Pizarro e Araujo se notabilizou pela obra *Memórias históricas da capitânia do Rio de Janeiro, e das demais capitânias do Brasil*. Contudo, ele tinha por objetivo escrever uma crônica do bispado do Rio de Janeiro, que, posteriormente, seria estendida para a escrita da história de todos os bispados do Brasil. Nessa busca, suas qualidades como pesquisador aparecem e merecem elogios do autor de *Plutarco brasileiro*:

Na visita que fez ás igrejas e câmaras do bispado, encontrou immensos materiaes, e desconhecidos documentos que lhe ministraram grandes esclarecimentos. Seu gênio curioso e indagador a nada se poupou para conseguir a maior somma de materiaes valiosos. E a proporção que os ia descobrindo, se lhe alargava a ambição de estender a sua chronica a todos os bispados do Brazil, **compreendendo a historia fiel e verdadeira de seus acontecimentos, fundada em provas documentaes e irrecusáveis**.¹⁵⁰

¹⁴⁶ Ibidem, v. 2, p. 81.

¹⁴⁷ Ibidem, loc. cit.

¹⁴⁸ CEZAR, 2003, p. 73-94.

¹⁴⁹ SILVA, 1847, v. 2, p. 84.

¹⁵⁰ Ibidem, v. 2, p. 159. Grifo meu.

Cronista e não historiador. É dessa maneira que Pereira da Silva adjetiva Pizarro e Araujo. Quais seriam as diferenças entre ambos? Ao longo da segunda parte dessa biografia, encontra-se a resposta. Utilizando uma linguagem metafórica, o biógrafo escreve que

[...] o historiador é a como a aguia que de alto paira e se revolve na sua grandeza e magnificencia. O chronista é a ave do voo rasteiro, que descanta seus amores á vista de todos, - n'essa linguagem de todos, - sem a menor pretensão de elevar-se e de brilhar.¹⁵¹

A tarefa do cronista, mesmo considerada menor, é fundamental para o trabalho do historiador, pois “materiaes os mais importantes para a historia foram por elles procurados e encontrados; os mais preciosos documentos, occultos até então sob o pó dos arquivos, se publicaram por seus cuidados”. Além disso, “as letras muitos serviços devem a esses varões laboriosos que viveram e envelheceram no estudo dos despedaçados pergaminhos, e dos velhos papeis”.¹⁵² Ao longo dessa segunda parte da biografia de José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo, quando Pereira da Silva busca analisar o trabalho produzido por ele, a linguagem metafórica do autor de *História da fundação do Império* aflora de forma diferente das demais biografias, com raras exceções. É quando se permite não somente retratar da maneira mais clara possível a vida daqueles sobre os quais escreve, com o objetivo explícito em seu trabalho de servir ao país, mas também fazer algumas reflexões concernentes a aspectos sobre a história, a escrita ou as diferenças entre cronistas e historiadores, que seu estilo mais autoral aparece. O excerto a seguir é um bom exemplo do uso de uma linguagem mais poética por parte do autor.

Os chronistas são como os archotes nos profundos subterraneos, o raio da luz no seio das emmaranhadas florestas, o crepitar do relâmpago durante a negridão da tempestade. Por elles muitas cousas se sabem, muitos feitos se conservam, e muitas acções se perpetuam.¹⁵³

Continuando suas reflexões sobre a crônica e a história, assim como fez no caso da segunda, Pereira da Silva divide os cronistas em três grupos. Há, em um primeiro momento, aqueles que “são considerados pela belleza e perfeição do estylo e das formas exteriores”. Posteriormente, têm-se aqueles que “merecem encômios pelos encantos da **imaginação**, e os rasgos da poesia”. E por último, “alguns emfim brilham unicamente pela verdade dos factos, e fidelidade das observações”.¹⁵⁴ Ora, nem todo cronista tem como uma de suas principais características a imaginação. Se, como ficou claro mais acima, Pizarro e Araujo destacava-se,

¹⁵¹ Ibidem, v. 2, p. 162.

¹⁵² Ibidem, v. 2, p. 165.

¹⁵³ Ibidem, v. 2, p. 163. Grifo meu.

¹⁵⁴ Ibidem, v. 2, p. 162.

de acordo com Pereira da Silva, por sua capacidade investigativa, pode-se considerá-lo pertencente ao último grupo definido pelo biógrafo. Disso depreende-se que a imaginação não é um dos grandes atributos do biografado.

Monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo **não tem imaginação brilhante**, nem pensamentos elevados; não é escriptor para se comparar com Fernão Lopes, com Diogo do Couto, com Froissard, com Luiz de Souza, com Rocha Pitta, com Villani ou com Joinville. Mas tem tanto ou maior merecimento ainda do que elles, porque poucos, bem poucos são os escriptores que se apoiem mais em documentos; que nemhum facto narrem, immediatamente não o provem; que manifestem maior zelo, mais minuciosa curiosidade, e desejo mais ennobrecido de instruir-se.¹⁵⁵

Tomando o sentido dado à palavra *imaginação* no século XIX, mais especificamente àquele presente no *Dicionário* de Moraes Silva, essa palavra está mais vinculada ao estilo do autor. Para além de representar, por meio da fantasia, os objetos reais e imaginados, ela também auxiliava no estilo daquele que escreve. Ao que parece, essa é a relação estabelecida por Pereira da Silva quando se refere à Pizarro e Araujo. Não bastava somente a meticulosidade do escritor como pesquisador. O escritor também é, obviamente, um escritor, ou seja, por meio das palavras ele deve atrair, seduzir e persuadir seus leitores, algo que não está presente nos trabalhos do biografado.

Monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo é para o Brazil um dos seus chronistas mais preciosos. Não tem estylo a sua obra: não encanta a leitura d'ella; não se recommenda por nem-uma d'essas qualidades que constituem um escriptor. E não somente falta-lhe a grande qualidade de estylo, como a organização das — Memórias históricas do Rio de Janeiro e das províncias annexas á jurisdicção do vice-rey do estado do Brazil — pecca, por obscuridade de plano, por desconnexão de factos, e por confusão de dactas e épocas históricas. São porém um thesouro inexgotavel de sciencia histórica, um arquivo completo de todos os acontecimentos que se succederam no paiz; um monumento do mais subido valor histórico, chronologico e geographico para o Brazil.¹⁵⁶

A crítica do biógrafo para com o cronista reside justamente nesse ponto. Sobra-lhe preocupação com a verdade dos fatos e fidelidade das observações, mas falta-lhe imaginação e, por consequência, seu estilo não possui qualidades necessárias capazes de alçar o cronista à condição de historiador, mesmo sendo sua obra valorizada por Pereira da Silva. A preocupação com o estilo na escrita não está presente somente no cronista. Retornando à biografia de Rocha Pita, o historiador-biógrafo também desenvolve pensamentos e ideias sobre a escrita da história.

¹⁵⁵ Ibidem, v. 2, p. 166-167. Grifo meu.

¹⁵⁶ Ibidem, v. 2, p. 166.

2.2 Imaginação e estilo: do escritor ao historiador

Aliada à imaginação, a história também requer um estilo capaz de atrair seus leitores. Contudo, o estilo é antes do escritor do que do historiador. Ou seja, a escrita é algo próprio ao indivíduo, devendo esse escrever de maneira fácil, não a tornando um impedimento para que ele consiga expor suas ideias, seus sentimentos e pensamentos. Justamente o contrário. Para tantos indivíduos que possa haver, existirá uma multiplicidade de estilos: “Quão diverso é o estilo de Tácito do de Plutarco! Quanto é diferente o de Salustio do de Gibbòn! Como oposto é o de Machiavelli ao de Niebuhr! Cicero tinha razão de dizer que a historia agrada de qualquer maneira que se escreva, comtanto que interesse”.¹⁵⁷ O historiador, mediante pesquisa e estudo, deve escrever, embora nem todo grande escritor seja um bom historiador e vice-versa. Os exemplos de Pereira da Silva perpassam a Antiguidade, com Tito Lívio, até épocas mais recentes, por exemplo, João de Barros. Eles são tidos como aqueles que tinham na escrita uma característica positiva, embora enquanto historiadores tenham caído no erro de tomar como verdade aquilo que apenas foi fruto da imaginação de outrem:

Tito Livio, Guilherme Robertson, e João de Barros foram grandes escriptores, e maus historiadores; grandes escriptores, porque seus estilos interessam, encantam e arrastam; maus historiadores, porque aceitaram sem critério grande numero de factos, e os incluíram nas suas historias, — factos extravagantes uns,— inverosímeis outros, — e que não passavam de tradições populares revestidas da poesia do povo, que é toda patriótica, mas que não deixa de ser poesia, isto é, filha querida e doirada da imaginação. Os historiadores precisam de mais estudos, e de mais discernimento.¹⁵⁸

Se aqui a imaginação é vista novamente com ressalvas, logo mais adiante seu lugar se faz presente, pois uma escrita provida de criatividade será tanto mais possível quando o historiador encontrar e aperfeiçoar constantemente seu estilo, auxiliado por sua capacidade de imaginar, já que “o historiador, manifestando ou materializando suas idéias, fôrma o seu estilo conforme seu character, sua índole, e sua imaginação: essas mesmas ideias lhe vão proporcionalmente creando, vigorando, fortalecendo, e aperfeiçoando o estilo”.¹⁵⁹ Referindo-se a Rocha Pita, seu estilo é descrito como claro, fácil e belo, que proporciona descrições admiráveis com eloquentes pinturas.

Pode-se dizer que, pela leitura da biografia de Rocha Pita, há, de acordo com Pereira da Silva, uma *imaginação poética* que deve ser evitada por trazer vícios e erros, mas também

¹⁵⁷ Ibidem, v. 2, p. 76.

¹⁵⁸ Ibidem, loc. cit.

¹⁵⁹ Ibidem, v. 2, p. 77.

se observa a existência daquilo que chamamos de uma *imaginação controlada*. Esse termo foi proposto por Temístocles Cezar em uma analogia ao trabalho de Paul Ricoeur.¹⁶⁰ Embora em seu artigo o professor esteja mais centrado em trabalhar a questão do *presentismo* enquanto alternativa historiográfica, tomo de empréstimo o termo.¹⁶¹ No historiador, sua capacidade imaginativa deve estar calcada em bases sólidas, mesmo que nem o próprio Pereira da Silva tenha, segundo um de seus críticos, conseguido atingir plenamente isso, como a crítica feita à sua obra demonstra:

Accusam ao auctor do Plutarco Brasileiro de uma linguagem que mais parece de um discipulo de Villemain, e de um poeta discipulo de Chateaubriand, do que de um historiador. **Reconhecemos que a imaginação do auctor deixa-se algumas vezes levar pelo brilho seductor do objeto que o possuia; seu estylo n'essas circumtancias tornou-se rico pelas imagens, largo pela amplidão das ideias; mas essas qualidades não são as do frio historiador, são as do jovem litterato de um clima ardente, escrevendo em um paiz por sua natureza poetico.**¹⁶²

A crítica é forte, pois não reconhece no biógrafo e no historiador qualidades importantes para o seu trabalho. De certa forma, após analisar o modo como Pereira da Silva via o estilo, tanto no cronista quanto no historiador, ele incidiu no mesmo equívoco se concordarmos com a afirmação acima feita. O que chama atenção também é essa relação que o crítico faz entre a poesia e um estilo de escrita mais sedutor, mais rico em imagens e menos “científico” se possamos traduzir a expressão “[...] não são as do frio historiador” por esse termo. Na biografia de Frei Caldas, busco compreender de que forma a imaginação é vista quando possuída pelo poeta.

¹⁶⁰ “Poderia falar de *ilusão* controlada para caracterizar essa feliz união que faz, por exemplo, do retrato que Michelet fez da Revolução Francesa uma obra literária comparável a *Guerra e Paz* de Tolstói, na qual o movimento procede em sentido da ficção para a história, e não mais da história para a ficção”. RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 3 v. p. 319. A ideia trabalhada por Ricoeur, nessa parte de desenvolvimento de *Tempo e narrativa*, é a de demonstrar o processo de refiguração efetiva do tempo pelo entrecruzamento entre história e ficção. A proximidade entre elas dá-se à medida que, a fim de concretizar suas respectivas intencionalidades, tomam-na de empréstimo uma da outra. No que diz respeito à ficcionalização da história, a imaginação tem seu papel na narrativa histórica no plano da configuração.

¹⁶¹ CEZAR, 2003, p. 81.

¹⁶² SILVA, 1847, v. 2, p. 234-235. Grifo meu.

2.3 A imaginação no poeta: os “atrevidos e arrojados voos” de Souza Caldas

Filho de Luiz Pereira de Souza e de Ana Maria de Souza, a natureza não foi muito generosa com Antonio Pereira de Souza Caldas. Débil e fraco, atacado por moléstias, mudou-se, aos oito anos de idade, para Lisboa, onde, mais tarde, estudará Jurisprudência. Pereira da Silva enquadra o nascimento do poeta dentro de um contexto maior, contexto esse nem um pouco positivo. Vejamos. Na sua infância, tem-se a perda da colônia de Sacramento para a Coroa espanhola; quando Souza Caldas ingressa na universidade ocorre a morte de D. José I, culminando em um caos administrativo no reino. O historiador-biógrafo acredita que esses acontecimentos ajudaram a moldar a personalidade do seu biografado:

Que presagios melancólicos o acompanharam desde o berço? Como não deveria seu espírito pensador guardar duradouras estas impressões? Como taes acontecimentos não deveriam abalar as fibras de sua alma pura e elevada? [...] Resultou d'estas impressões que Antônio Pereira de Souza Caldas, de coração generoso, de alma suave e perfeita, de superior intelligencia, e de primoroso engenho, teve melancólico character, foi de frio tracto, e de maneiras reservadas.¹⁶³

Antes que pudesse deixar também seus leitores melancólicos, Pereira da Silva logo acrescenta ter sido a poesia a responsável por tirar Souza Caldas desse estado de profunda solidão. À medida que avança nos estudos, sua composição torna-se mais madura. A morte do pai, contudo, o arranca de Portugal e o faz percorrer alguns países da Europa, tais como a França e a Itália. Ali, mas não somente pelo encontro com obras antigas, sua imaginação recebe o impulso necessário para, posteriormente, criar:

E não foi só a historia dos feitos antigos que exaltara a **imaginação do poeta**: a pompa da religião catholica, o esplendor dos templos, e a geração extraordinária de engenhos superiores, que ainda modernamente produzira terra tão rica, empapada de immortalidade, velha como a historia, e sempre fresca e viçosa como uma ficção de fadas, avivaram-lhe e poetisaram-lhe a **phantasia**: de cada resto abandonado d'essas famosas ruinas viu levantar-se um suspiro, ou cântico sonoro, melodioso, melancólico, mais doce ao coração do que o frêmito das vagas do oceano, ou o soido vagaroso e fúnebre do vento por entre os galhos levantados das esbeltas cassuerinas, e dos bravios pinheiros.¹⁶⁴

Entre as obras produzidas pelo poeta, Pereira da Silva destaca *Immortalidade d'alma*, *Creação*, *Existencia de Deus* e *Necessidade*, além da tradução dos Salmos. As características do poeta colocam-no na segunda escola da poesia lírica portuguesa. Enquanto a primeira escola tem como principal representante Camões e é definida como mais terna e sonora, a

¹⁶³ Ibidem, v. 1, p. 71-72.

¹⁶⁴ Ibidem, v. 1, p. 77. Grifo meu.

segunda preocupa-se menos com a forma e as vestes exteriores para procurar pensamentos ativos e grandiloquentes, o que proporciona a Souza Caldas “atrevidos e arrojados voos” como em nenhum outro membro dessa escola de poesia lírica portuguesa. E isso é mais possível quando o poeta possui uma capacidade imaginativa que o possibilita não apenas compor, mas também inventar sem nenhuma preocupação com procedimentos metodológicos como os verificados quando se trata do historiador. Se o “voo” existe, ele precisa ser livre:

Não ha que admirar unicamente em Antonio Pereira de Souza Caldas uma imaginação vasta, brilhante, ilimitada; uma superabundancia de magestosos e magníficos pensamentos; um como que excesso, ou mesmo exageração da faculdade de inventar, e de produzir, que possuia em gráo subido, agglomerado por essas odes sacras, e em tão pequeno circulo, tantas, tão differentes, tão variadas, e ao mesmo tempo tão grandiosas ideias; é que fora elle dotado com essa força preciosa, com esse raro privilegio que se intitula – genio, e que comprehende o gosto, e a invenção; - o gosto, que é o poder de sentir e conhecer o que é bello, e – a invenção, que é o talento de imaginar, e produzir – o verdadeiro genio não se contenta com vêr e admirar, mas tem vontade ardente, e irresistível força de exprimir.¹⁶⁵

É, pois, por meio da linguagem que o poeta se exprime, já que a partir dela consegue-se desenhar e pintar “o quadro pomposo, que almeja o entusiasmo do poeta”. Da mesma maneira que o historiador, o poeta também pinta quadros, mas enquanto naquele a imaginação precisa ser controlada para que não se tome por verdades acontecimentos falsos, nesse a capacidade imaginativa está mais livre, seja para compor, seja para criar ou mesmo inventar. Para Souza Caldas, ela ainda possibilita traduzir os Salmos de uma forma que João Baptista Rousseau não consegue na tradução francesa.

Na língua franceza João Baptista Rousseau foi traductor dos Psalmos; ou fosse porém que se não prestasse a língua franceza á expressão magestosa e sublime dos cânticos hebraicos , ou porque,— o que é mais presumível, faltassem imaginação e gênio ao traductor, que, apesar da nomeada, que grangeou, de primeiro poeta lyrico da França , muito inferior nos parece a seus mesmos compatriotas Lebrun, Lamartine, e Victor Hugo, o certo é que a tradução franceza está muito áquem das traducções dos Psalmos, que possuem as demais nações da Europa , e das quaes uma das mais aperfeiçoadas é , sem duvida alguma, a de Antônio Pereira de Souza Caldas.¹⁶⁶

Observou-se, a partir das biografias de Rocha Pita, Pizarro e Araujo e Souza Caldas, a maneira como a palavra *imaginação* aparece em *Plutarco brasileiro* e, por meio das reflexões que Pereira da Silva em alguns momentos se propõe a fazer, a própria forma como o autor a definia, tanto positiva quanto negativamente; muitas vezes necessária e em outras situações devendo ser evitada. Agora, será proposta uma ampliação de análise do termo a fim de

¹⁶⁵ Ibidem, v. 1, p. 91. Grifo meu.

¹⁶⁶ Ibidem, v. 1, p. 100. Grifo meu

observar outros historiadores desenvolvendo ideias e opiniões sobre os usos da imaginação no conhecimento histórico para compreender que as afirmações feitas por Pereira da Silva podem ser situadas dentro de um contexto mais amplo. A escolha dos autores que serão analisados no desenvolvimento desta parte da dissertação não se deu de forma aleatória. Eles estão aqui devido à centralidade com que abordam o assunto em alguns de seus trabalhos. Evidentemente, escolhas requerem exclusões. Na impossibilidade de escrever uma história da imaginação histórica – até pelo fato de que isso escapa aos propósitos deste trabalho –, esses historiadores nos dão uma “vista lateral” de um debate entre história e arte, de forma mais ampla, e de imaginação e razão, de maneira particular.

3 HUMBOLDT E A IMAGINAÇÃO HISTÓRICA: APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS ENTRE O POETA E O HISTORIADOR

Quem também escreveu sobre a relação entre o trabalho do poeta e o do historiador, de forma mais direta que a de Pereira da Silva, foi Wilhelm von Humboldt (1767-1835). Nascido em Potsdam, ele teve uma vida caracterizada por viagens e pela ocupação de vários cargos importantes dentro do estado prussiano. De Paris, onde esteve em 1789, a Berlim, local onde cursou a faculdade de Direito, Humboldt encarnou na sua figura a chamada *Bildung* alemã. Autor de escritos sobre Pedagogia, Filosofia da Natureza, Estética e História, ele também participou da reforma pedagógica que estruturaria a fundação da Universidade de Berlim, no ano de 1810.¹⁶⁷

Em 1821, mais precisamente no dia 12 de abril, Humboldt profere uma conferência intitulada *Sobre a tarefa do historiador*. Embora antes dele pensadores como Immanuel Kant e Johann Gottfried Herder tenham tornado públicas obras do mesmo formato, ou seja, reflexões sobre a natureza da história e do conhecimento histórico, o historiador alemão, mesmo fazendo parte dessa tradição, de certa maneira inverte a sua lógica ao ter como base de questionamento a forma como se produz o conhecimento histórico.¹⁶⁸ Com isso, a ênfase de análise recai antes no historiador do que propriamente na história.

Logo na frase inicial de sua conferência, o pensador alemão deixa claro em que consiste a tarefa do historiador: exposição do acontecimento. Se isso é o que se pode pretender de mais elevado, por outro lado, ao somente expor o que outrora acontecera “o historiador se mostra receptivo e reproduz, jamais autônomo e criativo”.¹⁶⁹ Eis uma contradição, pois o principal papel atribuído àquele responsável pelo conhecimento histórico é algo que limita (o que Humboldt tanto prezava) a sua liberdade. Não obstante, o historiador precisa encontrar a *innere Wahrheit*, isto é, a verdade essencial dentro de um mundo que se encontra “disperso, isolado e estilhaçado”. Ora, no mundo dos sentidos, aquele que nos é acessível em um primeiro momento, não reside de forma plena o acontecimento. É preciso encontrar o contexto causal interno, no qual se encontra a *innere Wahrheit*. Além dessas condicionantes, há de se ter extremo cuidado e atenção com as expressões usadas, demonstrando a preocupação do historiador com a linguagem.

¹⁶⁷ CALDAS, Pedro. Apresentação. In: MARTINS, Estevão de Rezende. **A história pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 71-81.

¹⁶⁸ Ibidem, p. 78.

¹⁶⁹ HUMBOLDT, 2010, p. 82-100.

Quando se tenta esclarecer o fato mais insignificante, mas limita-se somente a dizer o que realmente aconteceu, logo se percebe que, sem um cuidado extremo na escolha e na medida das expressões, tornam-se inevitáveis os erros e as imprecisões, porquanto pequenos fatores acabam se mesclando aos eventos do passado.¹⁷⁰

A observação imediata, incompleta e fragmentada precisa ser complementada pelo historiador, dando a ele autonomia e criatividade. Disso resultam duas conclusões. A primeira diz respeito à recuperação da liberdade do historiador ao dar forma ao que realmente é e não produzir o que não estava dado de forma prévia. Ou seja, pode-se dizer que essa autonomia e, até mesmo, criatividade do historiador é subordinada ao resultado da tradição e da pesquisa. Relacionada a isso está a segunda conclusão: é possível e mesmo necessário aproximar o historiador do poeta, já que ambos compartilham da mesma missão de expor o todo por meio de fragmentos. Humboldt sabe que essa tentativa pode suscitar dúvidas e contestações, mas a mantém firme.

Pode parecer duvidoso fazer com que se toquem, mesmo que o seja em um ponto, as áreas do historiador e do poeta. As atividades de ambos, porém, têm afinidades inegáveis, pois, se a exposição feita pelo historiador, como já dito antes, só atinge a verdade do acontecimento se houver complementação e articulação do que à observação imediata se mostra incompleto e fragmentado, tal conquista só é possível ao historiador, caso ele, como o poeta, **use a fantasia**.¹⁷¹

O tom usado é de aproximação entre as duas áreas e não de sobreposição. Há uma diferença fundamental entre ambos, historiador e poeta. A fantasia, ou imaginação, visto haver a similitude de sentido entre as palavras no texto de Humboldt, no primeiro está subordinada “à experiência e à investigação da realidade”. Ela não age livremente, sendo mais correto chamá-la de “faculdade da imitação” e “dom de estabelecer conexões”.¹⁷² O trabalho da História, como o da Filosofia e da Poesia, é livre e também uma arte em si mesma. Contudo, subordinada, como já se disse, à pesquisa histórica. Além do mais, Humboldt não esquece o título da conferência. Isto é, tem sempre em mente a tarefa do historiador, a saber, a exposição do acontecimento na busca da verdade essencial. Para alcançá-la, ele deve percorrer dois caminhos. De um lado, “tem-se a fundamentação crítica, exata e imparcial dos acontecimentos; em um segundo momento, há de articular os resultados da pesquisa e intuir o que não fora alcançado pelo primeiro meio”.¹⁷³ Utilizando a linguagem do pensador alemão, cabe ao historiador “perscrutar todos os direcionamentos do espírito” – já que o objeto do seu trabalho envolve, em certa medida, tudo o que existe, seja especulação, experiência ou poesia,

¹⁷⁰ Ibidem, p. 83.

¹⁷¹ Ibidem, loc. cit. Grifo meu.

¹⁷² Ibidem, p. 83.

¹⁷³ Ibidem, loc. cit.

porque elas “não são atividades isoladas, limitadas e opostas umas às outras, mas diferentes raios de luz que emanam de um mesmo prisma”.¹⁷⁴

Há um diferencial da História em relação à Filosofia e à Poesia. O seu estudo confere ao homem o sentido para a realidade. Se objetivamente a tarefa do historiador consiste na exposição do acontecimento, quando este é relacionado ao aspecto subjetivo, para Humboldt, ela faz despertar e reviver esse chamado sentido para a realidade.

O elemento no qual a história se move é o sentido para a realidade, e nele se encontram o sentido da transitoriedade da existência temporal e a dependência em relação às causas passadas e simultâneas; a tais sentimentos se contrapõem a consciência da liberdade espiritual interna e o conhecimento racional de que a realidade, a despeito de sua aparência contingente, articula-se por uma necessidade essencial. Se apenas uma vida humana percorresse o espírito, ela seria agarrada por este momento excepcional através do qual a história estimula e envolve; e assim o historiador, se quiser cumprir a tarefa de seu ofício, deve compor os eventos de tal maneira que a alma se ponha no mesmo movimento da realidade.¹⁷⁵

Por isso a história possui afinidade com a vida ativa. Menos preocupada em fornecer exemplos que devem ser seguidos ou evitados, sua maior utilidade consiste em fazer reviver esse sentido. Além disso, sendo o historiador agora um ser dotado de criatividade e liberdade, é possível dizer que ele se constitui de sua alma e de sua vida, em tudo que elas acarretam, isto é, sua historicidade e fantasia (imaginação). Antes de retomar algumas ideias desse importante texto de Humboldt, façamos um contraponto, a partir do discurso de inauguração do IHGB, já citado na primeira parte deste trabalho, para buscar compreender a importância do papel da imaginação no Brasil oitocentista.

Para o cônego Barbosa, em uníssono com o barão de Barante,¹⁷⁶ a imaginação aparece ao lado da razão como um guia esclarecido e seguro. Como diz o par Barbosa-Barante, “A vida moral tem suas condições e suas leis; compõe-se também de circunstâncias ligadas por meio de relações quase necessárias; a philosophia póde reconhecê-las e demonstrá-las; e a **imaginação, com mais celeridade e certeza, saberá então dellas assenhorear-se**”.¹⁷⁷ Excluindo a intervenção da providência divina, a imaginação aparece ao lado da Filosofia para a elaboração de uma história do ponto de vista filosófico, isto é, a compreensão do passado deve ser focada em uma historiografia centrada na história das nações e civilizações. Isso não implica dizer que os historiadores a partir de então tenham se tornado todos ateus. O que está em jogo aqui é o aspecto tão valorizado por Humboldt. Em outras palavras, os

¹⁷⁴ Ibidem, loc. cit.

¹⁷⁵ Ibidem, p. 86.

¹⁷⁶ Sobre a utilização de barão de Barante por Barbosa ver: CEZAR, 2011, p. 93-124.

¹⁷⁷ BARBOSA, 1839, p. 12. Grifo meu.

historiadores, ao abstraírem a interferência providencial, no mesmo movimento teriam liberdade na apreensão do passado, buscando suas causas, seus nexos e explicando-os com inteligibilidade. Ainda seguindo o discurso de Barbosa, logo mais adiante, há a vinculação da história com a pintura.

A sorte geral da humanidade muito nos interessa, e nossa *sympathia* mais vivamente se abala quando se nos conta o que fizeram, o que pensaram, o que soffreram aquelles que nos precederam na scena do mundo: é isso o que falla á nossa imaginação, é isso o que resuscita, por assim dizer, a vida do passado, e que nos faz ser presentes ao espectáculo animado das gerações sepultadas. Só desta arte a história nos pode offerecer importantíssimas lições; ela não deve representar os homens como instrumentos cegos do destino, empregados como peças de um machinismo, que concorrem ao desempenho dos fins do seu inventor. **A história os deve pintar taes quaes foram na sua vida, obrando em liberdade, e fazendo-se responsaveis por suas acções.** A Providencia, é verdade, faz muitas vezes sahir o bem do seio do mal, a ordem das turbulências da anarchia, e a liberdade dos terrores do despotismo; mas, é força dizei-o, Srs., estes caminhos não estão ao nosso alcance; os caminhos do homem são traçados pelos seus deveres, e aos olhos da Musa severa da história o crime sempre deve ser crime.¹⁷⁸

O historiador, responsável por ser aquele que pinta, deve realizar esse intento de forma a tornar compreensíveis as ações humanas. Outra questão que reside aqui é a aproximação dessa noção de história com a pintura, tendo de contar o que fizeram, pensaram e sofreram aqueles que vieram antes de nós, com a *enargeia* dos antigos, pois o sentido mais indicado para possibilitar essa pintura é a visão. Contudo, como ver o que já passou? Esse paradoxo pode ser resolvido com a imaginação, não em um arroubo romântico, mas subordinada à investigação histórica. Ou seja, ela pode ser responsável por auxiliar o historiador na sua missão de “pintar quadros”. Como demonstrou François Hartog, a *enargeia* dos gregos é traduzida por Cícero e Quintiliano através da noção forjada de *evidentia*, denotando a capacidade de “pôr algo sob olhos do espectador”. Existe também uma busca por tornar o ausente presente, já que “pela potência da imagem, o ouvinte é afetado à semelhança do que teria ocorrido se ele estivesse realmente presente”.¹⁷⁹

Além do papel atribuído à imaginação, observa-se outro assunto em comum presente nos escritos de Januário da Cunha Barbosa e Wilhelm von Humboldt. Trata-se da dificuldade, mas também necessidade, de se escrever uma história a partir de fragmentos. A metáfora de Barbosa, ou Barante (pois, como já acentuado anteriormente, a partir dessa parte do *Discurso* ambos fundem-se, por assim dizer, em uma única voz), é sintomática do que aqui se está a

¹⁷⁸ Ibidem, p. 12-13. Grifo meu.

¹⁷⁹ HARTOG, François. **Evidência da história**: o que os historiadores veem. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p. 12. No prefácio do livro, o historiador trabalha três formas de evidência desde a *evidentia*, que recorre à potência da visão, até a *evidence*, adotada pelo idioma inglês como sinal, marca, testemunho, prova.

refletir. A comparação que ele faz do “talento do historiador” com a “sagacidade do naturalista” deve-se ao fato deste “que com pequenos fragmentos de ossos, colhidos de escavações, como que ressuscita um animal cuja raça desconhecida existia em plagas que sofreram cataclysmo”, ao passo que aquele pode “formar hum complexo regular de factos, purificados no crisol da critica”, mesmo lidando com “todos esses materiaes informes, incompletos, e mesclados dos prejuízos do tempo [...]”.¹⁸⁰

Quase vinte anos antes, Humboldt, em sua conferência, diria que cabe ao historiador digno de seu nome expor cada evento como parte de um todo. Aqui se encontra o drama da liberdade.¹⁸¹ Em que sentido? O pensador alemão é um dos responsáveis pela consolidação do historicismo alemão, que valoriza a individualidade, seja do homem, seja dos povos ou das experiências históricas. Além disso, a leitura de *Sobre a tarefa do historiador* permite compreender que a história, no sentido atribuído pelo escritor, é encarada como um devir dotado de dinamismo e liberdade. Se a individualidade e a liberdade são importantes no pensamento de Humboldt, como não perdê-las na composição do todo? A resposta pode estar no conceito de *exposição*:

Isso leva ao desenvolvimento preciso e exigido do conceito de *exposição*. A teia dos eventos se mostra ao historiador como uma aparente confusão, somente inteligível em seus fatores cronológicos e geográficos. Para dar forma à sua exposição, ele precisa separar o necessário do contingente, descobrir as sequências internas, tornar visíveis as verdadeiras forças ativas.¹⁸²

O todo de que fala o pensador não corresponde a uma totalidade ideal, pois como lembra Loriga, aquele “não é único nem reconciliado, mas antes múltiplo, cheio de vida, conflituoso, feito de diferenças e de contrastes”.¹⁸³ Mais uma vez, o historiador deve aplicar, com as devidas ressalvas, o processo criativo do artista, na articulação dos fragmentos históricos na busca da construção da história, sempre tentando compreender que cada fato do passado é singular em si. A apreensão do evento precisa de um guia capaz de conduzir o responsável por trazer o passado ao presente. Para Humboldt, esse condutor é a ideia:

As ideias não penetram na história, mas formam sua própria constituição, pois toda força, viva ou morta, age de acordo com as leis da natureza, e tudo o que ocorre na história se dá em um contexto indissociável no tempo e no espaço.¹⁸⁴

¹⁸⁰ BARBOSA, 1839, p. 12.

¹⁸¹ LORIGA, 2011, p. 81-120.

¹⁸² HUMBOLDT, 2010, p. 87.

¹⁸³ LORIGA, 2011, p. 91.

¹⁸⁴ HUMBOLDT, 2010, p. 93.

Quer dizer, uma importante conclusão do ensaio proferido por W. von Humboldt é o fato de que uma ideia está presente em todos os acontecimentos, mas somente pode ser conhecida nos eventos que fazem parte de um todo, resguardando a dimensão individual e autônoma do ser, tendo como aspecto subjacente a esse processo a atuação criativa do historiador auxiliado pela imaginação na busca da, como já dito, *innere Wahrheit*.

As fronteiras entre história e poética, dentro do contexto alemão, serão transpostas. Isso está relacionado à ocorrência da história como *Geschichte*. Ela, como acontecimento único e como complexo de acontecimentos, ao se distanciar da busca de uma exemplaridade presente no passado, que pudesse evitar os possíveis erros a serem cometidos e ressaltar o que deveria ser passível de imitação, como argumenta Koselleck, acaba por aproximar história e poética. Ambas, a partir do advento dessa nova forma de relação com o passado, o presente e o futuro, passam a estar submetidas às mesmas exigências. A *Geschichte* passou a “exigir” maior capacidade de representação da história, “de modo que mostrasse capaz de trazer à luz [...] os motivos que permaneciam ocultos, criando assim um complexo pragmático, a fim de extrair do acontecimento casual uma ordem interna”.¹⁸⁵ Por isso, conseqüentemente, a crítica à história filosófica por não permitir pensar a singularidade dos fatos históricos, ao ditar

[...] um objetivo aos eventos, e, assim, esta busca por causas finais, sejam elas deduzidas da essência da natureza ou do próprio homem, perturba e falsifica toda visão livre sobre a ação própria das forças.¹⁸⁶

Liberdade para o historiador encontrar a parte invisível do fato que se confunde em meio a um turbilhão de acontecimentos, racionalismo, isto é, preocupação com a pesquisa histórica, com sua fundamentação crítica, exata e imparcial, e historicismo, em que o homem é entendido como ser histórico e dotado de historicidade. Esses três aspectos estão na base da conferência de Wilhelm von Humboldt. A história aqui se transforma e se desvincula, ainda que não totalmente, pois se trata de um longo processo, da *Historie* dos antigos. E da mesma forma que a poesia, ela também se preocupa com o geral, o que não implica necessariamente um desleixo pelo particular, pela singularidade. Aqui, o pensador alemão se antecipa a Droysen e sua *Historik*.¹⁸⁷

¹⁸⁵ KOSELLECK, 2006, p. 51.

¹⁸⁶ HUMBOLDT, 2010, p. 91.

¹⁸⁷ “Alguns anos mais tarde, Droysen se expressará neste sentido: ‘Trata-se de reconhecer, nesses elementos subsistentes, as totalidades espirituais de que eram a expressão, de projetá-los, como se se tratasse de curvas, de fragmentos de círculo, sobre seu centro e vê-los em seu conjunto a partir desse centro que lhes próprio’”. DROYSEN apud LORIGA, 2011, p 93.

Espero que o contato com *Sobre a tarefa do historiador* tenha possibilitado mostrar que, mesmo no século em que a história busca consolidar-se como disciplina científica, do primado da razão, havia pensadores preocupados com a dimensão criativa da história. A imaginação histórica encontra em Humboldt um importante refúgio.

4 SER ROMANCISTA

No *Jornal de Debates*, em 23 de setembro de 1837, na seção “Literatura”, Pereira da Silva publica o ensaio *Os romances modernos e sua influência*. Nesse breve texto, o autor propõe uma definição genérica para o termo *romance*.¹⁸⁸ De acordo com ele, “pelos **romances**, começam quase todas as literaturas; a infância dos povos é sempre embalada no berço das **ficções** e dos **jogos da imaginação**”.¹⁸⁹ O historiador, contudo, não escreve, de forma mais pormenorizada, o que entende pelas palavras *ficções* e *imaginação*. Ao relacioná-las tanto ao romance quanto à “infância dos povos” é possível depreender que, apesar da imprecisão terminológica, nesse ensaio a capacidade imaginativa e ficcional está relacionada especificamente ao campo da literatura. Vinculado ao *belo sexo*, a ele não se restringe, já que até mesmo

[...] os mancebos e os velhos amam em demasia ler e escutar romances, sentem seus peitos palpitar à menor sensação, e que há de mais sublime do que uma destas belas reminiscências da infância, que nutre nossa alma, releva-nos o vigor, e o brilho que então tínhamos?¹⁹⁰

Quer dizer, o romance atrai o público feminino, em especial, e os demais, de acordo com o historiador, porque ele está mais próximo de representar “os desvarios da vida humana, os sentimentos de nossa alma, os queixumes e gemidos de nossos corações”¹⁹¹ e para isso recorre-se à imaginação.

Após essa breve introdução, Pereira da Silva, depois de afirmar que o romance não se trata de um gênero novo de composição, percorre historicamente os diferentes períodos em que ele existiu. Desde as histórias presentes na Bíblia, que eram “adornadas com todo o vigor de imaginação”, até o século XIX, no qual tudo teria se modificado por causa da Revolução Francesa, pois essa, “despojando ondas de sangue, tanto benefícios entretanto trouxe ao mundo”,¹⁹² o que chama a atenção é sempre a proximidade da imaginação com o romance, sendo isso reforçado quando o autor diferencia os dois gêneros de romances existentes para ele.

O primeiro deles tem como principal representante Walter Scott. O escocês conseguiu, para Pereira da Silva, imprimir ao gênero um espírito histórico capaz de seduzir seus leitores,

¹⁸⁸ SILVA, João Manuel Pereira da. Os romances modernos e sua influência. *Jornal dos debates, políticos e literários*, Rio de Janeiro, n. 32, 23 set. 1837.

¹⁸⁹ Ibidem, p. 43. Grifo meu.

¹⁹⁰ Ibidem, loc. cit.

¹⁹¹ Ibidem, loc. cit.

¹⁹² Ibidem, p. 44.

sobretudo o chamado *belo sexo*. A única lamentação é não ter ainda naquele momento traduções dos romances de Scott para a língua portuguesa, que poderiam aguçar a prodigiosa imaginação de “nossas jovens senhoras”:

O homem que mudou inteiramente a forma dos romances, e lhes imprimiu certo espírito histórico, certos tipos do belo ideal, foi Walter Scott. Nós já nele falamos, e em sua influência sobre a moderna literatura, em um número deste Jornal: contestar essa influência é negar a existência de astros. Este homem enterrando-se nas crônicas escocesas, e nos *clãs*, que habitam nas montanhas geladas desse pitoresco país, arrancou tão belos sons, tão lindo episódio, que formam o encanto do *belo sexo* da Europa. E se há alguma coisa de que nos espantemos, é que as nossas jovens senhoras, que aquecidas por um clima quente, são dotadas de uma imaginação prodigiosa, e de um puro entusiasmo, não tenham ainda tido os romances desse escocês, porque ainda se não traduziram na língua portuguesa, aliás tão cheias de maus romances, e de péssimas novelas. Por que não há de o nosso *belo sexo* gozar das delícias de ler – Ivanhoé, e Rob Roy – e, derramar uma lágrima sobre a página, que descreve a morte da *noiva de Lammermoor*, e da *amante de Waverley*?¹⁹³

Imaginação daquele que escreve, mas também imaginação de quem lê. É nesse jogo de imaginações que o romance opera. O passado, acessado por meio dessa capacidade criativa, torna-se mais atraente. Assim como em *Plutarco brasileiro*, quando Pereira da Silva preocupava-se com a forma que adotaria para a composição de sua obra, a fim de agradar aqueles que viessem a ter acesso e interesse pelo seu livro, nesse ensaio o público leitor também faz parte das considerações do autor. Como realçar a imaginação, já “vaporosa”, dos leitores? A tentativa de buscar um estilo parecido com Walter Scott pode ajudar na resposta desse questionamento: “Eis aqui todos os frutos da escola histórica de Walter Scott, que tão grande revolução fez na literatura, e que **exaltou tanto as pessoas dotadas de vaporosas imaginações**”.¹⁹⁴

O outro gênero de romance existente para Pereira da Silva tem como criador Goethe. Diferentemente do anterior, aqui não há nada de histórico, sendo tão “somente a apologia do sentimento íntimo, e dos sofrimentos internos; este gênero é todo de concepção filosófica”.¹⁹⁵ Outra vez sem precisar melhor a utilização do que entende por essa terminação, pode-se, contudo, afirmar, a partir das diferenciações feitas por Pereira da Silva, que um “gênero todo de concepção filosófica” está mais relacionado a aspectos individuais e reflexivos sobre o ser humano, ao passo que o romance da linha de Walter Scott concentra-se mais na construção de quadros históricos. Como exemplos desse gênero liderado por Goethe, tem-se “o *Visionário* de Schiller – *Paulo e Virgínia* de Bernadin de Saint Pierre – *Atala*, *René*, e o *último do*

¹⁹³ Ibidem, p. 45.

¹⁹⁴ Ibidem, loc. cit. Grifo meu.

¹⁹⁵ Ibidem, p. 46.

Abencerrajas de Chateaubriand – *Adolfo* de Benjamim Constant – *últimas cartas de Jacopo Ortis* de Ugo Foscolo – *Nova Heloísa* de Rosseau”, todos caracterizados por serem “curtos, e simples, e onde reina mais que tudo a riqueza poética”.¹⁹⁶

Marcus Vinicius Nogueira Soares, em artigo intitulado *Um texto esquecido: Pereira da Silva e a gênese do romance brasileiro*,¹⁹⁷ propõe-se a destacar a importância de Pereira da Silva, mais especificamente de seu texto citado anteriormente, para os debates em torno do aparecimento do romance no Brasil. Para o professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, apesar desta aparente confusão terminológica presente no século XIX, quando havia indeterminações sobre os critérios a serem adotados para a classificação de contos, novelas ou romances, o ensaio de Pereira da Silva é importante pelo fato de o autor não se pautar pela extensão de uma obra para classificá-la como um romance. Conforme visto, o que interessava para ele era a diferença entre um gênero considerado histórico e outro de concepção filosófica. Não é possível compreender pormenorizadamente o que o historiador do Brasil oitocentista quer dizer quando utiliza a palavra *romance*, contudo, pode-se estabelecer um vínculo com a ficção. Próximo do sentido dado *anovela*, o romance difere dela por um motivo principal, conforme Soares, citando a obra *Lições elementares de eloquência nacional*, de Freire de Carvalho, cuja primeira edição de 1834 foi publicada no Rio de Janeiro. Para Carvalho, que inclui a novela e o romance histórico como gêneros da Eloquência, “ambos são ficções, contudo diferem na medida em que o primeiro é fruto da imaginação do novelista, e o segundo, embora se pautem em elementos ‘fingidos’, busque o seu fundamento em ‘fatos consignados na História’”.¹⁹⁸ No último parágrafo de *Os romances modernos e sua influência*, Pereira da Silva comenta que em outra ocasião desenvolverá mais esse assunto. Embora não saibamos identificar se houve outro texto em que ele retomou suas reflexões sobre o romance, pela leitura de seus próprios livros pode-se descortinar um pouco mais a relação entre o historiador e o romancista; o romance e a imaginação.

Antes de partir para a análise dos romances de Pereira da Silva, alguns trechos escritos por José de Alencar em diferentes obras podem nos auxiliar a entender melhor essa relação. Quase vinte anos após a publicação de *Os romances modernos e sua influência*, aparece nas páginas do *Diário do Rio de Janeiro*, no dia 22 de dezembro de 1856, o conto intitulado *Cinco minutos*. Feito em forma de folhetins, após alguns meses, com todos os capítulos já

¹⁹⁶ Ibidem, loc. cit.

¹⁹⁷ SOARES, Marcus Vinicius Nogueira. *Um texto esquecido: Pereira da Silva e a gênese do romance brasileiro*. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 31-41, 2003.

¹⁹⁸ CARVALHO apud SOARES, 2003, p. 39.

publicados, foi lançada uma edição que foi oferecida para os assinantes do jornal, sendo, porém, também requisitada por outros leitores. De maneira particular, o que interessa do conto do autor de *Iracema* é a sua primeira frase. Escreve ele: “É uma história curiosa a que lhe vou contar, minha prima. Mas é uma história, e não um romance”.¹⁹⁹

Após a frase acima, a história começa. O que o autor quis dizer ao fazer essa advertência? Antes disso, por que ela era necessária? Exemplo clássico do romantismo brasileiro, o conto trata de um amor considerado puro, casto e duradouro entre Carlota e o jovem que escreve a carta para sua prima. Ora, pouco tempo depois, em 1857, no prólogo da edição de *O guarani*, José de Alencar retoma o contato com “sua prima” e aponta, de forma mais clara, as diferenças entre história e romance.

Minha prima. — Gostou da minha história, e pede-me um romance; acha que posso fazer alguma coisa neste ramo de literatura. Engana-se; quando se conta aquilo que nos impressionou profundamente, o coração é que fala; quando se exprime aquilo que outros sentiram ou podem sentir, fala a memória ou a imaginação. Esta pode errar, pode exagerar-se; o coração é sempre verdadeiro, não diz senão o que sentiu; e o sentimento, qualquer que ele seja, tem a sua beleza. Assim, não me julgo habilitado a escrever um romance, apesar de já ter feito um com a minha vida.²⁰⁰

Tanto em Pereira da Silva quanto em José de Alencar encontra-se a vinculação da imaginação com o romance. A diferença é que, para o primeiro, há o acréscimo da ficção, enquanto que, para o segundo, é a memória que se faz presente. No entanto, a possibilidade da imaginação, como demonstra o excerto acima, é limitada, pois está relacionada a terceiros e não necessariamente ao coração daquele que fala. Além disso, ela não tem a exatidão como um de seus atributos; pelo contrário, ela erra e exagera, como diz o autor.

Por mais que não se julgue habilitado a escrever um romance, talvez por lhe faltar imaginação suficiente para isso, em *Como e porque sou romancista* o discurso é diferente.

Escrito em 1873, mas somente publicado vinte anos depois, esse texto autobiográfico de José de Alencar faz um relato sobre sua formação escolar e suas leituras, além de algumas respostas fortes a críticas feitas sobre ser *O guarani* mera imitação do escritor James Fenimore Cooper. Dirigido a um amigo, logo nas primeiras páginas do livro é possível constatar a importância da mãe de Alencar para a sua formação, sobretudo por ter lhe legado algo de extrema valia: “Mas não tivesse eu herdado de minha santa mãe a **imaginação** de que o mundo apenas vê as flores, desbotadas embora, e de que eu sómente sinto a chama

¹⁹⁹ ALENCAR, José de. Cinco minutos. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ano 36, n. 352, 23 dez. 1856. p. 1.

²⁰⁰ ALENCAR, José de. *O guarani*. Porto Alegre: L&PM, 2007. p. 5.

incessante [...]”.²⁰¹ Aliada à capacidade imaginativa, herdada do berço, está a leitura incessante e repetida, devido à escassez, durante a infância do escritor, de romances e novelas. Leitura e imaginação unem-se, portanto:

Foi essa leitura continuada e repetida de novellas e romances que primeiro imprimio em meu espirito a tendencia para essa fórma litteraria que é entre todas a de minha predilecção?

Não me animo á resolver esta questão psychologica, mas creio que ninguem constatará a influencia das primeiras impressões. [...]

Nosso repertorio romantico era pequeno; compunha-se de uma duzia de obras entre as quaes primavam a *Amanda e Oscar*, *Saint-Clair das Ilhas*, *Celestina* e outros que já não me recordo.

Esta mesma escassez, e a necessidade de reler uma e muitas vezes o mesmo romance, quiçá contribuiu para mais gravar em meu espirito os moldes dessa estrutura litteraria, que mais tarde deviam servir aos informes esboços do novel escriptor.²⁰²

Dessa junção do ato de ler e de imaginar, surge, quando o escritor tinha dezoito anos, a ideia de um romance chamado *Os contrabandistas*. Ao se referir ao livro inconcluso, José de Alencar o considerava como um “dos melhores e mais felizes de quantos me sugeriu a imaginação”, no qual ele, “conforme a disposição do espírito e a veia da imaginação, buscava entre todos o episodio que mais se moldava ás idéas do momento”.²⁰³ À medida que Alencar intensificava e diversificava suas leituras, sua capacidade criativa e imaginativa ia sendo realçada e seus romances adquiriam grau mais elevado de complexidade. Nesse breve percurso de alguns escritos do autor de *Iracema*, a importância da imaginação corrobora as afirmações anteriores de Pereira da Silva. No entanto, quais os limites e possibilidades dela quando o historiador se vê não mais escrevendo uma obra histórica, mas sim na condição de romancista no ato da escrita de um romance?

²⁰¹ ALENCAR, José de. **Como e porque sou romancista**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. p. 23. Grifo meu.

²⁰² Ibidem, loc. cit.

²⁰³ Ibidem, p. 36.

5 ENTRE A HISTÓRIA E O ROMANCE: ENTRE O FATO E A FICÇÃO

Em *Aspasia*, Pereira da Silva adverte o leitor quanto à inspiração que o fez escrever esse romance. Utilizando-se de uma linguagem metafórica, suas palavras são claras: “[...] **tudo quanto o livrinho encerra brotou dos sonhos encandecidos do imaginar**, assim como a agua rebenta do rochedo solitario e perdido no seio das brenhas”. Ou seja, para aqueles que viessem a ter contato com o livro que não esperassem “[...] peripecias dramaticas, lances de aventuras, suprezas de situações, sucessos imprevistos ou episodios pinturescos, que te agucem a curiosidade e entretenham as horas vagas e ociosas da vida [...]”, tampouco buscassem “[...] descobrir factos verdadeiros e reaes, trazidos agora á lume da imprensa [...]”.²⁰⁴

Muito diferente será o processo para a composição de *Jeronymo Cortereal: chronica do seculo XVI*. Publicado pela primeira vez em 1840 nas páginas do *Jornal do Commercio*, em formato de folhetim, vinte e cinco anos após sua primeira aparição nesse periódico, ele será lançado como livro. Ali, realidade e ficção se encontram. Quer dizer, para fazer a narrativa histórica do poeta quinhentista Corte-Real (1533-1588), Pereira da Silva recria contextos e cenários, porém mantendo aspectos da realidade social do período. Como Evandro dos Santos afirma, o romance também passa a ser usado com o objetivo de expor e criticar aspectos da realidade social. Ao analisar, ainda que de forma breve, *Eurico, o presbítero*, de Alexandre Herculano, Santos comenta uma nota de abertura presente na versão unificada do romance. Ali, o historiador português dizia que a imaginação viria a suprimir a história. Em síntese, com

[...] a ausência de maior número de documentos que descrevessem e fundamentassem a instituição de celibato e suas consequências nefastas, foco da crítica de Herculano ao longo do romance, a imaginação criativa seria o meio pelo qual esse questionamento poderia ser apresentado.²⁰⁵

Ainda seguindo a argumentação de Santos, tem-se nesse caso um exemplo daquilo que seria encontrado, em maior ou menor grau, nos oitocentos, isto é, “a função atribuída ao texto ficcional é correlata, mas também complementar, ao texto historiográfico”.²⁰⁶ Da mesma forma, também está presente, no que se refere à ficção histórica escrita pelo autor, a

²⁰⁴ SILVA, João Manuel Pereira da. *Aspasia*. Rio de Janeiro: R.L. Garnier, [18--]. p. i.

²⁰⁵ SANTOS, Evandro dos. *Ensaio sobre a constituição de uma ética historiográfica no Brasil oitocentista*: Francisco Adolfo de Varnhagen, o historiador no tempo. 2014. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. p. 115.

²⁰⁶ *Ibidem*, loc. cit.

importância da imaginação para a realização do seu intento. É como se os três aspectos que foram separados em *Aspasia* se reencontrassem aqui: realidade e ficção, tendo por base a capacidade imagética do escritor.

Poucas informações haviam chegado até o século XIX a respeito do poeta quinhentista Jerónimo Corte-Real. As notícias mais relevantes diziam que ele teria nascido em Lisboa e teria partido para a batalha de Alcácer Quibir, onde ficaria preso, sendo libertado posteriormente e acabando por falecer em Évora. Segundo algumas fontes, pertencente a uma família de nobres, assim como seus familiares, Corte-Real teria sido um militar, servindo na Índia e Marrocos. É, por conseguinte, a partir desse pequeno conjunto de referências sobre a vida do autor de *Naufração e lastimoso sucesso da perdição de Manuel de Sousa Sepúlveda e Dona Leonor de Sá sua mulher*, poema de 1594, que Pereira da Silva escreverá sua obra.

No prefácio do livro, o autor explica as mudanças entre as duas versões. Mudanças essas advindas das próprias transformações pelas quais passou o carioca de Iguçu:

Deixei de parte portanto o bom conselho dos mestres. Aproveitando algumas cousas, desprezando outras, e acrescentando-lhe episodios mais largos e variados, siga o livro o seu destino, tão mudado que de fôrma que quasi me parece outro, e não o mesmo filho querido dos meus vinte annos e das minhas primeiras inspirações litterarias.²⁰⁷

A seguir ele acrescenta:

Desmerecerá sem duvida na estima dos leitores. Não pertence mais ao sonho dourado da mocidade. Não nasceu inteiriço da razão e da experiencia. Será talvez o monstro de Horacio. Que lhe corra breve a vida, e seja-lhe leve a terra que lhe cobrir os restos!²⁰⁸

A frase de Pereira da Silva soa um pouco ambígua. Por um lado, a segunda edição da obra não era mais fruto dos arroubos da juventude, quando é mais fácil a ocorrência de erros e inexatidões, pois, nesse período da vida, os escritores “peccam pelo exagerado dos sentimentos, pelo basto em demasia da folhagem, e pelo desordenado da concepção [...]”. Por outro, mesmo passados vinte e cinco anos, *Jeronymo Cortereal: chronica do seculo XVI* não nasceu inteiramente da razão e da experiência. Será nessa ambivalência que o romance encontrará, pela pena do autor, equilíbrio.

²⁰⁷ SILVA, [18--], p. 3.

²⁰⁸ Ibidem, p. 3-4.

Tendo de um lado a história real, com suas lacunas e inexatidões, e do outro a imaginação aventureira para dar forma ao romance, é necessário dizer que esta última não opera livremente – conforme Pereira da Silva, em escritos posteriores, buscava deixar claro. Nesse sentido, de que maneira poder-se-ia afirmar a existência, aqui, de um controle do imaginário? O exame do romance escrito pelo historiador carioca poderá responder essa questão, ainda que de maneira parcial e incipiente, daquilo que foi elaborado e desenvolvido, de uma forma mais geral e teórica, por Luiz Costa Lima em suas obras.²⁰⁹ Alguns aspectos presentes em *Jeronymo Cortereal: chronica do seculo XVI*, por conseguinte, auxiliam-nos na tentativa de responder ao questionamento feito anteriormente.

Considerado por José Veríssimo o primeiro romance de ficção histórica brasileiro, há dois momentos do livro no qual Pereira da Silva, utilizando-se da imaginação na criação de novos acontecimentos, ou na ressignificação de antigos, parece conduzir o leitor a conclusões que ele, o historiador, gostaria que fossem feitas.

O primeiro caso encontra-se no terceiro capítulo da obra, em um encontro hipotético entre Corte-Real e o poeta português Camões.

Intitulado *O conselho*, nessa parte do romance Corte-Real vai ao encontro de Camões, após uma desavença com Lianor, sua amada, por conta da morte de seu irmão em um duelo com o poeta. Vagueando pelo centro de Lisboa, Jerónimo Corte-Real adentra um local descrito como “uma casa velha, baixa, pequena, já quase em ruínas, e que ameaçava desmoronar-se a cada momento”.²¹⁰ O quarto em que o autor de *Lusíadas* passava a maior parte de seu tempo estava longe do luxo e da glória que ele mereceria, dada sua importância para Portugal:

Escancarada a porta de entrada, que mal se escorava em esteios fracos e carcomidos pelo tempo, achou-se Cortereal em um quarto escuro, posto allumiado por uma miseravel condêa de ferro pendurada na parede. Uma mesa quebrada, um velho banco de pão duro e uma marquiza coberta apenas com uma esteira rota e quase negra, formavam-lhe toda a mobilia de que se ornava.²¹¹

Não muito diferente será a descrição referente a Camões:

Estendia-se sobre a marquiza um homem velho e gasto, não pela idade, mas pelos trabalhos da vida e desgostos do mundo. Esfarrapado capote de lã cobria-lhe o corpo, e deixava-lhe livre apenas a cabeça. Rugas immensas cortavam-lhe a

²⁰⁹ LIMA, Luiz Costa. **Trilogia do controle**: o controle do imaginário: sociedade e discurso ficcional: o fingidor e o censor. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

²¹⁰ SILVA, João Manuel Pereira da. **Jeronymo Cortereal: chronica do seculo XVI**. Rio de Janeiro : R.L. Garnier, 1865. p. 49.

²¹¹ *Ibidem*, p. 50.

physionomia, posto escondida sob longa e espessa barba ruiva e retorcido bigode. Brillava-lhe o olho esquerdo com fulgor extraordinario e reluzente chamma. Fechava-se o outro por fórma que se diria perdido para a luz do dia. Pairava-lhe por cima do rosto uma sombra melancólica, bem que serena e tranquilla.²¹²

No decorrer do diálogo, há dois assuntos principais. Por um lado, observa-se a queixa de Camões contra os homens que governavam e dirigiam a pátria portuguesa por conta do abandono que ele dizia sofrer. Esse aspecto é importante, já que muitas vezes o texto de caráter ficcional servia, dentro de uma concepção pragmática da história, para aproximar os homens de seu passado. Nesse sentido, o relato ficcional de um acontecimento histórico, no caso o abandono pelo qual teria passado Camões, serve para divulgar aspectos da história nacional, aqui em questão sobre Portugal. Não obstante, também poderia servir para o Brasil, como um alerta para a preservação da memória dos ditos heróis nacionais. Pereira da Silva leva seus leitores para um deslocamento no tempo, porém compreendendo o sentido que o passado poderia ter para o presente. Entre o apogeu e o declínio é onde se situa Luiz Vaz de Camões:

Em Ceuta, em Gôa, na China, em Mação e nas Molucas, provára com as armas o seu ardimento e denodo. Perdêra o olho direito em um combate naval. Naufragára na foz do rio Maconde. Mimoseára a patria, o mundo e as lettas com seu famoso poema dos *Lusiadas*, inspiração alterosa do espirito e do patriotismo. Desamparado pelo contemporaneos poderosos; reduzido á maior pobreza e miseria, isolado em uma choça desprezível, e privado de amigos, compellíra-o a indigencia a mendigar socorros de subsistencia aos frandes do convento de São Domingos, e ao Jáo fidelissimo que para elle esmolava nas ruas e praças de Lisboa, e que desde a India o seguíra, e partilhára a sua sorte mala venturada.²¹³

Outro assunto bastante presente na conversa entre os poetas não poderia deixar de ser os últimos acontecimentos que se passaram com Corte-Real. Este foi justamente ao auxílio de Camões para encontrar respostas sobre a atitude que deveria tomar e o rumo que poderia seguir. No desfecho do diálogo, ele encontra justamente isso ao decidir acompanhar o rei D. Sebastião rumo à África: “Atirou-se de novo aos braços de Camões, recebeu-lhe as despedidas, e partio promettendo a Deus consagrar-lhe seus ultimos dias de vida, combater pela religião e morrer pela patria”.²¹⁴

Ao longo da leitura do romance, Pereira da Silva conduz seus leitores através de cenários, acontecimentos e diálogos imaginados ou verídicos. É através da sua “razão e experiência”, conforme havia dito no prefácio da obra, que o autor se propõe a imaginar.

²¹² Ibidem, p. 51.

²¹³ Ibidem, p. 56.

²¹⁴ Ibidem, p. 63.

Nessa recriação de quadros históricos, em boa parte de *Jeronymo Cortereal* aparece a preocupação com aqueles que lutaram em favor da pátria, mas foram esquecidos pelos que dela se encarregavam naquele momento. O exemplo maior desse aspecto trata-se do poeta autor de *Lusíadas*.

Entrementes, o objetivo maior de Pereira da Silva, com seu romance, era recriar a gênese do poema *Naufrágio e lastimoso sucesso da perdição de Manuel de Souza Sepúlveda e Dona Leonor de Sá sua mulher*, poema datado de 1594. Isso acontece no último capítulo, chamado de *A agonia do poeta*. Resumidamente, já no fim de sua vida, Corte-Real manda chamar seu confessor e amigo frei Luiz de Souza até Quinta de Palma. Lá, Corte-Real escreve seu aclamado poema e dá adeus à sua vida. O fim da obra de Pereira da Silva encerra-se com um encontro entre os dois grandes escritores da língua e literatura portuguesa: Jerónimo Corte-Real e Manoel de Souza Coutinho.

Entre a história e o romance, ser romancista e ser historiador, essas não eram atividades incompatíveis. Cezar destaca que “nem sempre ser poeta romancista era incompatível com ser historiador; e ir de um gênero ao outro era uma opção, não uma impossibilidade intelectual”.²¹⁵ Pereira da Silva faz parte daquele conjunto de historiadores do século XIX que não se restringiram unicamente à produção de obras históricas. Foi, por conseguinte, por meio de uma análise mais ampla de seus trabalhos que se buscou observar, mapear e compreender a utilização da imaginação como recurso cognitivo para apreensão do passado.

²¹⁵ CEZAR, 2003, p. 74.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vida dividida entre o trabalho na advocacia, os debates parlamentares e a escrita histórica. Talvez sejam esses três aspectos que Pereira da Silva gostaria de ver ressaltados em sua biografia. Pode-se dizer que escrever sobre o outro implica, e muito, uma escrita sobre si mesmo, no sentido de que, por mais que estejamos concentrados em reproduzir o mais fidedignamente possível um retrato sobre um terceiro, há muito de nós mesmos naquilo que porventura venhamos a relatar sobre alguém. Isso vale tanto para o passado quanto para o período contemporâneo com as profusões de biografias escritas recentemente. Com *Plutarco brasileiro*, seu autor objetivava prestar um serviço ao país e fazer com que as gerações recentes tivessem modelos para se espelharem na constituição da nação. Não obstante, poder-se-ia indagar, quem sabe, o que o próprio historiador queria para si com a publicação do livro? Muito difícil encontrar essa resposta. Algumas hipóteses, contudo, podem já de antemão ser descartadas, tais como a concretização de mero desejo literário, a demonstração de uma possível erudição, o reconhecimento de seus colegas. Torna-se complicado responder esse questionamento levantado, porque ele relaciona duas dimensões que se fundem: o escritor e sua escrita. Quem escreve e por qual razão escreve? Nas memórias parlamentares de Pereira da Silva, lemos as difíceis lidas diárias com deputados e senadores e nas introduções de suas obras observamos as dificuldades admitidas em produzir trabalhos que pudessem ser úteis, em alguma medida, para as pessoas. É, porém, no momento em que os dedos encontram um papel mediado por algum instrumento que materializará aquele contexto que jamais alcançaremos. Podemos somente imaginar, assim como o autor teve de utilizar essa capacidade de criação que torna mais vívida cada palavra escrita, cada quadro histórico retratado em seu trabalho.

Imaginação. Recurso cognitivo importante para a apreensão do passado. O mapeamento dela nos trabalhos produzidos por Pereira da Silva nos deu, em boa parte, respostas e caminhos sobre a maneira como ele pensava esse tema. Imaginar não é inventar, pode-se ler nas entrelinhas do pensamento do historiador. Fontes, preocupação com a verdade dos fatos, pesquisa, meditação são para aqueles que se debruçam sobre o passado ferramentas importantes para combater falsidades e mentiras. As polêmicas levantadas em torno de boa parte da produção do autor de *Plutarco brasileiro* nos mostram as dificuldades de encontro de equilíbrio entre todos esses pressupostos.

Exposição do acontecimento. Tarefa do historiador, de acordo com W. von Humboldt. A dificuldade na execução desse objetivo está na fragmentação com que o passado chega até

nós. Quanto mais longínquo, maior torna-se o desafio. Por outro lado, há certo dever para com tempos pretéritos. As dimensões de tempo e espaço servem como fios condutores para dar ao indivíduo certa noção de identidade. Isso se faz presente em um nível mais particular, mas também em um plano mais geral e coletivo. Lembrar e registrar o que se passou, talvez não para que erros não se repitam, mas para conferir ao ser algum pertencimento, inclusive para até mesmo poder romper com ele. Enfim, em alguma medida existiu e existe ainda uma crescente demanda por história.

Biografar, imaginar, escrever. Encontramos todos em *Plutarco brasileiro*, especificamente dentro de uma escrita biográfica, várias menções à imaginação alheia e o processo de escrita sobre isso feito por Pereira da Silva. Um livro, composto em dois volumes, aparentemente nada acrescentaria de novo haja vista que muitas das biografias produzidas já tenham sido feitas por outros historiadores. A obra torna-se relevante, contudo, porque ela possibilita analisar mais detidamente esses três aspectos com que se iniciou esse parágrafo. E ao final desta dissertação, podemos esboçar uma resposta provisória sobre quem escreve e por qual razão escreve. Todos nós, de certa forma, escrevemos para dar vida e sentido às nossas existências. Narrar (outro nível da escrita, por assim dizer) é dotar de significado e preenchimento a vida. O historiador escreve para conferir inteligibilidade ao passado e, por consequência, à própria vida. Quem sabe essa não seja a resposta do carioca de Iguazu João Manuel Pereira da Silva?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes primárias:

BARBOSA, Januário da Cunha. Discurso. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, 1839, tomo I, p. 9-18.

BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. **Diccionario bibliographico brasileiro**. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional/Imprensa Nacional, 1883-1902. 7 v.

HUMBOLDT, Wilhelm von. Sobre a tarefa do historiador. In: MARTINS, Estevão de Rezende. **A história pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 82-100.

NIEMEYER, Conrado Jacob de. **Impugnação à obra do Exm. Sr. Conselheiro João Manoel Pereira da Silva**: Segundo periodo do reinado de D. Pedro I no Brazil: narrativa historica - 1871, na parte relativa ao commandante das armas e presidente da Commissão Militar da provincia do Ceará de 1824-1828. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/182929>>. Acesso em: 3 out. 2018.

PINHEIRO, José Fernandes Feliciano. Discurso. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, 1842, suplemento, p. 2-4.

SANTOS, Prezalindo Lery. **Pantheon fluminense**. Esboços biographicos. Rio de Janeiro: Tip. G. Leuzinger & Filhos, 1880.

SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario da língua portuguesa composto pelo padre Rafael Buteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva**. Disponível em: <www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00299210>. Acesso em: 3 out. 2018.

SILVA, Innocencio Francisco da. **Diccionario bibliographico portuguez**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1927.

SILVA, João Manuel Pereira da. **Aspasia**. Rio de Janeiro: R.L. Garnier, [18--].

_____. Estudos sobre a literatura. **Nitheroy: Revista Brasiliense, Sciencias, Letras e Artes**, tomo 1, n. 2, 1836.

_____. **História da fundação do Império brasileiro**. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1864-1868. 7 v.

_____. **Memórias de meu tempo**. Brasília: Senado Federal, 2003.

_____. Os romances modernos e sua influência. **Jornal dos debates, políticos e literários**, Rio de Janeiro, n. 32, 23 set. 1837.

_____. **Os varões illustres do Brazil durante os tempos coloniães**. Pariz: Livraria de A. Franck..., Livraria de Guillaumin..., 1858. 2 v.

_____. **Plutarco brasileiro**. Rio de Janeiro: Em Casa dos Editores Eduardo e Henrique Laemmert, 1847. 2 v.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1954.

Bibliografia geral:

ALENCAR, José de. **Como e porque sou romancista**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

ALENCAR, José de. Cinco minutos. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, ano 36, n. 352, 23 dez. 1856.

ALENCAR, José de. **O guarani**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

ARAUJO, Valdei Lopes de. **A experiência do tempo**: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845). São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

_____. Sobre a permanência da expressão *historia magistra vitae* no século XIX brasileiro. In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAUJO, Valdei Lopes de (Orgs.). **Aprender com a história?** O passado e o futuro de uma questão. Rio de Janeiro: FGV, 2011. p. 132-147.

BANN, Stephen. **The clothing of clio**: a study of the representation of history in nineteenth-century Britain and France. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

BENTIVOGLIO, Julio. Leopold von Ranke. In: MALERBA, Jurandir. **Lições de história**: o caminho da ciência no longo século XIX. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 133-141.

BERNARDES, Joana Duarte. **Para além da imaginação histórica: memória, morte, phantasia**. 2014. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra.

CALDAS, Pedro. Apresentação. In: MARTINS, Estevão de Rezende. **A história pensada**: teoria e método na historiografia europeia do século XIX. São Paulo: Contexto, 2010. p. 71-81.

CARDOSO, Eduardo Wright. **Cor local e a escrita da história no século XIX**: o uso da retórica pictórica na historiografia nacional. 2012. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Departamento de História, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana.

CEZAR, Temistocles. A retórica da nacionalidade de Varnhagen e o mundo antigo: o caso da origem dos tupis. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (Org.). **Estudos sobre a escrita da história**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006. p. 29-41.

_____. Fustel de Coulanges. In: MALERBA, Jurandir. **Lições de história**: o caminho da ciência no longo século XIX. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 307-317.

_____. **L'écriture de l'histoire au Brésil au XIX siècle**. Essai sur une rhétorique de la nationalité. Le cas Varnhagen. 2002. Tese (Doutorado) – EHESS, Paris.

_____. Lições sobre a escrita da história: as primeiras escolhas do IHGB. A historiografia brasileira entre os antigos e os modernos. In: DAS NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira; GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal; GONÇALVES, Marcia de Almeida; GONTIJO, Rebeca (Orgs.). **Estudos de historiografia brasileira**. Rio de Janeiro: FGV, 2011. p. 93-124.

_____. Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX. **Métis – História & Cultura**, v. 2, n. 3, jan./jun., 2003, p. 73-94.

COLANGES, Fustel de. Aula inaugural do curso de história da faculdade de Estrasburgo (1862). In: MALERBA, Jurandir. **Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 317-318.

_____. Regras de uma história imparcial. In: MALERBA, Jurandir. **Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 318-322.

DALL AGNOL, Rafael Terra. **O passado a serviço do presente: imaginação histórica no Brasil oitocentista (c. 1839-60)**. 2014. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

DE SOUZA, Adriana Barreto; LOPES, Fábio Henrique. **Entrevista com Sabina Loriga: a biografia como problema**. 2012. p. 26-37. Disponível em: <<http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/473>>. Acesso em: 3 out. 2018.

DICKENS, Charles. **Hard times**. Londres: Penguin Classics, 2003.

DIEHL, Astor Antônio. **A cultura historiográfica brasileira: do IHGB aos anos 30**. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

DOSSE, François. História e historiadores no século XIX. In: MALERBA, Jurandir. **Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 15-32.

ENDERS, Armelle. João Pereira da Silva, Francisco Adolfo Varnhagen et lês malheurs de l'histoire moderne du Brésil. **Revista de História (RH)**, edição especial, p. 115-129, 1. sem. 2010.

_____. **Os vultos da nação: fábrica de heróis e formação dos brasileiros**: Rio de Janeiro: FGV, 2014. p. 175-234.

GAY, Peter. **O estilo na história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GONZAGA, Tomás Antonio. **Cartas chilenas**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

_____. **Marília de Dirceu**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. **Historiografia e nação no Brasil: 1838-1857**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

_____. Prefácio. In: HARTOG, François. **O século XIX e a história: o caso Fustel de Colanges**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. p. 9-16.

_____. Entre as Luzes e o Romantismo: as tensões da escrita da história no Brasil oitocentista. In: _____ (Org.). **Estudos sobre a escrita da história**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

HARTOG, François. **Evidência da história: o que os historiadores veem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

_____. **O século XIX e a história: o caso Fustel de Colanges**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

_____. Plutarque entre les anciens e les modernes. In: PLUTARQUE. **Vies parallèles**. Paris: Gallimard, 2001. p. 9-49.

_____. **Regimes de historicidade: presentismo e experiência do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

KOSELECK, Reinhart. *Historia magistra vitae*. Sobre a dissolução do *topos* na história moderna em movimento. In: _____. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 41-60.

LIMA, Luiz Costa. O imaginário e a imaginação. In: LIMA, Luiz Costa. **O controle do imaginário & a afirmação do romance: Dom Quixote, As relações perigosas, Moll Flanders, Tristram Shandy**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 110-155.

_____. **Trilogia do controle: o controle do imaginário: sociedade e discurso ficcional: o fingidor e o censor**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

LORIGA, Sabina. Des possibilités d'une histoire biographique. In: CONFERÊNCIA IFCH/UFRGS, 25 set. 2006, Porto Alegre.

_____. **O pequeno x: da biografia à história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MALERBA, Jurandir. Prefácio. In: _____. **Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 7-14.

MARTINS, Estevão de Rezende. Introdução. In: _____. **A história pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX**. São Paulo: Contexto, 2010. p.7-14.

MATA, Sérgio da. Apresentação. In: MARTINS, Estevão de Rezende. **A história pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 187-201.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista**. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

_____. Biografia e *historia magistra vitae*: sobre a exemplaridade das vidas ilustres no Brasil oitocentista. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 22, n. 42, p. 273-294, dez. 2015.

RANKE, Leopold von. O conceito de história universal. In: MARTINS, Estevão de Rezende. **A história pensada**: teoria e método na historiografia europeia do século XIX. São Paulo: Contexto, 2010. p.202-216.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RODRIGUES, José Honório. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. In: _____. **A pesquisa histórica no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional/MEC, 1978.

SANTOS, Evandro dos. **Ensaio sobre a constituição de uma ética historiográfica no Brasil oitocentista**: Francisco Adolfo de Varnhagen, o historiador no tempo. 2014. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

_____. **Tempos da pesquisa, tempos da escrita**: a biografia em Francisco Adolfo de Varnhagen (1840-1873). 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e regimes de historicidade. **Métis – História & Cultura**, v.2, n.3, p. 57-72, jan./jun. 2003.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. A biografia antiga: o caso de Plutarco. **Métis – História & Cultura**, v. 2, n. 3, p. 23-34, jan./jun. 2003.

SOARES, Marcus Vinicius Nogueira. Um texto esquecido: Pereira da Silva e a gênese do romance brasileiro. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 31-41, 2003.

VOLTAIRE. Dictionaire Philosophique. In: _____. **Oeuvres complètes de Voltaire**: avec des notes et une notice sur la vie de Voltaire. Paris: Chez Firmin Didot Frères, Fils, 1857-1859. 13 v. Tome VII.

WHITE, Hayden. **Meta-história**: a imaginação histórica do século XIX. São Paulo: USP, 2008.

_____. O fardo da história. In: _____. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Edusp, 1994. p. 39-64.

ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. **O berço do cânone**: textos fundadores da história da literatura brasileira. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.